

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

PAULO AUGUSTO COLAÇO MONTE ALEGRE

Construtivismo Integrativo:  
Estudos sobre Instinto, Afeto e Cognição

SÃO PAULO

2009

PAULO AUGUSTO COLAÇO MONTE ALEGRE

CONSTRUTIVISMO INTEGRATIVO:  
ESTUDOS SOBRE INSTINTO, AFETO E COGNIÇÃO

Tese apresentada ao  
Instituto de  
Psicologia da  
Universidade de São  
Paulo para a obtenção  
do título de doutor em  
Psicologia.

Área de Concentração:  
Psicologia Social e do  
Trabalho.  
Orientadora: Zélia  
Ramoschi Chiarottino

SÃO PAULO

2009

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação  
Biblioteca Dante Moreira Leite  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Monte Alegre, Paulo Augusto Colaço.

Construtivismo integrativo: estudos sobre instinto, afeto e cognição / Paulo Augusto Colaço Monte Alegre; orientadora Zélia Ramozzi-Chiarottino. -- São Paulo, 2009.

224 p.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicogênese 2. Construtivismo 3. Etologia 4. Emoções 5. Estados emocionais 6. Epistemologia genética 7 Piaget, Jean, 1896-1980 I. Título.

BF701-706

FOLHA DE APROVAÇÃO

PAULO AUGUSTO COLAÇO MONTE ALEGRE

Construtivismo Integrativo:  
Estudos sobre Instinto, Afeto e Cognição

Tese apresentada ao  
Instituto de  
Psicologia da  
Universidade de São  
Paulo para a obtenção  
do título de doutor em  
Psicologia.

Área de Concentração:  
Psicologia Social e do  
Trabalho.  
Orientadora: Zélia  
Ramozzi Chiarottino

Aprovado em: \_\_\_\_\_

Banca Examinadora:

Prof. Dr.: \_\_\_\_\_

Inst: \_\_\_\_\_ Ass: \_\_\_\_\_

Prof. Dr.: \_\_\_\_\_

Inst: \_\_\_\_\_ Ass: \_\_\_\_\_

Prof. Dr.: \_\_\_\_\_

Inst: \_\_\_\_\_ Ass: \_\_\_\_\_

Prof. Dr.: \_\_\_\_\_

Inst: \_\_\_\_\_ Ass: \_\_\_\_\_

Prof. Dr.: \_\_\_\_\_

Inst: \_\_\_\_\_ Ass: \_\_\_\_\_

Dedico este trabalho à minha esposa,  
Maria José Yoshida.

#### AGRADECIMENTOS

Sinto uma profunda gratidão pelo carinho e ajuda que recebi de toda a minha família: minha esposa, meu pai e minha mãe, minha irmã, o Rui, a Cindy, o Elvis, meus avós, tios, meus primos, o Yoshida, meus amigos Rodrigo, Fernanda, Fernando, Priscille, Carla, meus amigos de infância Márcio, Fabinho, Antônio, Dorival e tantas pessoas queridas... Sou muito grato também a minha orientadora Zélia Ramozzi Chiarottino e outros mestres que me estimularam intelectualmente, sem os quais esta obra não seria possível.

"Em verdade, a visão do pensamento começa a enxergar com  
agudeza quando a dos olhos tende a perder sua força."

Platão

## RESUMO

Monte Alegre, Paulo Augusto Colaço. **Construtivismo integrativo: estudos sobre instinto, afeto e cognição**. 2009. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

O Construtivismo Integrativo apresentado neste trabalho busca contribuir para a criação de modelos teóricos mais abrangentes dos processos psicodinâmicos endógenos, interindividuais e sociais. Nossa base principal é a teoria de Jean Piaget (1896-1980), a partir de dois de seus enfoques principais: 1. A compreensão sistêmica integrativa da vida biológica e do psiquismo e 2. A perspectiva integradora e cooperativa na Epistemologia da Ciência. Procuramos aprofundar alguns temas que Piaget iniciou com brilhantismo, mas não teve tempo de continuar a desenvolvê-los, (já que a Filosofia da Ciência ocupou a maior parte de sua vida): a moralidade, a afetividade e a instintividade. Priorizamos noções e conceitos presentes em: "Biologia e Conhecimento"(1967), "A Formação do Símbolo na Criança"(1945) e "O Juízo Moral na Criança"(1932), dentre outras importantes obras que estudamos. Outros estudos nos deram base para construções teóricas: temas de Etologia, Neuropsicologia e Psicanálise. Enfocamos a interação indissociável entre funções e sistemas de esquemas cognitivos, afetivo-emocionais e instintivos que constituem as esquemáticas integrais e a psicogênese multifatorial. Analisamos processos que denominamos harmonizadores e desarmonizadores nas regulações psíquicas. Harmonias e desarmonias compõem-se de uma diversificada gama de interações de subestruturas: das transindividuais instintivas (funções de nutrição, reprodução, proteção, vínculo, etc) aos esquemas sofisticados da inteligência e moral operatórias. Partindo de concepções de Piaget sobre esquemas cognitivos (sensório-motores, simbólicos, formais, etc); esquemáticas afetivas e instintivas (de inibição, apetência, acasalamento, paternidade, proteção, raiva, ciúmes, etc); formulamos teorizações derivadas ou análogas. Adaptações e desadaptações psíquicas formam-se pela gênese de esquemas harmônicos e desarmônicos, com variações de intensidade, mobilidade, duração, frequência e competência; por assimilações registradoras e recuperadoras; sistemas de impulsionamento e refreamento; equiinstintualizações, superinstintualizações e subinstintualizações. Algumas psicopatologias são compreendidas como assimilações deformantes severas de esquemas afetivos. Deste modo, os processos psicoterapêuticos devem envolver harmonizações de esquemas desarmônicos, fortalecimentos de esquemas harmônicos, em processos afetivo-cognitivos ou integrais. Concepções piagetianas sobre os esquemas cognitivos, morais e afetivos também embasaram nossa compreensão dos esquemas transmissivos, receptivos, coletivos, éticos e políticos, envolvendo influências que promovem harmonizações ou desarmonizações individuais e sociais na (sexualidade, empatia, generosidade, etc). Nossa perspectiva integrativa de teorias psicobiológicas mostrou-se fértil para a evolução da Psicologia. Deste modo, uma compreensão mais global do Homem fortalece as perspectivas de uma Ciência voltada para o Bem coletivo.

Palavras-chave: Psicogênese. Construtivismo. Etologia. Emoções. Estados emocionais. Epistemologia genética. Piaget, Jean, 1896-1980.



#### ABSTRACT:

Monte Alegre, Paulo Augusto Colaço. **Integrative Constructivism: studies upon instinct, affect and cognition**. 2009. Thesis (Doctor's) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

Integrative Constructivism, as presented in this paper seeks to contribute to the creation of broader theoretical models of interindividual and social psychodynamic processes. Our mainstream basis is the theory developed by Jean Piaget (1896-1980), as arising from two of his main approaches: 1. The integrative and systemic comprehension of biological life and 2. The integrating and cooperating perspective present in his Epistemology (of Science). We sought to deepen academic knowledge of a few issues which Piaget brilliantly initiated but did not have time to continue to develop (as the Philosophy of Science took up most of his lifetime): morality, affectivity and instinctivity. We gave priority to notions and concepts found in "Biologie et Connaissance" (1967), "La Formation du Symbole chez L'Enfant" (1945) and "Le Judgement Moral chez L'Enfant" (1932), amongst other works that we have researched. Other studies provided us with basis for theoretical frameworks - namely, issues concerning Ethology, Neuropsychology and Psychoanalysis. We focused on the indissoluble interaction between cognitive, affective-emotional and instinctive functions and systems, which constitute the integral schematisms and the multifactor psychogenesis. We analyzed processes which we call harmonizing and disharmonizing, as concerns psychical regulations. Harmonies and disharmonies account for a diversified range of interactions of substructures: from transindividual instinctive ones (functions of nutrition, reproduction, protection, bond, etc.) to sophisticated schemes of operatory intelligence and morality. Basing ourselves upon Piaget's conceptions on cognitive schemes (sensorimotor, symbolic, formal schemes, etc.), affective and instinctive schematisms (concerning inhibition, feeding, mating, parenthood, protection, rage, jealousy, etc.), we have formulated either analogous or derived theorizations. Psychical adaptations and misadaptations develop through the genesis of harmonious or disharmonious schemes, with variations of intensity, mobility, duration, frequency and competence; through recording and retrieving assimilations; boosting and restraining systems; equiinstinctualizations, overinstinctualizations e underinstinctualizations. Some psychopathologies are understood as severe deforming assimilations of affective schemes. In this way, the psychotherapeutic processes should involve harmonization of disharmonious schemes, strengthening of harmonious schemes, in whole or affective-cognitive processes. Piagetian conceptions about cognitive, moral and affective schemes also based our understanding of transmissive, receptive, collective, ethical and political schemes, involving influences which promote forms of individual and social harmonization or disharmonization. Our integrative perspective toward psychobiological theories has proved fruitful to the evolution of Psychology. As a result, a more global understanding of the human being strengthens further perspectives toward Science that is committed to collective Good.

Key-words: Psychogenesis. Constructivism. Ethology. Emotions. Emotinal States. Genetic. Epistemology. Piaget, Jean, 1896-1980.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	PRÓLOGO	12
1.2	Apresentação	15
1.3	Algumas Questões Iniciais	20
1.4	A Construção e o Aprimoramento de Modelos Científicos em Psicologia	23
1.5	O valor parcial da metáfora em Ciência	32
1.6	Devemos buscar derivações conceituais a partir de teorizações de Jean Piaget?	33
2	O CONSTRUTIVISMO INTEGRATIVO	44
2.1	As Esquemáticas Instintivas e Afetivo-Cognitivas	44
2.2	Emoção, Afeto, motivação e sentimento	60
2.3	Exemplos e observações de esquemáticas integrais ou afetivo-cognitivas	61
2.4	"ALGUMAS BASES PARA A BUSCA DE CONCEITUAÇÃO DOS "ESQUEMAS INTEGRAIS""	64
2.5	A Ontogênese multifatorial e a Psicogênese por integrações combinatórias de fatores	65
2.6	Multifatorialidade X Linearidade no psicodinamismo	69
3	FUNÇÕES BIOLÓGICAS E PSÍQUICAS	73
3.1	O que é função em Biologia e Psicologia?	73
3.2	Funções gerais e específicas	75
3.3	Esquemas hereditários e inatos	79
3.4	Os Esquemas do Instinto	81
3.5	Instinto e Cognição: diferenças e analogias	87
3.6	O exemplo das relações entre instintos do apego e suas significações cognitivas	92
3.7	Funções excitatórias e inibitórias	98
3.8	Algumas categorias de excitação - inibição e seus níveis de reatividade	99
3.9	Sistemas de impulsionamento e refreamento afetivo	100
3.10	Impulsividade e refreabilidade	101

3.11 Super-atividades e sub-atividades	104
3.12 Funções comunicativas do afeto: a sinalização auto-e hetero-dirigida	106
4 CATEGORIAS DE ASSIMILAÇÃO PSÍQUICA	109
4.1 Assimilação e acomodação	109
4.2 Assimilações registradoras e recuperadoras	113
4.3 Eficácia das assimilações registradoras e recuperadoras	116
4.4 Assimilações inclusoras e exclusoras	117
4.5 Assimilações apetitivas e aversivas	120
5 EQUILIBRAÇÃO, ORQUESTRAÇÃO E HARMONIZAÇÃO	123
5.1 A regência psíquica	135
5.2 A motivação multi-fatorial regenciável	136
5.3 Instinto, Orquestração e Regência Harmonizadora	139
5.4 A Diversidade das Harmonias, desarmonias, Harmonizações e desarmonizações	141
5.5 Níveis de competência dos repertórios harmonizadores	148
5.6 Autonomia e Heteronomia	149
5.7 Harmonização por Saciação	151
5.8 Sincronismo e diacronismo	154
6 A HISTÓRIA DE VIDA E ALGUNS EXEMPLOS DA PSICOGÊNESE INTEGRAL	159
7 DESARMONIA E PATOLOGIA	165
7.1 As assimilações deformantes em geral	165
7.2 Assimilações deformantes traumáticas	167
7.3 Causas e conseqüências nas deformações	170
7.4 Aspectos herdados, aprendidos e construídos na desarmonia	173
7.5 Diferentes Vias de Desarmonização	175
7.6 Mobilidade e Rigidez	177
7.7 Algumas observações sobre patologia e tratamento, desarmonia e harmonização	182
8 CONSTRUTIVISMO E SOCIEDADE	190
8.1 Esquemáticas instintivas e afetivo-cognitivas nas trocas sociais	190

8.2 Os esquematismos e os sentimentos interpessoais e sociais	191
8.3 Ações, esquemas e sentimentos sociais cooperativos e morais	193
8.4 Empatia, Comoção, Compaixão e Generosidade	196
8.5 A cultura afetando instintos: Sub, super instintualização e harmonização social dos instintos	200
8.6 Harmonia e desarmonia social nas esquemáticas culturais: Os Ambientes sociais eticizantes e anti-eticizantes	201
9 CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	206
9.1 Inteligência Política e Sentimento Político	215
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	218

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 PRÓLOGO

Ela canta, pobre ceifeira,  
Julgando-se feliz talvez;  
Canta, e ceifa, e a sua voz, cheia  
De alegre e anônima viuvez,

Ondula como um canto de ave  
No ar limpo como um limiar,  
E há curvas no enredo suave  
Do som que ela tem a cantar.

Ouvi-la alegre e entristece,  
Na sua voz há o campo e a lida,  
E canta como se tivesse  
Mais razões pra cantar que a vida.

Ah, canta, canta sem razão!  
O que em mim sente está pensando.  
Derrama no meu coração  
A tua incerta voz ondeando!

Ah, poder ser tu, sendo eu!  
Ter a tua alegre inconsciência,  
E a consciência disso! Ó céu!

Ó campo! Ó canção! A ciência

Pesa tanto e a vida é tão breve!

Entrai por mim dentro! Tornai

Minha alma a vossa sombra leve!

Depois, levando-me, passai!

O magnífico Fernando Pessoa (1888-1935), neste belíssimo poema, abre um interessante e rico caminho para as nossas idéias. Além da inspiração de pensamentos e sentimentos que ele nos proporciona, atentemos, em especial para um verso: "O que em mim sente está pensando". Ele diz algo essencial para as nossas reflexões: Pessoa expressa um universo de mil facetas, uma amplitude profunda e alta que não poderemos analisar neste estudo. Tentemos, então, nos contentar com pequenas observações iniciais: não parece que a personagem do poema percebe em si uma espécie de indissociabilidade de seus pensamentos e sentimentos? Não nos parece que esta forma de ser lhe pesa, em certa medida, e que lhe faz desejar ser uma ceifeira, ao mesmo tempo, mais leve, alegre e triste? Não seria o caso, além disto, de uma interação complexa entre inconsciência e consciência?

Não nos preocupemos com a qualidade destas nossas análises. Gostaríamos apenas de despertar em você bastante curiosidade e vontade de mergulhar nos caminhos construtivistas integrativos que tentamos desbravar. Fazemos apenas um comentário bastante breve sobre este poema porque a Ciência,

supomos, consegue ainda explicar pouco do que acontece em toda a complexa alma humana, inclusive nas suas inquietantes criações artísticas. A poesia, como a Arte em geral, parece apreender a alma de forma mais completa porque suas intenções e sua linguagem são mais livres, abrindo-se para intuições muitas vezes verdadeiras e sábias, mas que a Ciência não pode admitir completamente em seus rigores necessários. A Lógica e a verdade não gozam tanto destas delícias de liberdade. Entretanto, podemos tentar compensar estas faltas, através de contribuições diferentes.<sup>1</sup> Há invenções e descobertas científicas usadas construtiva e destrutivamente, que nos podem dar alegria ou pesar, mas sua contribuição essencial pode muito servir à proteção da Natureza, da vida, do planeta e ao fomento da Ética e da Justiça maior. Conhecer a psique mais integralmente pode ser um instrumento neste sentido. A Psicologia deve servir ao Bem do indivíduo e da coletividade e o bem de um não pode existir sem o bem do outro. Arte e Ciência podem ser parceiras amigas e cooperativas. Vamos tentar, ao percorrer este texto, compreender um pouco mais nosso interior e nossos semelhantes, especialmente os humanos, mas sem desprezar nossos outros "parentes filogenéticos", animais de admiráveis, variadas e curiosas espécies

---

<sup>1</sup> Obs:

A pedido de minha orientadora Zélia Ramozzi Chiarottino preciso deixar aqui assinalado nossa discordância em relação ao emprego e significado da palavra 'schème', usada por Piaget em sua obra, enquanto termo do vocabulário francês e enquanto conceito científico por ele criado, como epistemólogo da Biologia, para marcar a ruptura do sujeito do conhecimento com o instinto.

O que mais especialmente pode nos inspirar nesta poética, é uma percepção inicial que se delineará como uma espécie de centro norteador de idéias: a indissociabilidade entre afeto e cognição no psiquismo, posição assumida por Jean Piaget (1896-1980) em inúmeras passagens de sua obra, como veremos adiante. Mas quase dois milênios e meio antes, Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) já nos ensinava:

Sobre [a alma], já existem considerações adequadas o bastante nos nossos escritos para o público; e a elas devemos recorrer agora. Por exemplo: que a alma é constituída de uma parte racional e de outra privada de razão. [Existe a questão sobre] Se estas partes são distintas como as partes do corpo ou de qualquer coisa divisível, ou se são distintas por definição, mas inseparáveis por natureza, como os lados côncavo e o convexo na circunferência de um círculo, [...] (335 a.C.-323 a.C., p. 37).

## **1.2 APRESENTAÇÃO**

Este título "Construtivismo Integrativo" pode parecer um pouco intrigante e merece algumas considerações preliminares. À primeira vista pode dar a impressão de que estamos ousando tentar fundar uma "nova escola construtivista", mas como veremos adiante, o adjetivo "integrativo" já é uma característica fortemente presente na obra piagetiana. Mais a frente veremos como Piaget defende uma Ciência que integre conhecimentos de ramos diversos, caminho inescapável na evolução do conhecimento. O Construtivismo de Piaget já é integrativo. Apenas tentamos esclarecer e aprofundar algumas integrações e dar um título que nos parece um "emblema" importante para os leitores. "Construtivismo Integrativo" seria, portanto, se assim podemos dizer, uma "propriedade intelectual" e teórica do próprio Piaget, mesmo que assim não



tenha sido denominado por ele. Este título é, enfim, um nome de uma abordagem consagrada por Jean Piaget e que deve merecer apoiadores, como nós.

A Psicologia científica é jovem e bem mais complexa que tantas outras Ciências, como a Matemática, a Física ou a Física. Por ser assim jovem, é natural que ainda possua muitos aspectos que podem integrar-se, evoluir no sentido de assimilações integrativas de aspectos. O Construtivismo de Jean Piaget representa um marco valioso nos conhecimentos do psiquismo, inclusive e especialmente pela pesquisa minuciosa das integrações cognitivas que se vão construindo na mente humana. Piaget elaborou um estudo detalhado da Construção Cognitiva, observando seus filhos desde o nascimento, desde as primeiras mamadas até seus pensamentos mais elaborados, em idades mais adiantadas. Estudou, também com minúcia, as idéias de crianças e jovens tentando compreender a Força da Gravidade, transformações de volumes e até a evolução dos pensamentos morais, desde idades precoces até a adolescência.

Piaget foi um profundo epistemólogo e cientista da Psicologia, da Sociologia, da Biologia, da Matemática, da Física, da Filosofia e tantos ramos complexos. Ele construiu um corpo teórico importantíssimo, que exige da Psicologia contemporânea seu estudo pormenorizado e seu aproveitamento para a criação de "novas Psicologias", mais completas, mais integradas, cada vez mais firmes epistemologicamente. Piaget trabalhou sempre como um verdadeiro cientista: defendia e

possuía objetividade, fazia observações bem planejadas, partia de boas hipóteses e chegava a conclusões realmente necessárias ao nosso campo de pesquisa. Devemos especialmente tentar buscar estas inspirações, para a formulação de uma Psicologia que saiba evoluir a partir das teorias que possuem conhecimentos ricos sobre a psique humana. Esperamos que nossas intenções neste sentido tenham sido bem sucedidas.

Nosso trabalho visa principalmente tentar elucidar ou estudar em maior minúcia as organizações instintivas e afetivas, as motivações humanas e temas afins, sobre os quais Piaget dedicou muito menos páginas do que as que tratam dos aspectos cognitivos. Mas, mesmo tendo dedicado menor tempo refletindo sobre o afeto e os instintos, isto não era, para ele, um tema sem importância, como veremos adiante em muitas de suas citações.

Vejamos, então, um quadro resumido dos nove capítulos deste nosso estudo:

No primeiro capítulo apresentaremos algumas perguntas muito sucintas, mas fundamentais para a Ciência da Psicologia. Essas questões são motivações essenciais da nossa pesquisa teórica. As buscas de respostas para estes problemas exigem reflexões sobre o que é a Construção de Modelos científicos, o que faremos também sucintamente. Apresentaremos, a título de exemplo, um detalhe da teoria piagetiana que nos permitiu tentar criar evoluções para o Construtivismo.

O Segundo capítulo faz uma apresentação mais ampla disto que denominamos Construtivismo Integrativo. Tentaremos mostrar que o próprio Piaget possuía uma concepção integrativa da Ciência e do dinamismo psíquico. A indissociabilidade da afetividade e da cognição na experiência humana ressalta a importância de se buscar uma conceituação das ESQUEMÁTICAS INTEGRAIS ou AFETIVO-COGNITIVAS. Tratamos, portanto, das motivações e sentimentos humanos que se interligam em nossos pensamentos. Apresentando alguns exemplos de observações e condutas reais, tentaremos mostrar que afeto e cognição são compostos por fatores diversificados que se integram em processos simultâneos e consecutivos. Isto é o que denominaremos a "Psicogênese por Integrações Combinatórias de Fatores".

O capítulo 3 apresenta a compreensão de Piaget em relação aos instintos animais, especialmente sobre aquilo que denomina "esquemas do instinto". Além de Piaget, alguns temas da Etologia e da Ecologia visam dar noções de funções biológicas e psíquicas: funções de excitação e inibição, apetite e aversão, o exemplo do "Apego", etc. Além disto, tentamos criar algumas compreensões nestes ramos, como a dos sistemas de impulsionamento e refreamento, as superexcitações e superinibições, etc. Por fim, podemos buscar entender que as funções e os fatores psíquicos diversos compõem uma rede de interligações comunicativas endógenas e exógenas com finalidades adaptativas, mas que podem sofrer desadaptações.

No quarto capítulo formulamos algumas categorias que se acrescentam ou se aprofundam no conjunto já variado de tipos de assimilação psíquica: assimilações registradoras e recuperadoras, inclusoras e exclusoras, etc.

O capítulo 5 apresenta nossa concepção de HARMONIA e DESARMONIA PSÍQUICA e sua característica ORQUESTRAL REGENCIÁVEL. Esta compreensão envolve uma gama bastante diversificada de atividades psíquicas: mobilidade versus rigidez, autonomia versus heteronomia, desejo versus saciação. Estes são alguns exemplos de aspectos que compõem os processos de HARMONIZAÇÃO e DESARMONIZAÇÃO.

No capítulo 6 fazemos uma breve reflexão e exemplificação de aspectos da história de vida do Homem, suas etapas e características psicogenéticas afetivo-cognitivas.

O sétimo capítulo é dedicado ao tema das patologias psíquicas, das desarmonias e desarmonizações. Fazemos uma generalização do conceito piagetiano de assimilação deformante cognitiva, relacionando-a com as deformações afetivas e traumas. Tentamos elucidar algo sobre a diversidade de causas destas ocorrências desadaptativas do psiquismo humano. Fazemos, também, breves observações sobre aspectos harmonizadores nas psicoterapias.

O Construtivismo como base para a Psicologia Social é estudado no capítulo 8, onde tratamos das ESQUEMÁTICAS INTERPESSOAIS e GRUPAIS, dos ESQUEMAS TRANSMISSIVOS e RECEPTIVOS e, por fim, da participação das construções afetivas

e cognitivas nos processos morais, nos ESQUEMAS ÉTICOS E POLÍTICOS.

O capítulo 9 apresenta algumas conclusões, considerações finais e sugestões de continuidade de pesquisas que podem advir deste trabalho.

### **1.3 ALGUMAS QUESTÕES INICIAIS**

No início deste estudo, vamos refletir sobre algumas questões elementares e centrais da Linguagem e da Construção de Conceitos na Ciência da Psicologia:

A Psicologia tem problemas conceituais e de linguagem? Vivemos, de certa forma, numa Babel?

A Ciência psicológica precisa criar conceitos mais sólidos?

Estas criações deveriam ser úteis à comunicação entre vários ramos: a Clínica, a Psicologia do Desenvolvimento, Social, a Etologia, a Educação, etc?

Quais podem ser estas linguagens mais precisas e universais?

Na busca desta Linguagem, não será imprescindível a criação de uma rede de conceitos e o aproveitamento de conceitos epistemologicamente consolidados?

O Construtivismo de Jean Piaget e alguns elementos de Psicobiologia possuem bases importantes para a solução destes problemas?

Será importante apresentar, logo neste início, uma compreensão sobre a linguagem natural, científica e matemática.

Diz Granger que:

[...] poderíamos dizer que o simbolismo lógico-matemático é a tematização e a explicação como objeto do pensamento, de uma organização imposta à organização gramatical do discurso natural e, em particular no seu uso científico. A informação veiculada por tais simbolismos não consiste em uma alusão pura e simples a objetos (...), mas, a sistemas de operações que podem ser modelos matemáticos axiomatizados ou modelos apenas formalizados em linguagem matemática ou, em um nível mais simples, a modelos cujos sistemas são ainda expressos em linguagem natural. Nesse último caso, há uma sintaxe formada por sistemas de conceitos precisos que facilitam a comunicação. (Granger, 1979, p. 52-53).

Neste trabalho estamos, entre outras coisas, buscando apresentar esclarecimentos e aprofundamentos em uma linguagem científica para a Psicologia, uma rede de compreensões e conceitos construtivistas e biopsicológicos que podem dar algumas bases para a criação de novos conceitos relativos ao dinamismo psíquico, mais integralmente. Tentamos mostrar que a Psicologia pode se beneficiar com esta busca de linguagens mais comunicáveis entre ramos e autores diversos. A inexistência de uma semântica apreensível a vários setores de Ciências inter-relacionadas é análoga à idéia de um congresso em que todo palestrante fale apenas sua língua, própria, incompreensível a qualquer ouvinte. Neste sentido podemos fazer uma analogia entre o estado atual da Psicologia e a idéia de uma "Babel teórica".

Percebemos a importância de retomar, "iluminar" ou dar destaque a idéias piagetianas que não exatamente fazem parte de sua "teoria principal" (a psicogênese da cognição, que usa conceitos como esquemas sensório-motores, simbólicos,

operatórios, etc). Fazemos análises de temas menos desenvolvidos por Piaget, como os dos esquemas afetivos (esquemas ligados a sentimentos relativos ao próprio corpo, aos desejos, os esquemas paternos, etc), inspiradoramente apresentados em "A Formação do Símbolo na Criança" (1945). Os "esquemas morais" (dos juízos heterônomos aos autônomos, dos egocentrados aos descentrados e da moralidade retributiva à distributiva) são detalhadamente estudados e objetivamente investigados no livro "O Juízo Moral na Criança", de 1932.

Outro campo menos prioritariamente focado por alguns estudiosos de Piaget são os temas do instinto, brilhantemente tratados na obra "Biologia e Conhecimento" (1967) que terá maior destaque neste trabalho. A partir de explicações de Piaget sobre "esquemas instintivos" (esquemas de proteção, de nidificação, acasalamento, agressão, etc), tomando como origem esta linguagem, estas noções ou conceitos expostos por ele, tentamos realizar algumas derivações teóricas (no sentido de que partimos de conceitos consagrados e esclarecemos estas fontes) e criar algumas denominações com explicações nossas, que parecem inovadoras (como os "esquemas integrais afetivo-cognitivos", os "esquemas traumáticos, traumatizadores e traumatizados", etc. Tanto estas fontes conceituais piagetianas serão citadas e referenciadas adiante quanto nossas criações serão, o mais que pudermos, detalhadas.

Tentamos orientar nossas idéias pelo modo como Piaget compreende o valor da cooperação e da objetividade de equipes científicas. Vejamos o que ele diz:

A reflexão especulativa não corre [...] somente o risco de voltar as costas à verificação, pelo impulso da improvisação subjetiva: a pessoa humana não conseguindo jamais produzir senão em simbiose com outrem, mesmo na solidão do trabalho interior, é preciso, ou bem adotar sistematicamente um método de cooperação, como na produção científica, onde não se conquista a verdade senão pelo controle de inúmeros parceiros no terreno dos fatos como da dedução, ou o eu, acreditando-se livre, sofre inconscientemente os contágios ou as pressões do grupo social, o que não é mais válido, pois o sociocentrismo como o egocentrismo são antípodas da cooperação racional. (Piaget, 1965b, p. 205).

Piaget diz, também, algo que devemos tomar como uma espécie de "regra de humildade", que, como supomos, deveria ser parte do conhecimento científico em geral e especialmente deste trabalho:

A hipótese que nos dirigirá é ao mesmo tempo muito simples e de uma banalidade completa. Nem por isto deixará de servir para esclarecer muitos pontos, porque temos ficado, ao que nos parece, muito longe de tirar dela todas as conseqüências que comporta. (Piaget, 1967, p. 37).

Neste mesmo sentido, vejamos outro pensamento valioso de um dos cientistas mais brilhantes de todos os tempos. Charles Darwin (1809-1882) nos alerta, a respeito da complexidade do cérebro: "Este tema é bastante obscuro, mas pela sua importância merece ser abordado com algum vagar; e é sempre recomendável perceber claramente nossa ignorância." (1872, p. 71).

#### **1.4 A CONSTRUÇÃO E O APRIMORAMENTO DE MODELOS CIENTÍFICOS EM PSICOLOGIA**

A Psicologia tem uma tarefa desafiadora: construir modelos gradativamente mais aperfeiçoados do psiquismo, abrangendo sua



estruturação intelectual, suas dinâmicas de ordem afetiva e ainda os processos de troca social. Não resta dúvida que esta é uma meta de grande dificuldade, mas qualquer modelo científico sofre avanços progressivos e só tem o poder parcial de explicar certos fenômenos compreensíveis em sua época. Consideremos as seguintes explicações de Zélia Ramozzi Chiarottino:

A objetividade científica, como afirma o próprio Piaget, não é um estado, mas sim um processo. Isso quer dizer que não existem intuições imediatas que alcancem o objeto de maneira válida, como pretendem os empiristas ingênuos, mas que a objetividade supõe um encadeamento de aproximações sucessivas, isto é, supõe uma estratégia no sentido de descobrir a estrutura do fenômeno. A objetividade como um processo pressupõe, ainda, uma dialética por intermédio da qual nos aproximamos cada vez mais da verdade. (A verdade é sempre o objetivo a ser alcançado, mas que em definitivo não se alcança nunca). Nesse sentido, a objetividade científica dá lugar à criação de modelos sucessivos para explicar a mesma realidade. O estabelecimento do modelo, como já dissemos, consiste numa estratégia em relação ao ser, é uma aposta que o homem faz com a natureza. (1972, p. 85-86).

O estabelecimento de um modelo é a tentativa de estruturar um fenômeno do qual só se conhece a aparência. O modelo nesse sentido é abstrato, não está no mesmo plano dos fenômenos observados, não é elemento ou aspecto do ser, constitui-se num 'mis-en-forme' por meio de um sistema simbólico. (Ibid., p. 85).

Acreditamos que o modelo piagetiano do funcionamento mental pode dar bases importantes para a criação de um modelo mais abrangente do psiquismo humano. As razões que nos levam a considerar este modelo da cognição importante para nossos avanços são várias: em primeiro lugar, possui uma grande qualidade epistemológica, aproveitando da Biologia elementos indispensáveis para estas construções teóricas. Uma Psicologia científica, de forma geral, não deveria dispensar as grandes noções da teoria da Evolução, as análises objetivas da morfogênese adaptativa, da necessidade de organização funcional dos seres vivos, em geral, e da espécie humana, em particular. A Biologia tem um repertório imenso de conhecimentos sobre como

a vida cria formas diversas de solução de problemas adaptativos importantes e o próprio cérebro humano não poderia ser concebido, em sua essência e generalidade, senão a partir da própria noção de adaptação vital. Isto é algo que Piaget revela em sua compreensão da vida afetiva, do instinto e nos seus estudos sobre a cognição humana (a inteligência racional segue princípios biológicos adaptativos, tanto no seu curso filogenético quanto em sua ontogênese, assim como existe uma lógica na instintividade animal e na esquemática afetiva humana).

Apesar de Piaget ter estudado com detalhamentos interessantes a Epistemologia e a História da Biologia, apresentaremos nesta introdução, apenas dois pequenos exemplos deste gênero. A riqueza admirável da Biologia é bastante antiga. Já em Aristóteles notamos uma espécie de "primórdio ou prenúncio de Etologia: "[...] dizemos que mesmo alguns animais inferiores têm sabedoria prática, por exemplo, aqueles que têm um certo poder de previsão no que concerne à sua vida." (335 a.C.-323 a.C., p. 134).

E também em Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), em seu "Discurso Sobre a Origem da Desigualdade" (1754, p. 24-25), temos idéias de um tipo de "proto-Psicologia Comparativa e Animal", abrangendo sutilmente "cognição e afeto". Ele entende que existe um:

[...] princípio que Hobbes não percebeu e que, tendo sido dado ao homem para suavizar em certas ocasiões a ferocidade de seu amor próprio ou o desejo de se conservar antes do nascimento desse amor, tempera o ardor que ele tem por seu bem-estar com uma repugnância

inata de ver sofrer seu semelhante. Não creio ter contradição alguma que temer concedendo ao homem a única virtude natural que o detrator mais extremado das virtudes humanas é forçado a reconhecer. Refiro-me à piedade, disposição conveniente a seres tão fracos e sujeitos a tantos males como nós; virtude tanto mais universal quanto mais útil ao homem que precede nele ao uso de toda reflexão, e tão natural que os próprios animais dão, às vezes, sinais sensíveis dela; sem falar da ternura das mães pelos filhos e dos perigos que afrontam para defendê-los, observamos todos os dias a repugnância que têm os cavalos em pisar um corpo vivo. Um animal não passa sem inquietação perto de um animal morto de sua espécie: alguns lhes dão mesmo uma espécie de sepultura; e os tristes mugidos do gado, ao entrar no matadouro, anunciam a impressão que ele recebe do horrível espetáculo que o comove. Vê-se, com prazer, o autor [de] Fábulas das Abelhas, forçado a reconhecer o homem como um ser compassivo e sensível [...].

Após tão admiráveis considerações, retornemos ao tema do valor epistemológico do modelo piagetiano do funcionamento mental: sua construção teórica tem como apoio um campo imenso de observações diretas da conduta humana: ele descreve minuciosamente atos de seus filhos, ainda bebês, desde as primeiras mamadas, realizando gestos dos mais elementares aos de grande complexidade sensório-motora, das expressões vocais rudimentares aos conceitos sobre o mundo. Piaget pretendeu compreender o dinamismo cognitivo humano e, para isto, fez uso de observações diretas de bebês, crianças e jovens agindo e falando inteligentemente. Este autor teve a virtude de criar uma Psicologia brilhantemente objetiva.

Apresentaremos a seguir, uma série de citações de Piaget, fundamentais para dar base às nossas idéias futuras. De maneira sucinta Piaget comenta em uma entrevista:

Jean-Claude Bringuier. - quando alguém o ouve falar de afetividade, por exemplo, o senhor personifica um pouco o parente pobre da psicologia dizendo que ela se torna um simples motor.

Jean Piaget - Mas de modo algum! É um problema que a meu ver hoje nos ultrapassa e sobre o qual se poderá dizer coisas inteligentes em cinquenta anos, porque é bem difícil, e não se tem dela elementos neurológicos. (Bringuier, 1977, p. 74-75).

Agora tratando de maneira mais detalhada sua compreensão da Ciência como uma Construção integradora, sistêmica, por entrelaçamentos coordenáveis e complementares de ramos de investigação, Piaget expõe as seguintes formulações:

[...] a conclusão essencial que se desprende de nossos sucessivos exames é que o estudo das estruturas não poderia ser exclusivo e não suprime, notadamente nas ciências do homem e da vida em geral, nenhuma das outras dimensões da pesquisa. Bem ao contrário, esse estudo tende a integrá-los, e da maneira pela qual se fazem todas as integrações no pensamento científico: pelo modo da reciprocidade e das interações. Em toda parte onde constatamos um certo exclusivismo em posições estruturalistas particulares, os capítulos seguintes ou precedentes nos mostraram que os modelos dos quais nos servimos para justificar essas limitações ou endurecimentos estavam evoluindo precisamente em um sentido contrário àquele que se lhes atribuía. (Piaget, 1968, p. 112, grifo nosso).

Segundo Piaget, é necessário buscar estas "integrações" entre disciplinas, com a prudência de compreender que este processo tende a ser provisório, por construções que exigirão mais e mais trabalho. Estas idéias também são reveladas nas considerações adiante:

[Uma de] nossas conclusões gerais é que, por seu próprio espírito, a pesquisa das estruturas só pode desembocar em coordenações interdisciplinares. A razão bem simples disto é que, querendo falar de estruturas em um domínio artificialmente restrito, como o é sempre uma ciência particular, é-se levado, bem depressa, a não mais saber onde situar o ser da estrutura, já que, por definição, ela jamais se confunde com o sistema das relações observáveis, as únicas bem delimitadas na ciência considerada. Por exemplo, Lévi-Strauss situa suas estruturas em um sistema de esquemas conceituais a meio caminho das infra-estruturas e das práticas ou ideologias conscientes, e isso porque "a etnologia é primeiro uma psicologia". No que tem muita razão, uma vez que o estudo psicogenético da inteligência mostra, igualmente, que a consciência do sujeito individual não contém, de modo algum, os mecanismos de onde tira sua atividade e que o comportamento implica, ao contrário, a existência de estruturas que dão conta, sozinhas, de sua inteligibilidade: e além disso, são as mesmas estruturas de grupo, de rede, de agrupamento, etc. Contudo, se nos perguntassem onde situamos essas estruturas, responderíamos, transpondo o propósito de Lévi-Strauss: a meio caminho entre o sistema nervoso e o próprio comportamento consciente, "porque a psicologia é primeiro uma biologia". E poder-se-ia continuar, talvez; mas como as ciências formam um círculo e não uma série linear, descer da biologia à física significa remontar, em seguida, desta às matemáticas e, finalmente, voltar... ao homem, digamos, para não decidir entre seu organismo e seu espírito. (Ibid., p. 112-113).

Em suma, o estruturalismo é um método e não uma doutrina, ou na medida em que se torna doutrinário, conduz a uma multiplicidade de doutrinas.

Enquanto método não pode senão ser limitado em suas aplicações, o que significa que, se é conduzido por sua própria fecundidade a entrar em conexões com todos os outros métodos, supõe outros e não contradiz em nada as pesquisas genéticas ou funcionais que, ao contrário, vem reforçar com seus potentes instrumentos em todas as zonas limítrofes onde o contato se impõe. Enquanto método é, por outro lado, aberto, o que significa que recebe no curso de suas trocas talvez não tanto quanto dá, uma vez que é o recém-chegado ainda rico de imprevistos, mas um conjunto importante de dados a integrar e novos problemas a resolver. (Ibid., p. 116-117).

[...] todas as formas atuais do estruturalismo nas diferentes disciplinas estão, sem dúvida, prenhes de desenvolvimentos múltiplos e, como ele é solidário de uma dialética imanente, pode-se estar seguro de que todas as negações, desvalorizações ou limitações que alguns de seus partidários acreditaram dever deduzir dele, em relação a posições que julgavam incompatíveis com ele, corresponderão precisamente aos pontos cruciais onde as antíteses são sempre superadas pelas novas sínteses. (Ibid., p. 117).

Uma das convicções que nos levam a propor temas que podem vir a ser contribuições para o Construtivismo é que a obra piagetiana não pretendeu ser uma teoria absolutamente completa e acabada. Tomamos como uma característica que deve ser essencial neste trabalho, a seguinte reflexão:

Vemos que os modestos fatos reunidos nesta obra, se nos permitiram resolver algumas pequenas questões que estavam em suspenso, contêm ainda problemas mal resolvidos, e se esta constatação, com razão, inquietar os leitores por mais pacientes que sejam, ela nada tem de desencorajadora para o pesquisador cuja 'déformation professionnelle' [modo de pensar adquirido no exercício de uma profissão] conduz a considerar os novos pontos de interrogação como sendo mais preciosos do que as soluções encontradas. (Piaget, 1974b, tradução nossa).

Após algumas expressões "socráticas" de Piaget (pela humildade racional que atinge), vamos partir para temas mais estritos: a Psicologia vem trabalhando para compreender as "dinâmicas mais gerais do psiquismo", as emoções, os afetos, as patologias, suas soluções possíveis, etc. Não podemos negar que estes esforços dependem de contribuições de várias disciplinas do conhecimento que nos envolvem: a Etologia, a Ecologia, a Neurologia, a Sociologia, a Psicanálise e tantos outros ramos.

As teorias científicas têm, freqüentemente, muitas noções provisórias, elementos corretos e incorretos, universos explicados e por explicar. Buscamos contribuir para a construção de modelos do psiquismo humano, tentando integrar alguns de seus subsistemas e aspectos: cognição e afetividade, indivíduo e sociedade. Este trabalho envolve, assim, temas da Psicologia Geral e alguns ramos mais específicos, no estudo de dinâmicas endógenas e exógenas, de influências sócio-culturais sobre os indivíduos e a ação individual sobre o meio social. Acreditamos que existe a necessidade de construirmos uma Psicologia mais integrada, na qual seus ramos não percam sua identidade e suas especificidades, mas que participem de um sistema conceitual com bases sólidas comuns e comunicáveis. Neste sentido, visamos dar alguma contribuição para a evolução da teoria Construtivista, analisando alguns aspectos das esquemáticas afetivas presentes no psiquismo de maneira integrada à inteligência humana. A psicogênese cognitiva estudada no Construtivismo é útil para uma compreensão mais ampla da psique: os conhecimentos sobre a inteligência dos bebês, crianças e jovens e suas evoluções morais dão suporte e constituem uma parte valiosa na construção de um modelo mais amplo do psicodinamismo.

Tomemos agora uma reflexão detalhada de Piaget que introduz mais diretamente nosso universo de estudo. Observemos como ele compreende o valor de sua Ciência, por exemplo, a linguagem dos esquemas e das assimilações no avanço da

Psicologia mais geral. Na busca de contribuir para as evoluções em ramos teóricos "não estritamente cognitivos", Piaget defende que:

[...] os fatos são assim claros se se renunciar às lembranças inconscientes para falar a linguagem dos esquemas e da sua assimilação recíproca. [Após algumas críticas à compreensão de Freud (1856-1939) sobre a memória, Piaget defende que] nem a recordação inconsciente nem a conservação dos sentimentos, como tais, são indispensáveis para explicar os fatos. A "imago" pode não ser mais que um conjunto de esquemas. É preciso falar de esquemas afetivos da mesma maneira que dos esquemas motores ou esquemas intelectuais (e são, aliás, os mesmos esquemas ou, pelo menos, aspectos indissociáveis das mesmas realidades) e é o conjunto organizado desses esquemas que constitui o "caráter" de cada um, isto é, seus modos permanentes de comportamento. Quando um indivíduo se revolta interiormente contra uma autoridade paterna demasiadamente coercitiva e faz o mesmo, em seguida, em relação a seus mestres, assim como contra toda coerção, não é necessário dizer que ele identifica inconscientemente cada pessoa em causa à imagem de seu pai; adquiriu simplesmente, em contato com este, um modo de reagir e de sentir (um esquema afetivo) que generaliza no caso de situações subjetivamente análogas, da mesma maneira que talvez tenha adquirido o esquema da queda dos corpos deixando cair uma bola de seu berço, sem que haja necessidade de sustentar que ele identifica, mais tarde, todos os corpos que caem a essa mesma bola. É verdade que em sonho lhe acontecerá, sem dúvida, quando de uma disputa com uma pessoa qualquer, situá-la nas cenas infantis e simbolizá-la por meio de traços tomados de empréstimo a seu pai. Por outro lado, perceberá facilmente, em caso de análise, o encaixe dessas situações atuais nas situações passadas. Mas isso levanta o problema do pensamento simbólico, [...] e demonstra no máximo a menor generalização e a menor abstração dos esquemas afetivos, por oposição aos esquemas intelectuais, sem que por isso seja preciso ligar o fato incontestável da assimilação das situações entre elas a uma teoria contestável da memória ou da conservação dos sentimentos. (Piaget, 1945, p. 242-243).

Entre diversos outros aspectos importantes, esta citação revela a explicação que Piaget dá sobre o que denominamos "assimilações generalizadoras de esquemas afetivos". Este trabalho de Piaget de tentar compreender temas tratados na Psicanálise tendo como base sua linguagem construtivista mostra como é importante buscar conexões teóricas diversificadas, para que a Ciência não permaneça criando detalhes sem a tentativa de elaborar sínteses provisórias. Se este trabalho pode ser um dos passos, entre vários, neste percurso, parece-nos que será

importante que se formem grupos de pesquisa voltados para estes objetivos de integração teórica, de linguagens e seus conceitos.

Faremos, adiante, alguns estudos sobre aspectos das atividades cognitivas, afetivas e instintivas humanas, sua multi-fatorialidade e a complementaridade de alguns subsistemas psíquicos em sua totalidade. Buscamos, além disto, uma complementaridade de subaspectos teóricos na Psicologia. A criação teórica deste trabalho é feita por meio de reflexões que acreditamos estarem apoiadas em duas bases principais: algumas teorias "consagradas" e seus conceitos bem construídos e algumas de suas observações objetivas da conduta humana e do comportamento animal. Supomos que nossas posições sejam contribuições coordenáveis, assimiláveis ou aproximativas à teoria do construtivismo piagetiano. Nosso enfoque pretende abranger os processos cognitivos simultâneos e sucessivos aos acontecimentos afetivos da psique: a atividade e a experiência humanas têm seus subsistemas gerais interagindo em interdeterminações mútuas. Temos um interesse mais particular pelos aspectos universais, globais ou gerais do psiquismo. Isto revela um envolvimento de redes de influências e estruturações endógenas, interindividuais e grupais.

Neste ponto parece interessante distanciar um pouco o foco, pousar nosso olhar sobre a "globalidade" desta Tese: um estudo principal e mais longo busca dar contribuições para as teorias do psicodinamismo geral (capítulos 1 a 7). Estes



capítulos preparam certas reflexões finais, relativas à compreensão da socialização e da moralidade humanas.

Acreditamos que temos aqui uma característica metodológica sistêmica, pois as noções presentes neste estudo entrelaçam-se com certa indissociabilidade. As idéias, conceitos ou subaspectos teóricos são particularidades que se imbricam em articulações com temas mais antigos da Psicologia: diversas conceituações do Construtivismo piagetiano, algumas breves observações etológicas, neurológicas e bem poucas considerações da Psicanálise. Também em nossa forma de apresentação gostaríamos de ter um caráter construtivista: tentar ir do mais simples ao mais complexo, do mais concreto ao mais abstrato, das metáforas e imagens aos conceitos.

### **1.5 O VALOR PARCIAL DA METÁFORA EM CIÊNCIA**

Em alguns trechos adiante partiremos da linguagem metafórica à conceitual porque se as metáforas não são o ápice do conhecimento científico, ainda assim podem ser úteis quando estamos em estágios que buscam ultrapassar as pré-conceituações. Utilizaremos algumas metáforas porque acreditamos que elas podem servir como recurso cognitivo facilitador para a construção e compreensão de conceitos. Vejamos uma interessante metáfora de Sigmund Freud, que é seguida por uma explicação mais conceitual e sistêmica. Após algumas explicações sobre a importância de educar crianças considerando a sexualidade humana, ele diz:

Mais uma vez vemos aqui a insensatez de colocar um único remendo de seda num casaco esfarrapado, isto é, a impossibilidade de efetuar uma reforma isolada sem alterar as bases de todo o sistema. (Freud, 1924).

Em certo aspecto, a Ciência é como este casaco que necessita de reformas: possui alguns pedaços úteis, outros inúteis; há costuras tortas e furos. Mas não há quem crie Ciência sem aproveitar, em alguma medida, conhecimentos anteriores e alheios. Não há Construção de Ciência sem teorias construídas, mesmo que equivocadas. A "costura científica" exigirá sempre sua continuação. O trabalho de análise teórica pode ser comparado à identificação e ao aproveitamento das "partes úteis do casaco" e às descobertas dos enganos ou erros. As reformulações e reorganizações teóricas guardam alguma analogia com a imagem de retirada de pedaços deteriorados, a costura de partes rasgadas, o preenchimento de grandes espaços vazios. Em certos momentos, a Ciência apenas deixa de lado o material antigo e cria algo novo, o que pode ser análogo à escolha de um tecido inteiro, ao seu recorte e costura que criam um "modelo" inovador. Mas para todo construtivista sério, parece-nos, não há invenção intelectual sem invenções antigas. Observemos ainda outra metáfora de Freud sobre temas afins aos nossos:

A relação do ego para com o id poderia ser comparada com a de um cavaleiro para com seu cavalo. O cavalo provê a energia de locomoção, enquanto o cavaleiro tem o privilégio de decidir o objetivo e de guiar o movimento do poderoso animal. Mas muito freqüentemente surge entre o ego e o id a situação, não propriamente ideal, de o cavaleiro só poder guiar o cavalo por onde este quer ir. (Freud, 1933).

## **1.6 DEVEMOS BUSCAR DERIVAÇÕES CONCEITUAIS A PARTIR DE TEORIZAÇÕES DE JEAN PIAGET?**

Para respondermos a esta questão, vejamos algumas idéias que, ao nosso ver, podem ser exemplos de criações que têm como origem certas concepções de Piaget. Observemos o seguinte trecho, já presente em uma citação anterior de "A Formação do Símbolo na Criança" (1945, p. 242):

É preciso falar de esquemas afetivos da mesma maneira que dos esquemas motores ou esquemas intelectuais (e são, aliás, os mesmos esquemas ou, pelo menos, aspectos indissociáveis das mesmas realidades) e é o conjunto organizado desses esquemas que constitui o 'caráter' de cada um, isto é, seus modos permanentes de comportamento.

Quando Piaget diz "são os mesmos [...] ou, pelo menos aspectos indissociáveis, etc", como responderemos a esta questão deixada por ele? Dizer "ou pelo menos" significa que pode ser uma coisa ou outra e não se sabe, ainda, qual será a melhor concepção? Afinal de contas, são ou não são os mesmos esquemas? Parece-nos que podemos tentar esclarecer algo sobre isto: os esquemas cognitivos podem possuir conteúdos afetivos. Quando uma criança sente e pensa "meu pai é muito bravo", isto envolve uma forma de raciocinar, mesmo que imperfeita. No pensamento da criança acontecem classificações (pai diferente de não pai, bravo diferente de não bravo). Existe também uma organização de seriação do elemento "bravo", na distinção "muito", que só pode existir em relação a algum "menos bravo", mesmo que não consciente. Mas quando a criança deste exemplo "vivencia" esta idéia, pode sentir medo ou raiva, aspectos que, como veremos melhor adiante, devem proceder de estruturas cerebrais filogeneticamente mais primitivas. Em nossa concepção, o ser humano é capaz de sentir medo e raiva porque

seu cérebro possui estruturas adaptativas específicas de funções de proteção. Os "esquemas afetivos" são, por um lado, cognitivos, neste aspecto de uma cognição que pensa em temas afetivos. Por outra parte, não são esquemas cognitivos ou intelectuais e são esquemas indissociáveis destes porque envolvem organizações de estruturas combinadas e integradas: a "revolta contra a autoridade paterna" mencionada acima por Piaget possui idéias e não deixa de comportar fatores de agressividade ou alguma aversão ou frustração. Também a maneira de amar que se generaliza pelo caráter de um indivíduo possui elementos pensados e afetos não estritamente cognitivos: (sentimentos, emoções, comoções, alegrias, preocupações por medos ou alertas, etc). Os fatores afetivos distintos e indissociáveis dos esquemas cognitivos dão indícios de possuir "partes" originadas em organizações instintivas, como veremos posteriormente. Tentemos deixar de lado os nossos eventuais pré-conceitos sobre os instintos e aguardemos nossas buscas de explicações mais precisas.

Algumas idéias de Piaget sobre a instintividade e, como ele diz, seu "rompimento" quase total, conquistado pela construção gradual de esquemas cognitivos que se "distanciam" das organizações inatas ou avançam no sentido da criação de estruturas radicalmente não inatas estão presentes em "Biologia e Conhecimento", de 1967, fornecendo "alimentos" bastante interessantes para nossas formulações.

Veremos no capítulo 3 que a cognição humana "rompe", em um aspecto parcial especial, a instintividade, criando algo que não está programado em nosso genoma (os esquemas cognitivos, desde os mais elementares, como os sensório-motores, até os mais complexos, como os conhecimentos matemáticos, de Física, nas Ciências em geral, etc). Acreditamos que no capítulo 3 teremos maiores condições para mostrar, entre outras coisas, que o surgimento da cognição superior humana (operações concretas e formais) não eliminou do psiquismo as subestruturas básicas de sobrevivência (fome, sede, dor, prazer, etc, que possuem raízes orgânicas muito bem organizadas e especializadas).

Para tentarmos compreender um pouco, já neste início, estes temas que nos parecem valiosos, pensemos na seguinte pergunta: sentir dor é instintivo? A resposta parece ser dupla e pode aparentar ambígua. Podemos responder que sim, pensar no "sentir dor" como sendo instintivo no sentido de que nosso corpo nasce preparado para ela (possuímos células especializadas na detecção de pancadas, ferimentos, queimaduras, etc) e uma estrutura cerebral capaz de sentir e reagir sem a necessidade de uma construção cognitiva deliberada para que o processo ocorra. Por outro lado, podemos responder que não, pois, no caso do ser humano, a dor e reações emocionais instintivas têm a possibilidade de serem "apreciadas" subjetivamente, envolvendo construções cognitivas individuais singulares. Deixemos a dor de lado e atentemos para

um exemplo mais agradável: imaginemos que estávamos com calor e "agora" estamos em uma sombra fresca ingerindo alguma bebida refrescante de nosso agrado. A brisa diminui a temperatura da pele, a bebida reduz o calor nas mucosas do trato digestivo e sentimos um "instintivo alívio e prazer". Em "combinação" com este prazer, tomamos consciência dele e refletimos: "que bênção da natureza!". A consciência do prazer e os pensamentos que dela resultam implicam algum tipo de relação ou relacionamento entre a organização pensante e o conteúdo pensado. Em outras palavras, o pensamento precisa, por algum meio, interligar-se aos processos neurais de sensação de calor e refrescamento. As subestruturas instintuais ligadas à percepção de temperatura recebem uma interpretação cognitiva. Neste caso "sentir prazer" não é puramente instintivo. A construção cognitiva é individual e não estava programada no genoma: o verbo "ser" depende da construção na noção de objeto, os significados de "bênção" e "natureza" também não parecem inscritos no DNA. As mínimas raízes instintuais destes pensamentos seriam a própria capacidade pensante criativa do cérebro. Ao respondermos sim e não, não estamos formulando uma contradição, pois a resposta afirmativa refere-se a uma coisa, enquanto que a resposta negativa refere-se à outra. No primeiro caso tratamos das subestruturas pré-programadas no genoma e no segundo caso a outras estruturas não programadas no genoma. Existe uma coexistência de instintos, afetos e idéias.

Além disto, parece interessante conceber que as subestruturas cerebrais envolvidas nos pensamentos por linguagem verbal podem ser de mesmo gênero quando um pensamento tem conteúdo predominantemente cognitivo ou, então, afetivo, emocional e instintivo. Analogamente, retomando o caso da menina que acha seu pai muito bravo, podemos supor que as estruturas cerebrais de classificações e seriações de coisas concretas exteriores (tamanhos de bolinhas, dégradés de cores, etc) são de mesmo gênero que as estruturas que classificam e ordenam "braveza". Mas, como tentamos detalhar adiante, os "esquemas instintivos" são de um gênero diverso dos esquemas cognitivos. Por exemplo: os esquemas de proteção e as organizações cerebrais que permitem entrar em alerta, sentir medo, raiva, impulso para agredir ou fugir são de outra categoria, não estritamente ou exclusivamente cognitiva. Uma ou diversas subestruturas cerebrais podem se ativar e gerar sentimentos particulares. O que pensamos esclarecer, neste pormenor, é que a categoria geral de "esquemas afetivos" contém algumas subcategorias:

1. Os esquemas afetivo-emocionais ou "afetivos puros" (nas organizações cerebrais particulares que atendem as funções mais elementares de sobrevivência), tais como a fome, a sede, a agressividade, etc. Os neuro-cientistas obviamente têm muito mais a dizer sobre estas diferenciações (ativação cortical seletiva, sistema ativador reticular, o hipotálamo (LINDSEY apud Brandão, 1993) e, como poderemos acompanhar no capítulo 3,

o ser humano também possui sua instintividade, em um sentido especial. Será, então, lícito denominar com parcimônia alguns esquemas afetivo-emocionais humanos, distintos dos esquemas cognitivos e envolvendo a instintividade.

2. Os esquemas cognitivos de conteúdo afetivo. Neste último caso podem ser pensados como sendo "os mesmos esquemas" cognitivos, como busca Piaget conceber, se se retirar da comparação o conteúdo e se mantivermos apenas a forma do esquema. Se, por exemplo, uma menina pequena pensa: "adoro minha boneca" ou "tenho medo de cachorro", isto envolverá uma esquemática cognitiva que organiza temas afetivos, ao mesmo tempo em que sentimentos de prazer ou desprazer se integram às idéias. O aspecto cognitivo que tem conteúdo afetivo não será prioritariamente considerado por nós como esquemas afetivos. Em nossa concepção, os ESQUEMAS INTEGRAIS compreendem ou contém esquemas afetivos e esquemas cognitivos, sendo os instintivos e afetivo-emocionais relacionados às estruturas orgânicas mais primitivas. Novamente tentemos compreender que as pormenorizações destas distinções só virão no decorrer dos capítulos e não atingirão, como gostaríamos, o aprofundamento enorme que a Neuropsicologia vem criando com suas modernas tecnologias.

Acreditamos que é importante tentar evoluir a partir desta "dúvida" sobre se os esquemas afetivos e cognitivos "são os mesmos" ou "aspectos indissociáveis das mesmas realidades". Estas nossas distinções talvez colaborem um pouco neste avanço:



em termos da forma de organização dos conteúdos, esquemas afetivos e cognitivos são os mesmos. Em termos das subestruturas neurais cognitivas, afetivas e instintivas, não são os mesmos esquemas e são "aspectos indissociáveis das mesmas realidades". Em um foco mais amplo, uma ESQUEMÁTICA INTEGRAL compreende ou contém esquemas afetivo-emocionais e esquemas cognitivos. Passaremos a denominar "esquemas afetivos" prioritariamente no sentido 1 das duas categorias acima apresentadas, dos esquemas afetivo-emocionais e instintivos, ficando o sentido da categoria 2 como elemento verdadeiro, mas pouco enfatizado por nós. Os esquemas afetivo-emocionais seriam, portanto, relacionados às subestruturas orgânicas mais primitivas filogeneticamente (assim como sistemas cerebrais capazes de resolver problemas de Matemática são filogeneticamente mais evoluídos). Vejamos uma explicação da Neurologia:

A teoria cognitivo-fisiológica [...] concilia [outras] teorias [...] na medida em que propõe que a experiência emocional deriva de mecanismos periféricos e centrais e introduz um novo elemento: a cognição. As respostas fisiológicas que ocorrem durante as emoções (sudorese, taquicardia, etc.) informam o cérebro que existe uma ativação do meio interno. Dependendo do contexto físico e social em que ela ocorre e também da nossa experiência passada em lidar com essas situações, nós rotulamos este estado emocional como medo, amor, alegria, raiva ou tristeza. (Brandão, 1993, p. 132).

Os esquemas afetivo-emocionais que envolvem subestruturas instintivas não seriam os mesmos das regiões cerebrais ligadas à linguagem, às operações concretas e formais, etc. Ressaltemos que as categorizações de esquemas afetivos, emocionais, instintivos e cognitivos possuem um elemento arbitrário já que, conforme o próprio Piaget esclarecerá à frente, existe uma

série de intermediários entre o instinto e a cognição. Mas vejamos outro exemplo de idéias piagetianas que podem ser de alguma forma, melhor esclarecidas. Em discussão com temas freudianos, Piaget considera que:

[...] a teoria da memória-reconstituição dispõe de uma solução muito mais simples [que a de Freud]: não há lembranças da primeira infância pela boa razão de que não havia ainda memória de evocação capaz de organizá-las. A memória de reconhecimento, com efeito, não implica [...] a capacidade de evocar lembranças, porque esta supõe a imagem mental, a linguagem interior e os primórdios da inteligência conceptual. A memória da criança de dois a três anos é ainda uma mistura de relatos fabulados e de reconstituições exatas, mas caóticas e a memória organizada só se desenvolve com o progresso da inteligência integral. (1945, p. 241).

Devemos ressaltar, primeiramente, a importância desta expressão piagetiana "inteligência integral", que será útil para nossa compreensão das "esquemáticas integrais". "Integral" é um termo que fará parte desta rede de idéias: se devemos conceber sistemas cognitivos unificados como "inteligências integrais", podemos também conceber as "unificações" compreensivas do psiquismo como INTEGRALIZAÇÕES ESQUEMÁTICAS de subesquemas.

Continuemos no tema dos aspectos do Construtivismo que podemos tentar aclarar. Quando Piaget diz "não havia memória de evocação", podemos desdobrar esta idéia em elementos distintos. "Memória de evocação", simplesmente, pode referir-se ao momento de registro ou de sua evocação futura. Em outras palavras, quando uma criança vive um fato que se registra em sua memória, podendo ser lembrado no futuro, estamos tratando de uma "memória de evocação". Já quando evoca ou se lembra de um fato passado, também faz uso deste "processo geral" chamado "memória

de evocação". Tentamos apresentar uma pequena sistematização de aspectos da memória com alguns elementos teóricos complementares que devem envolver:

1- ASSIMILAÇÕES REGISTRADORAS de esquemas (envolvendo acomodações complementares mais ou menos eficientes para os registros):

1.1- Esquemas com REGISTROS EVOCÁVEIS:

1.1.1- REGISTROS FACILMENTE EVOCÁVEIS de esquemas.

1.1.2- REGISTROS DIFICILMENTE EVOCÁVEIS de esquemas.

1.1.3- REGISTROS MEDIANAMENTE EVOCÁVEIS de esquemas.

1.2 - REGISTROS NÃO EVOCÁVEIS de esquemas.

1.2.1. Assimilações reprodutoras não evocativas.

1.2.2 Assimilações generalizadoras não evocativas.

2- Assimilações RECUPERADORAS de Esquemas:

2.1- Recuperações EVOCATIVAS de Esquemas

2.2- RECUPERAÇÕES NÃO-EVOCATIVAS de Esquemas.

- Níveis de competência<sup>2</sup> dos registros de Esquemas.

- Níveis de competência das recuperações e evocações ou de RECUPERABILIDADE e EVOCABILIDADE de Esquemas REGISTRADOS.

Estes são alguns exemplos iniciais de idéias que formam nossa Tese. Nossa concepção é composta por derivações da compreensão biológica de Piaget sobre o psiquismo (a linguagem das funções e dos esquemas de assimilação, acomodação, adaptação, etc). Estes elementos são parte essencial da grande

---

<sup>2</sup> Usamos o termo 'competência' no sentido biológico empregado por Piaget em sua obra "Biologia e conhecimento" (1967, p.33).

teoria deste autor, profunda e profusamente estudados por ele. Mas sobre a afetividade, Piaget tratou com menor profusão; dedicou menos tempo e páginas a isto, apesar de fazê-lo com uma seriedade aguda, como lhe é típico. É neste vasto universo das relações entre instintividade, afetividade e cognição que pretendemos buscar algumas ampliações teóricas. Se a Etologia, a Ecologia e a Neurologia nos oferecem, também, algumas bases conceituais, talvez nossas contribuições sejam úteis tanto para o Construtivismo quanto para outras Ciências Biológicas. Este conjunto de Disciplinas pode formar novas bases para as Ciências do Homem, mas todos podem ver que estamos "mergulhando em mares ainda um pouco escuros", tentando "alçar vôos por ares turbulentos" e arriscando enveredar por "trilhas" fronteiriças, um pouco "virgens" em certos trechos. Mas pensamos que estas maneiras de estudo são bastante necessárias à Construção de uma Psicologia científica.

## 2 O CONSTRUTIVISMO INTEGRATIVO

### 2.1 AS ESQUEMÁTICAS INSTINTIVAS E AFETIVO-COGNITIVAS

Duas das compreensões de Piaget que merecem grande destaque neste trabalho são sua distinção entre afeto e cognição e a importância que dá à busca de uma Psicologia mais integradora (um sentido que é psicodinâmico e outro, da Filosofia da Ciência). Neste segundo sentido, o Construtivismo Integrativo, como já pudemos começar a perceber, tem este adjetivo porque busca integrar elementos teóricos de diversos ramos científicos. Por outro lado, o sentido psicodinâmico deste "Construtivismo Integrativo" refere-se à indissociabilidade entre afeto e cognição, realidades internas do psiquismo humano. "A Integratividade de teorias" é feita neste trabalho, de forma parcial, pois priorizamos as expressões Construtivistas e nos aprofundamos menos nos temas que "orbitam" o "centro" piagetiano. Isto que chamamos "órbitas", obviamente não são órbitas reais, não têm importância teórica menor. Usamos esta metáfora apenas porque nosso estudo principal e mais profundo é sobre o pensamento de Jean Piaget e não teríamos tempo para estudos tão minuciosos quanto gostaríamos nas Ciências da Etologia, da Neuropsicologia, da Psicanálise e de tudo que pode fazer interface com as nossas concepções. Mas, se nosso trabalho for uma boa semente científica e puder ser plantada em solo fértil,

acreditamos que outros pesquisadores poderão aprimorar muitos temas que aqui ficaram somente como sugestões ou exemplos que merecem continuidade, mais pesquisa e reflexão.

Vejamos o que Piaget diz sobre a busca de uma Psicologia mais integradora e unificadora, primeiro comentando uma posição de L. Von Bertalanffy (1901-1972), criador da "Teoria Geral dos Sistemas" e, na citação seguinte, respondendo a uma entrevista: "Bertalanffy diz com razão: 'O que desejaríamos conhecer [...] é...] a lei integradora'" (Piaget, 1967, p. 194).

J. P. - Escute, tome a psicologia que é meu domínio. Ela busca explicar o homem, integralmente, em sua unidade, e não a pulverização de suas condutas. Não importa que venha se enquadrar em um conjunto, qualquer pesquisa que você quiser sobre a criança, sobre a inteligência, ou sobre a percepção. Eu não vejo por que não há pesquisa de unidade. Isso só é possível como a ciência procede, passo a passo e laboriosamente e com toda a sorte de controles; pois bem, isto anda muito menos rápido que construir um sistema. (Bringuier, 1977, p. 74).

Agora sobre a importância dos conhecimentos da Biologia, vejamos a seguinte concepção de Piaget de organização vital e totalidade, enfatizando os temas das diferenciações, integrações e interações sistêmicas:

Sob a dupla influência da embriologia, que esclarecia os processos correlativos de diferenciação e de integração, e dos progressos da própria fisiologia na descoberta das interações, opostas às séries causais lineares, e das regulações homeostáticas, chegou-se enfim a conceber o conceito de organização como a noção central da biologia. Noção que é ao mesmo tempo sincrônica, correspondendo à totalidade relacional que caracteriza o organismo acabado, e diacrônica, na medida em que corresponde às sucessões de reequilibrações, que caracterizam todo desenvolvimento, tanto genealógico quanto individual. (Piaget, 1967, p. 114).

Além do aspecto integrativo de teorias psicológicas, Piaget e nós ressaltamos o valor de uma concepção que integre, no próprio modelo do psicodinamismo, seus elementos cognitivos e afetivos. Enquanto a Psicologia estiver em posições

"dicotômicas extremas" sobre razão e emoção, pensar e sentir, permaneceremos tratando de campos cujos modelos ainda carregam certas parcialidades na compreensão do funcionamento psíquico integral. Parece necessário tratar de processos gerais da vida psíquica e biológica: as organizações por interações sistêmicas integrais de fatores afetivos e cognitivos, construtivos e dinamicamente combináveis. Estas idéias serão mais bem explicadas no decorrer do trabalho.

Como exemplos da compreensão integradora da afetividade e da cognição, temos algumas falas de Piaget:

[...] a afetividade representa o fator de energia das condutas, enquanto a estrutura define as funções cognitivas (o que não significa que a afetividade seja determinada pelo intelecto, e nem o inverso, mas, que o intelecto e a afetividade estão indissolúvelmente unidos no funcionamento da pessoa). (1955, p. 258).

Também sobre a unidade psíquica composta por afeto e cognição, Piaget afirma que a conduta humana:

[...] é [...] una, mesmo que as estruturas não lhes expliquem a energética e mesmo que, reciprocamente, esta não tome aquelas em consideração: os dois aspectos afetivo e cognitivo são, ao mesmo tempo, inseparáveis e irreduzíveis. (1967b, p. 135).

Wittgenstein (1889-1951) diz algo um pouco enigmático, mas de algum modo, ligado ao nosso tema:

Eu controlo o livro de cálculos do matemático, os estados de alma, as alegrias, as depressões, os instintos dos conteúdos do livro, qualquer que seja sua importância sob outros aspectos, e que não nos concernem absolutamente. (apud Granger, p. 52, 1979).

Retomando as idéias de Piaget, notemos que ele considera que em um dado processo psicogenético sofisticado:

Paralelamente [a] elaboração intelectual, [vemos] a afetividade libertar-se pouco a pouco do eu para se submeter, graças à reciprocidade e à coordenação dos valores às leis da cooperação. Bem entendido, é sempre a afetividade que constitui a mola das ações das quais resulta, a cada nova etapa, esta ascensão progressiva, pois é a afetividade que atribui valor às atividades e lhes regula a energia. Mas, a afetividade não é nada sem a inteligência, que lhe fornece meios e esclarece fins. (1964, p. 69-70).

Sobre este assunto, nosso brilhante autor afirma, também, que:

[Os] esquemas sensório-motores ou intuitivos comportam naturalmente uma parte essencial de atividade intelectual, mas a afetividade está longe de achar-se ausente dele: interesses, prazeres e tristezas, alegria do êxito e tristeza do fracasso, todos os 'sentimentos fundamentais' de Janet intervêm aqui, a título de regulações da ação, da qual a inteligência determina a estrutura. Como o bem demonstraram Claparède (a propósito do interesse) e Janet, a afetividade regula assim a energética da ação, da qual a inteligência assegura a técnica. (Piaget, 1945, p. 266).

Guardemos com "carinho" a lembrança de que Piaget cita, neste trecho, os sentimentos de prazer, alegria, tristeza, que serão úteis para muitas de nossas idéias posteriores. Isto servirá muito ao nosso propósito de tentar elucidar um pouco as relações indissociáveis entre afeto e instintividade. Além disto, Piaget explica que:

Para compreender o que é um sistema de esquemas afetivos, convém compará-los aos esquemas da inteligência sensório-motora e da inteligência intuitiva (por oposição à inteligência operatória, que corresponde aos sentimentos morais e normativos). (Ibid., p. 266).

Um dos momentos interessantes da compreensão de Piaget sobre as inter-relações de "fatores" psíquicos a que nos referimos é quando ele trata da: "[...] intenção [como] consciência de um desejo [...]" (1936, p. 242).

Nesta obra, "O Nascimento da Inteligência na Criança" (1936), compreendemos o quanto a intencionalidade depende de invenções cognitivas integradas ao desejar, desde suas formas mais simples. Piaget comenta, ainda, quando se refere a processos de raciocínio simultâneos ao que sentimos: "[...] certas deduções elementares (transitividade, etc) tornam-se possíveis e se acompanham já do sentimento de 'necessidade' inferencial [...]" (Piaget, 1967. p. 179).



O "sentimento de necessidade inferencial" é um exemplo excelente das realidades afetivo-cognitivas integradas que estamos tentando enfatizar. Adiante, Piaget, em considerações mais minuciosas, mostra entender que na criança os interesses afetivos básicos:

[...] comportam em particular três grupos de símbolos lúdicos: os que conduzem aos interesses ligados ao corpo propriamente dito (sucção e excreção), os que se referem aos sentimentos familiares elementares (amor, ciúme e agressividade) e os referentes às preocupações centradas sobre o nascimento dos bebês. Com efeito, sabe-se não somente quanto esses motivos retornam com regularidade nas perturbações do caráter das crianças que freqüentam as consultas médico-pedagógicas, mas ainda o quanto restam deles traços nas fantasias e nos sonhos de adultos submetidos a um tratamento psicanalítico. (1945, p. 222 grifos nossos).

Estes nossos grifos também visam ilustrar como aspectos instintivos devem participar da afetividade: especialmente a agressividade tem, mais claramente, esta "raiz geral" hereditária, filogenética, possibilitada pela existência de algumas subestruturas inatamente organizadas. Mas mesmo o amor e o ciúme, segundo concepções etológicas interessantes que veremos à frente, como as de Konrad Lorenz e Irenaus Eibl-Eibesfeldt, podem possuir origens inatas em alguns de seus aspectos. Mas retornando a Piaget, em um delineamento mais preciso da idéia de "esquema afetivo", ele explica:

Em resumo, cada um dos personagens do meio ambiente da criança ocasiona, em suas relações com ela, uma espécie de "esquemas afetivos", isto é, de resumos ou moldes dos diversos sentimentos sucessivos que esse personagem provoca, e são esses esquemas que determinam os principais símbolos secundários(\*), como determinarão muitas vezes, no futuro, certas simpatias ou antipatias difíceis de explicar de outro modo, a não ser por uma assimilação inconsciente com modos de comportamento passados. (Ibid, p. 226).

[alguns fatos tornam-se] claros se se renunciar às lembranças inconscientes para falar a linguagem dos esquemas e da sua assimilação recíproca. Os freudianos se exprimem, por exemplo, como se a imagem da mãe e do pai, formada no nível da escolha dos primeiros objetos afetivos, subsistisse durante toda a existência e como se um número indefinido de personagens fosse em seguida "identificado"

inconscientemente a essas imagens primitivas. Mas, se é evidente que o indivíduo generaliza assim, freqüentemente, suas primeiras maneiras de amar ou defender-se, ligar-se ou revoltar-se, e se existe por vezes uma continuidade impressionante entre as primeiras reações familiares e as relações ulteriores sociais, religiosas, estéticas (por exemplo, o motivo da resistência aos tiranos em Schiller, etc.), nem a recordação inconsciente nem a conservação dos sentimentos, como tais, são indispensáveis para explicar os fatos. A "imago" pode não ser mais que um esquema. É preciso falar de esquemas afetivos da mesma maneira que dos esquemas motores ou esquemas intelectuais [...]. (Piaget, 1945. p. 242-243).

(\* ) Piaget explica que os símbolos secundários:

[...] possuem "significações mais ricas e mais ocultas que as dos [símbolos primários] e lúdicos comuns" e que "o conteúdo desses símbolos se liga mais diretamente ao eu do sujeito e isso num sentido habitualmente regressivo ou que, pelo menos, atinge esquemas afetivos relativamente permanentes. Quando a criança brinca de fazer de uma concha um gato ou um carro ou a ser ela própria um campanário ou um pato morto, exprime por aí o que interessa, no sentido mais amplo do termo, e existe, nesse sentido, assimilação do real ao eu. Mas trata-se de interesses momentâneos e situados na periferia do eu. No símbolo secundário, ao contrário, são as preocupações íntimas e continuadas que entram em jogo, os desejos secretos e freqüentemente inconfessáveis". (Ibid., p. 224-225).

É importante salientar que Piaget fala de "uma espécie de 'esquemas afetivos', isto é, de resumos ou moldes dos diversos sentimentos sucessivos". Esta expressão "espécie de" parece conter, novamente, certa abertura conceitual, uma relativa generalidade, que nos permite tentar esclarecimentos ou avanços no sentido de noções em construção da esquemática afetiva. Não nos parece ousado demais, mas, ao contrário, importante, defender que a expressão "esquema afetivo", usada e defendida por Piaget, merece derivações e pormenorizações.

Temos visto como são fundamentais as considerações sobre a existência de esquemas afetivos, além dos "puramente" cognitivos, o que revela, já na obra de Piaget, a concepção que agora denominamos "esquemática integral". A consideração da vida afetiva, social e moral como contendo processos estruturadores que constroem esquemas diversos traz um elemento

interessante para a Psicologia, pois passamos a tratar de percursos psicológicos, "caminhos" na história de vida que são particulares, não necessários e não universais. É assim que uma criança pode ter fantasias desadaptativas sobre seu corpo ou suas relações objetais e outras crianças, não. De certo maneira, falamos de aspectos contingentes e necessários da organização biológica. "Necessário é aquilo que não pode deixar de ser como é e contingente é aquilo que não é necessário" (Ramozzi-Chiarottino, 2009, expressão oral). Em uma perspectiva complementar, faremos algumas reflexões sobre necessidades funcionais biológicas (respiração, alimentação, reprodução, etc). Notaremos que estas necessidades do ser-vivo (em sua generalidade e sendo mortais) envolvem contingência e necessidade no sentido em que as formas de vida conhecidas não se preservam sem estas funções elementares: se há estas formas de vida, necessariamente há alimentação e reprodução. Mas a necessidade, em seu sentido funcional, pode abranger alguns aspectos contingentes: se há alimentação, o alimento pode ser animais ou vegetais, etc. Em termos de necessidades afetivas, uma criança pode receber proteção da mãe, de um cuidador, etc. Ela pode, ainda, receber mais afetos expressos pelo tato, aconchego ou por expressões verbais ou vocais, assim por diante.

Pela nossa compreensão, em "sintonia" com algumas posições evolutivas dos sistemas neurais, a vida instintiva e afetiva é possível porque existe um cérebro organizado para atender

certas exigências de auto-regulação intra-psíquica e regulações interindividuais. A afetividade do Homo sapiens possui certos traços gerais e, outros, específicos, que merecerão estudos mais profundos. A consideração de que as dinâmicas endógenas e as relações de troca interindividual possuem uma lógica de organização funcional cujos elementos essenciais seguem princípios adaptativos está presente, por exemplo, na explicação piagetiana de esquemas do instinto, que será bastante citada no capítulo 3.

O sentido de "integração" usado especificamente na compreensão dos aspectos psicodinâmicos refere-se aos relacionamentos ou relações entre subestruturas orgânicas e interconexões que ocorrem entre certos elementos ou fatores psíquicos: por exemplo, o sentir raiva pode envolver relacionamentos entre estruturas cerebrais primitivas e pensamentos menos ou mais complexos. Se "vivenciamos" instintiva, afetiva e cognitivamente algo como "que raiva sinto de Fulano!", isto que é pensado precisa relacionar-se, de algum modo real, com organizações particulares ligadas a funções agressivas. Não é difícil aceitar que o cérebro possui estruturas e subestruturas especializadas e que a vida psíquica envolve funcionamentos de subestruturas que se afetam umas às outras. Se um ator diz "sinto raiva de Fulano", consciente de uma técnica teatral, sem fazer uso da raiva "autêntica", em comparação com alguém, de caráter impulsivo, que acaba de ser esbofeteado, supomos que neste último caso as funções

agressivas tendem a estar bem mais ativas no cérebro e na "experiência vivida subjetivamente". Podemos considerar o oposto, no exemplo em que um ator sente mais raiva, em sua situação profissional, utilizando o sentimento como técnica, e que, comparado a um monge budista tão sereno que se mantém calmo, mesmo ao ser esbofeteado, refletindo pacificamente: "esta dor física não agride minha alma; sei suportar a dor com dignidade e observo que ser agressivo está gerando muito mais danos no espírito do próprio agressor". Também neste caso os pensamentos se inter-relacionam com sentimentos. A esquemática integral diz respeito a esta abrangência mais ampla das organizações psíquicas. O foco sobre uma realidade mais ampla acaba perdendo bastante a "acuidade de visão" sobre as subestruturas mais em detalhe. As estruturações cognitivas são bem pouco aprofundadas neste estudo, principalmente porque Piaget já o fez com uma maestria de que eu seria incapaz, mas, por outro lado, seria um pouco inútil repetir uma obra já tão bem feita. Trazemos algumas observações de "condutas afetivas" e não citamos observações mais estritamente cognitivas, porque estas podem ser encontradas, felizmente, diretamente nos livros de Piaget. Aliás, considero fundamental e indispensável estudar bem a obra piagetiana, em suas minúcias de ontogênese cognitiva, desde as observações dos seus filhos bebês até as idéias de adolescentes. Uma compreensão mais profunda da cognição, acredito, é necessária para uma compreensão mais global do psiquismo. Compreender mal a cognição humana seria,

deste modo, "enxergar mal" uma parte importante de nós. Uma analogia curiosa que surge é a de imaginarmos que todos os neurologistas do planeta decidam estudar apenas o sistema límbico e ignorar todo o resto. Felizmente, a Neurologia não age assim absurdamente, como vemos adiante:

Para McLean, o funcionamento do sistema límbico não ocorre independentemente das atividades das demais partes do cérebro. Para compreender a organização neural do cérebro responsável pelos diversos comportamentos ele propôs três divisões do cérebro com base na anatomia comparativa, neuroquímica e teoria evolutiva. Este modelo considera que existem três tipos de sistemas no cérebro dos mamíferos (cérebro tri uno): cérebro protoreptílico, cérebro paleomamífero e o cérebro neomamífero [...].

Cérebro protoreptílico - eixo fundamental do sistema nervoso central: medula espinhal, tronco cerebral, diencéfalo e gânglios da base. Responsável por comportamentos estereotipados com base em memórias e aprendizagem ancestrais.

Cérebro paleomamífero - sistema límbico (substrato neural das emoções). Hipocampo, amígdala, hipotálamo, estruturas periventriculares. Responsável por mecanismos básicos do autoconhecimento e das condições internas do corpo.

Cérebro neomamífero - córtex cerebral (principalmente o córtex frontal), proeminente em primatas. Responsável pelas funções cognitivas, análise do meio externo.

Esta divisão funcional do cérebro é, na realidade, a base de um modelo conceitual que nos permite analisar as atividades do sistema límbico e das demais estruturas do cérebro de maneira integrada. (Brandão, 1993, p. 134).

Façamos um breve resumo de alguns dos nossos temas: a cognição não está presente apenas nos cálculos matemáticos e lógicos. As significações não-lógicas e o que Piaget chamou de esquemas afetivos enfatizam esta idéia: um amante que se lembre com saudades da amada distante está simultaneamente pensando e sentindo; um bebê que sorria para a mãe ao vê-la trazer uma mamadeira, organiza-se por afetos e cognição, em sentido amplo. Conhecer não se restringe ao pensar por linguagem verbal, por raciocínios operatórios, etc, a assimilação cognitiva de um objeto e ou situação, o saber que se a então b, ou seja, o

estabelecer implicações desde a mais tenra infância, sem a linguagem, demonstra já um conhecimento que é fruto do funcionamento das estruturas mentais. Já estamos aí, diante de um processo cognitivo.

Além dos esquemas cognitivos, quando nosso foco sobre a vida psíquica abrange um espectro maior, algo que se aproxima mais de sua totalidade, estaremos refletindo sobre a conjunção de no mínimo duas espécies de esquemas: os cognitivos e os afetivos. A dinâmica desta totalidade forma um conjunto, uma unidade, uma estruturação integrada. A organização do psiquismo, nesta perspectiva mais global, envolve esquemas afetivo-cognitivos ou esquemas integrais.

Quando consideramos que os sistemas motivacionais primitivos têm em si organizações com certas funções claras e precisas, como levar a alimentar-se, levar para perto da mãe, gerar comoção e proteção, etc, fica mais difícil conceber o psiquismo humano sem nenhuma forma de organização cognitiva e afetiva em atividade conjunta. Isto nos leva a formular ou defender uma espécie de "postulado" geral para a Psicologia: os processos psíquicos integrais envolvem cognição e afetividade. Novamente em Piaget esta idéia aparece com grande importância:

Notemos [...] que [uma] espécie de aplicação generalizada dos esquemas afetivos iniciais não coloca problemas particulares quanto ao mecanismo da assimilação que intervém necessariamente neste caso: ele é o mesmo que o da assimilação sensório-motora ou intuitiva. As ações voltadas para os outros são como as outras ações: elas tendem a se reproduzir (assimilação reprodutora), a encontrar os alimentos que as sustentam (assimilação recongnitiva) e a descobrir outros deles (assimilação generalizadora), trate-se de alimentar um amor, uma tendência agressiva ou todas as outras possíveis. E, se a assimilação é a mesma, é naturalmente porque os esquemas pessoais são esquemas como os outros, ao mesmo tempo inteligentes e afetivos: não se ama sem

procurar compreender e nem mesmo se odeia sem um jogo sutil de julgamentos. Quando dizemos "esquemas afetivos", é preciso, portanto, compreender bem que isso significa simplesmente o aspecto afetivo de esquemas que são, por outro lado, igualmente intelectuais. A linha essencial de demarcação é a que separa os "esquemas pessoais" (sentimentos interindividuais e inteligência intuitiva socializada pela linguagem) dos esquemas relativos aos objetos (interesses e inteligência misturados), mas os esquemas afetivos ultrapassam em parte a esfera das pessoas (esquemas bucais primitivos, etc.) e todos, sejam quais forem, são, portanto, ao mesmo tempo afetivos e cognitivos. (Piaget, 1945, p. 267-268).

Piaget, em certos momentos destas explicações, identifica o esquema afetivo ao cognitivo; em outros, os distingue e os compreende como "misturados". Um razoável esclarecimento desta "mistura" parece ser o que compreendemos por "esquemas integrados". Mas para afirmarmos com mais segurança este "postulado" é preciso considerar algumas razões mais amplas: podemos objetar que não está demonstrado que afeto e cognição estão todo o tempo ativos na vida psíquica de todos os indivíduos humanos. Digamos que os instrumentos de escaneamento cerebral revelem que em certos instantes todos os sistemas do cérebro voltados para qualquer motivação fiquem absolutamente inativos. A esta objeção podemos responder que os instantes assim "paralisados" seriam transitórios. Suponhamos que este momento seja aquele em que se está realizando a soma  $2 + 2 = 4$ . É mais ou menos claro que o ser humano nesta condição terá tido em momentos anteriores, digamos, segundos atrás, outros momentos de motivações, que podem ser várias: a vontade de realizar a soma, o medo da pressão exercida por um professor ou uma prova, etc. Neste caso a indissociabilidade está presente no elemento diacrônico da conduta global e, para que os dois momentos distintos possam suceder-se, alguma fração sincrônica



deve interligar ou integrar a motivação anterior ao raciocínio posterior. Será necessário, neste caso, que o sujeito passe pela experiência ou de "estou com vontade de responder a 2+2" ou, na outra hipótese, "estou com medo de não resolver 2+2". Este momento hipotético fortalece o "postulado" da indissociabilidade entre afeto e cognição no Homem em geral.

Outra objeção a esta indissociabilidade e integralidade seria a de encontrarmos algum indivíduo que possua lesões completas em todas as regiões cerebrais com função afetivo-emocional e instintual. Suponhamos que este ser hipotético sobreviva. Mas para sobreviver será necessário que se alimente. Para se alimentar necessita de sistemas motivacionais e instintuais de respiração, fome, sede, etc. Pode-se objetar a isto que equipamentos e um cuidador suprirão a nutrição, o aquecimento quando está frio, o refrescamento quando está calor, a higiene corporal quando necessária, etc. Este exemplo extremo não é o caso sobre o qual formulamos esta proposta teórica. Tratamos do Homem em geral, o Homo sapiens, em seus aspectos mais "universais". As exceções, portanto, não invalidam nossa compreensão: de maneira mais geral, o Homo sapiens é motivado e inteligente por toda a sua vida. Há oscilações de predomínios de aspectos em relação a outros, alternâncias de motivações e pensamentos, mas sempre um fluxo de interdeterminações afetivo-cognitivas. É mais ou menos evidente que ao sentir muita fome ou ao copular, o ser humano tenha a participação mais predominante de sistemas afetivos

instintivos do que quando esteja saciado nutricional e sexualmente e enquanto resolve cálculos lógicos. Nesta segunda situação, entendemos, há prevalência de atividades cognitivas comparativamente ao primeiro caso. Ainda é razoável propor a idéia de que os sistemas afetivos devem manter-se, em certos momentos, em níveis de atividade mínima, mesmo nos casos de prevalência cognitiva. Em suma, esta compreensão, como a Piagetiana, não se foca nas exceções, por mais que elas mereçam estudo.

Retornando a Piaget refletindo sobre afetos e os distinguindo da cognição: sobre sentimentos e matemática, apresenta as idéias de "energética" e "motor", o que ilustra a interessante raiz comum com o termo "motivação", bastante mais utilizado pela Psicologia:

J. P. - É a energética, certamente. Tome apenas, por exemplo, duas crianças, em relação às lições de aritmética. Uma que gosta de matemática, e progride; a outra, que tem a impressão de não compreendê-la e que tem sentimentos de inferioridade e todos os complexos bem conhecidos nas lições de matemática, nos fracos em matemática. O primeiro irá bem mais rápido; o segundo, bem mais lentamente. Mas para ambos, dois e dois farão quatro. Isto não modifica nada da estrutura adquirida. Se o problema que se estuda é a construção das estruturas, a afetividade, bem entendido, é essencial como motor, mas não constitui explicação das estruturas. (Piaget, 1977, p. 71?).

Como explicou Zélia Ramozzi Chiarottino (expressão oral), em suas brilhantes aulas da Disciplina "Linguagem e Pensamento", criada por ela e ministrada no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Piaget utiliza o termo "estrutura" em sentidos diversos ao longo de sua obra. Notemos que neste ponto Piaget denomina "estrutura" a "estrutura mental com funcionamento lógico-matemático". É útil ressaltar que o

cérebro é composto por outras estruturas participando de seu "dinamismo global", de sua totalidade ou integralidade (este sentido biológico mais geral de estrutura está presente em sua obra "O Estruturalismo", de 1968). Façamos a diferenciação das estruturas cognitivas em relação às estruturações biológicas instintuais, afetivas, emocionais, como organizações cerebrais distintas. Como dissemos, não poderemos aprofundar estes importantes conhecimentos da Neuropsicologia.

Abordemos um aspecto mais particular das nossas idéias: a experiência de "significar algo" parece ser aquilo que mais participa das realidades cognitivas. Não deve existir significação se não houver alguma forma de cognição, por mais rudimentar que seja. É assim que o bebê que procura o mamilo age por uma lógica cerebral de distinção e até parece realizar um primórdio de "não" e "sim", aspecto claramente cognitivo. Este caso primitivo não deve ser o mais importante. Um bebê que afasta um obstáculo para alcançar um brinquedo desejado aproxima-se mais da experiência de significação, mesmo sem a mediação de símbolos e signos. Uma criança que chore de saudades da mãe, deve experienciar significados, mesmo que pobremente organizados em termos cognitivos.

O debate sobre a existência de subsistemas afetivos e cognitivos indissociáveis, interligados ou integrados leva a algumas reflexões: em primeiro lugar, as estruturas cerebrais inatamente organizadas para gerar medo, raiva, fome, desejo sexual, ou até, quem sabe, tristeza e alegria, são ainda

consideravelmente difíceis de investigar pelos nossos instrumentos científicos. Em segundo lugar, ainda persiste, em alguns setores, uma relutância em aceitar a existência das influências não conscientes na vida psicológica, apesar da grande contribuição de Freud neste sentido. Um terceiro aspecto que merece superação é o fato de que a Biologia ainda é alvo de tabus científicos em alguns indivíduos ou setores da nossa profissão e Ciência: mas ressaltar a importância do "orgânico" não é reduzir a mente a determinações mecanicistas, nem elimina a possibilidade de liberdade de uma subjetividade autônoma. Posições teóricas biopsicológicas podem entender a determinação recíproca do orgânico e do psicológico.

Sobre os sistemas afetivo-emocionais e sua complexidade ainda pouco conhecida, a idéia do Id psicanalítico, por exemplo, pode desenvolver-se a ponto de abranger o conhecimento mais recente sobre fisiologia do sistema nervoso e sobre Etologia. A Evolução do comportamento animal e, especialmente, dos primatas, são uma fonte objetiva de conhecimentos científicos que nenhuma Ciência psicológica deve desprezar.

É preciso explicar que "integral" não significa necessariamente uma totalidade completa abrangente de absolutamente tudo que há no psiquismo. "Integralidades psíquicas" são conjuntos interativos cuja integração constitui uma "experiência" psíquica não dicotomizada. O termo mais ou menos usual de "integral" pode remeter à idéia do absolutamente completo, do "tudo, sem deixar nada de fora", o que é exagerado

para os nossos propósitos. Este "exagero" poderia ser bem denominado como algo do tipo "integralidade absoluta", "integralidade máxima", mas devemos encerrar nossas reflexões sobre isto, para nos dedicarmos ao que nos é mais essencial.

## **2.2 EMOÇÃO, AFETO, MOTIVAÇÃO E SENTIMENTO**

Se nas organizações psíquicas participam elementos que temos denominado afetos, emoções, motivações, sentimentos, etc, como distinguiremos estes termos? Dada a imensa literatura a respeito e uma complexa controvérsia nestes temas, podemos apenas sugerir um ponto de vista muito particular. Podemos tomar a idéia de "afetividade" como o conjunto das realidades organo-psíquicas de ordem motivacional. Isto torna "afeto" e "motivação" termos um pouco sinônimos. É relativamente evidente, mas necessário explicar, que "afeto" e "motivação" não são aqui os termos do senso-comum: pouca gente diria "estou motivado a vomitar" ou "estou afetivamente organizado para uma atividade de vomitar". Nesta nossa semântica, não será incoerente utilizar, por exemplo, as expressões bastante estranhas aos nossos ouvidos, de motivação e afeto vomitivo ou emético. Afeto e motivação seriam, por esta compreensão, o conjunto mais amplo dos subsistemas que os envolvem especificamente. Por outra parte, não parece inadequado atribuir ao termo "sentimento" a "faceta" consciente dos afetos e motivações. Quanto às "emoções", parece-nos razoável adotar a posição que as engloba nos sistemas de reações adaptativas de

mais ou menos curta reação, como o susto, a gargalhada, o medo, as reações empáticas involuntárias como sorrir ou se entristecer diante de algo alegre ou triste, etc. Mas todos estes pormenores não serão diferenciados estritamente, por não possuímos competência suficiente para criar tamanho detalhamento de categorização.

Como temos visto, os termos "sentimento", "motivação" e "afeto" já são presentes no pensamento piagetiano. Isto fica claro, novamente, quando ele afirma que o: "[...] interesse, a motivação afetiva, é o móvel de tudo." (Ibid., p. 71).

Vejamos, ainda, um breve histórico do tema:

Os gregos antigos distinguiram quatro temperamentos básicos na natureza humana: colérico, sangüíneo, melancólico e fleumático. Os médicos chineses da antigüidade também acreditavam que os seres humanos experimentam quatro emoções básicas – felicidade, raiva, tristeza e medo –, as quais estariam associadas às atividades do coração, fígado, pulmões e rins, respectivamente. As taxonomias mais modernas das emoções humanas consideram um espectro bem mais amplo, incluindo prazer, surpresa, agonia, curiosidade, desprezo e pânico. Com as pesquisas psiconeurais atuais é possível delinear circuitos emocionais no cérebro para pelo menos algumas delas, tais como medo, raiva, prazer (recompensa) e pânico. De qualquer forma, está claro que as emoções podem ser representadas coerentemente em um nível neural, e a compreensão científica de todas elas virá naturalmente com o desenvolvimento das pesquisas psicobiológicas. (Brandão, 1993, p. 135-136).

### **2.3 EXEMPLOS E OBSERVAÇÕES DE ESQUEMÁTICAS INTEGRAIS OU AFETIVO-COGNITIVAS**

A base de observação dos fenômenos, a objetividade em Ciência é imprescindível nos estudos psicológicos. As pesquisas de Jean Piaget são uma fonte desta qualidade. Algumas observações científicas já feitas não precisam ser repetidas e devem ser aproveitadas como base para novas construções

teóricas. Começaremos, assim, por trazer alguns elementos de observação das condutas humanas que nos servem de base.

Vejamos um exemplo interessante em que Piaget refere-se a primórdios de Construções cognitivas que envolvem especialmente uma expressão afetiva:

A capacidade de imitar tem sua gênese no começo da vida. Nos quatro primeiros meses, ela é primitiva, essencialmente 'desencadeada': a criança ouve um choro e também chora, numa espécie de contágio. (Piaget, 1937, p. 8).

Notemos, mais uma vez, o quanto Piaget observa expressões afetivas presentes no curso das evoluções cognitivas. Atentemos aos nossos grifos. Vale à pena comentar a importância do termo "saturação", que pode ser compreendido como uma saciedade motivacional primitiva, como uma redução da intensidade apetitiva. Entre uma infinidade de outras observações, vejamos o que ele descreve:

Aos 0 [anos]; 6 [meses] e (26) [dias], Laurent [filho de Piaget] agarra num guizo com que já não brinca muito (saturação). Ofereço-lhe uma boneca que tenta imediatamente agarrar com as duas mãos (tal como faz constantemente). Agarra-a com a mão esquerda, mantendo o guizo na direita, depois aproxima as duas mãos com o desejo manifesto de só agarrar a boneca: fica embaraçado a olhar alternadamente para os dois objectos, mas não larga o guizo. [...] Porém, convém sermos rápidos e surpreendermos a criança com o segundo objecto antes de ela largar o primeiro por desinteresse. (Piaget, 1936, p. 236-237, grifo nosso).

Vemos desde o nascimento de um bebê a interação de subsistemas psíquicos diferentes: as organizações afetivo-motivacionais, como o choro, a fome, a acalmia. Simultaneamente observamos o bebê realizando condutas que revelam a existência de organizações cognitivas. Isto nos remete a certas considerações: o cérebro possui subdivisões funcionais, a ontogênese psíquica produz modificações por formação de complexidades, as estruturas formadas possuem níveis diversos

de capacidades de sentir e pensar, etc. Se alguns leitores não estiverem familiarizados com estudos piagetianos, é valioso explicar novamente que a cognição é um acontecimento psicológico precoce: diferenciar mamilo de não mamilo, suco de sopa, mãe de estranho, tudo isto envolve uma estruturação cognitiva lógica orgânica. Uma vez compreendido que as organizações cognitivas e afetivas participam da vida mental, resta tentarmos estudar de que formas integram-se e agem nestas totalidades psíquicas individuais, interpessoais e coletivas.

Tomemos alguns aspectos teóricos complementares e integrativos propostos por Piaget: se no estudo da cognição trabalhamos com as idéias de esquemas cognitivos e se o próprio Piaget apresentou a idéia pouco desenvolvida por ele de "esquemas afetivos" e "esquemas instintivos", estamos formulando que as dinâmicas psíquicas funcionam e se constroem por ação, interação e coordenação de sistemas de esquemas instintivo-afetivo-emocionais-cognitivos, os esquemas integrais na estruturação da sua totalidade. Denominaremos a totalidade psíquica individual como psiquismo integral ou apenas psiquismo e Psique. A idéia de que esquemas são organizações que podem coordenar-se e integrarem-se uns com os outros é apoiada fortemente nas inúmeras passagens em que Piaget trata das assimilações recíprocas: existe a criação de um novo esquema, pela relação de outros subesquemas antigos.



## 2.4 ALGUMAS BASES PARA A BUSCA DE CONCEITUAÇÃO DOS "ESQUEMAS INTEGRAIS"

Algumas explicações de Piaget parecem possibilitar um embasamento e fortalecimento da nossa concepção de "esquemas integrais". Vejamos considerações sobre a:

[...] lógica do instinto. - Uma vez estabelecido o caráter de esquemas, resta extrair a lógica que neles existe. Ora, a principal propriedade deles é conterem várias estruturas, mas enredadas e relativamente indiferenciadas. (Piaget, 1967, p. 269).

Neste ponto é interessante considerarmos que se os esquemas do instinto compõem-se de "estruturas enredadas", a concepção de uma esquemática integral parece esclarecer esta explicação ainda focalizada no tema importante das redes.

Note-se, a seguir, a expressão "conjunto de interdependências", característico dos esquemas:

O caráter de esquema é tanto mais notável quanto não há mais uma ordem única de sucessão, e sim um conjunto de [...] interdependências, que chegam, contudo ao mesmo resultado final, qualquer que seja a ordem seguida. (Ibid., p. 268).

A coordenação de esquemas instintivos entre si também parece um bom apoio em nossas compreensões:

Se os esquemas se transformam e coordenam entre si no terreno das condutas adquiridas, muito menos organizadas em suas formas elementares do que um desenvolvimento epigenético ligado ao genoma, não há razão alguma para recusar aos esquemas instintivos, enquanto sistema simultaneamente epigenético e transindividual, a possibilidade igualmente de se coordenar ou de se diferenciar. Em particular, uma das capacidades da inteligência animal consiste em reunir num todo funcional, condutas segmentárias. Não há razão, por conseguinte, para que esquemas instintivos elementares não se coordenem por assimilação recíproca em esquemas mais completos, susceptíveis, aliás, de se diferenciarem. (Ibid., p. 275-276).

Além disto, a expressão de Piaget em relação aos "esquemas mais completos" também envolve nossa expressão das integralidades esquemáticas. Vejamos mais alguns exemplos deste gênero, em relação à combinação de esquemas instintivos:

[...] é claro [...] que [...] o instinto procede por meio da mesma lógica de esquemas de assimilação e é, por conseguinte conseqüência natural desta identidade de processo funcional que as combinações de esquemas instintivos possam chegar a utilizações de instrumentos, como prolongamento das combinações de objetos nas construções e utilizações de órgãos. Nos animais capazes de engendrar larvas sedosas, e que chegam a um esquema de reunião de objetos (as folhas do cafeeiro) com um fim qualquer, o exercício de tal esquema se prolongará na procura de elementos de junção que prolonguem a reunião devida à própria ação, decorrendo daí a assimilação da seda das larvas a esse esquema de junção. Quanto à ação de coser, em lugar de simplesmente colar, seria preciso estudar as etapas dessa passagem, sem dúvida desconhecida (e não nos encarregamos de imaginá-la). (Ibid., p. 300).

É assim que Grassé cita o caso dos cupins de Natal que se põem a fechar a célula real quando se aplicam pancadas violentas à termiteira. Ora, este fechamento não é previsto pelo instinto. Mas o que é previsto é a proteção dos indivíduos reais, assim como, sem dúvida, um esquema, mais ou menos geral, de formação de tabiques ou de separação do exterior em ação na construção de conjunto da termiteira. A nova reação, que consiste em separar com tabiques a célula real, poderia, portanto resultar da coordenação ou assimilação recíproca de dois ou mais esquemas já existentes, segundo o princípio de que uma invenção começa pela combinação de elementos prévios. Parece, portanto novamente que, antes de recorrer a "faculdades" de ordem superior, devam-se tentar explicações que se apóiam sobre a continuidade funcional das condutas já em ação e, novamente aqui, é esta continuidade de integração e de coordenação por integração que chamamos assimilação. (Ibid., p. 295).

Mais uma vez encontramos em Piaget uma base para nossas denominações dos esquemas integrais e das esquemáticas integradas. Note-se o grifo em "esquema total":

[...] distinguimos estruturas de encaixamento propriamente ditas, na medida em que um subesquema faz parte de um esquema total que lhe confere significação. Assim, o ventre vermelho do macho do carapau (cor que só aparece, aliás, no momento da nidificação) constitui, como todos os estímulos significativos, um esquema perceptivo que funciona como esquema, uma vez que permite aos indivíduos que o percebem aplicá-lo a um conjunto de indivíduos distintos, sucessivamente percebidos, dando lugar ao imediato reconhecimento. Mas este esquema perceptivo é apenas um subesquema com relação ao esquema de conjunto que lhe confere significado, ou seja, esquema de combate para o macho e de acasalamento para a fêmea. (Ibid., p. 269).

## **2.5 A ONTOGÊNESE MULTIFATORIAL E A PSICOGÊNESE POR INTEGRAÇÕES COMBINATÓRIAS DE FATORES**

As esquemáticas integrais podem ser compreendidas como elementos constitutivos de uma psicogênese por integrações combinatórias de fatores subsistêmicos afetivo-cognitivos.

Fazemos, assim, a formulação da combinação de certos elementos do sistema com certos outros elementos: haverá, na realidade psíquica, algum elemento motivacional relacionando-se com algum elemento cognitivo, havendo simultaneidades e sucessões de fatores, relacionamentos e relações de subestruturas na estrutura orgânica e psíquica total.

Novamente uma série de explicações de Piaget devem nos apoiar nas nossas reflexões:

[...] importa primeiramente mostrar em que [o] caráter necessariamente circular, e não somente hierárquico, do sistema (por diferenciação da estrutura em possíveis subestruturas) caracteriza a organização cognitiva espontânea tanto quanto a organização biológica. (Ibid., p. 182).

Definição das estruturas. - Uma estrutura contém em primeiro lugar elementos e relações que os ligam, mas sem ser possível caracterizar ou definir estes elementos independentemente das relações em jogo. Mesmo no caso de simples agregados, se os considerarmos como estruturas de composição atomística, os elementos não são dados independentemente de suas relações (reunião, disposição espacial), do contrário não haveria estrutura. Estes elementos podem ser de natureza muito diversa: corpos químicos, quantidades energéticas, processos cinemáticos ou dinâmicos, para as estruturas biológicas, e percepções, lembranças, conceitos, operações, etc., para as estruturas cognitivas. As relações podem igualmente consistir em ligações de toda espécie: espaço-temporal, causal, implicativa, etc., conforme as estruturas orgânicas ou cognitivas, e sobretudo estáticas ou dinâmicas (por exemplo, anatômicas ou figurativas e regulatórias ou homeorrésicas, etc.). Em segundo lugar, as estruturas assim definidas podem ser consideradas independentemente dos elementos que as compõem. Isto não quer dizer que possam existir sob esta forma (salvo no caso das estruturas "abstratas" do matemático), mas que, fazendo abstração dos elementos que a compõem, pode-se ainda considerar a estrutura como "forma" ou sistema de relações. Isto é indispensável às nossas comparações, porque é o princípio de todo isomorfismo. Em terceiro lugar, existem estruturas de diversos "tipos" lógicos, isto é, convém considerar estruturas de estruturas, etc. [...] Ora, são naturalmente as estruturas de "tipos" elevados que procuraremos comparar entre os domínios orgânicos e cognitivos, porque o isomorfismo se reduziria a muito pouca coisa para os "tipos" inferiores, que são inumeráveis. Em quarto lugar, [poder-se-á dizer] que existe isomorfismo entre duas estruturas se for possível estabelecer uma correspondência biunívoca entre seus elementos, assim como entre as relações que os unem, conservando o sentido dessas relações. Como é possível fazer abstração desses elementos e de sua natureza, um isomorfismo entre duas estruturas reduz-se, pois a reconhecer a existência de uma mesma estrutura, mas aplicada a dois conjuntos diferentes de elementos. Em quinto lugar, chamaremos subestruturas um setor ou parte de uma estrutura de conjunto que pode ou não apresentar isomorfismo com a estrutura total. Por exemplo, a estrutura do estômago com relação à de todo o tubo digestivo ou a estrutura da operação inversa com relação a

uma estrutura de "grupo". Não se deve, portanto confundir uma subestrutura (nesta terminologia) com uma estrutura de "tipo" inferior, nem com uma das estruturas comparadas em um isomorfismo (embora uma subestrutura em certos casos possa ser isomorfa da estrutura total, como um "subgrupo" relativamente a um "grupo" matemático). (Ibid., p. 163-165).

Estas conceituações de estruturas e subestruturas biológicas são as que mais nos importam, neste estudo, e que vêm sendo por nós utilizadas. Mas voltemos ao tema da cognição e da afetividade: entendemos que a experiência psíquica do bebê envolve esquematizações sensório-motoras sincrônica e diacronicamente combinadas aos fatores afetivos. Da mesma forma, a criança pequena se organiza por esquematizações simbólicas, pré-operatórias em "consonâncias" com elementos motivacionais. O mesmo se dá nas relações entre as organizações operatório-concretas e os sentimentos próprios desta fase (juízos de certa reciprocidade com sentimentos correspondentes, etc). Com o adolescente e o adulto podemos conceber a existência de sentimentos interligados ou integrados aos esquemas operatório-formais. O universo afetivo-operatório pode ser detalhado, por exemplo, em indignação operatória, generosidade operatória, etc.

Como vimos, a denominação "esquema integral" pode desdobrar-se em idéias relativas aos seus pormenores: se tomarmos, por exemplo, os esquemas afetivo-operatório-concretos, entenderemos que estes "afetos" podem ser vários: o sentimento de raiva integrado a certos pensamentos operatórios, por exemplo, o da reciprocidade nas relações interpessoais pode levar a alguma atenuação da própria agressividade. Se o sujeito

do exemplo considerar que ele mesmo pode agir da mesma maneira. Ilustrando melhor: O garoto A rouba um brinquedo do garoto B. B descobre o roubo e ofende A. A fica indignado pela ofensa, mas reconsidera: "quando eu era menor, me roubaram um brinquedo e percebi que isto dá mesmo raiva". Analogamente, o medo conjugado a uma operação concreta pode gerar tipos especiais de relacionamento: "eu sinto medo, ele sente medo, podemos nos unir para nossa defesa mútua".

Em cada etapa da vida do ser humano há esquemas integrais em profusão de tipos: a variedade de afetos (alegria, tristeza, raiva, medo, dor, excitações genitais, etc) pode combinar-se com organizações cognitivas também muito ricas em sua diversidade. A combinação de muitos afetos (e não pretendemos saber, aqui, quanto são) com um grande número de formas de organização cognitiva implica, por combinação, uma "imensidade" de esquemas integrais possíveis.

Segundo compreendemos, o afeto, ao longo da vida do indivíduo humano, sofre a participação das sucessivas construções cognitivas. Esta participação não apenas dá sentidos intelectuais aos afetos, emoções e sentimentos, mas os transforma em novas realidades, em novos sentimentos que não seriam possíveis se não houvesse tais ou quais pensamentos em atividade. Pode haver afetos integrados a cognições formais e vice-versa, formando uma esquemática integrada. Um pensador que formule uma teoria ou uma fantasia utópica vive sentimentos diferentes de outros, por exemplo, o carinho pela família. Há

afetos mais egocêntricos, etnocêntricos, sóciocêntricos, etc. Cada etapa deste caminho construtivo deve ter seu valor nas conquistas seguintes e não perde sua função antiga por surgirem as novas. Uma mãe idealista que trabalha em causas planetárias não deve perder os vínculos com o filho, com a família, amigos, etc. Funções afetivas podem se construir em esferas que preservam outras.

Notemos que algumas organizações cognitivas específicas em consonância com outras organizações afetivas particulares, podem gerar experiências morais de tal ou tal nível. A Ética, por exemplo, geralmente envolve combinações de certas inteligências formais (como generalizações sobre o bem coletivo) e alguns afetos especiais (como a compaixão, o bem-querer ou até a indignação). Diversos elementos motivacionais podem se ativar e desativar individual ou simultaneamente. Todo o sistema afetivo se integra e se combina com outras organizações psíquicas mais móveis, as cognitivas.

## **2.6 MULTIFATORIALIDADE X LINEARIDADE NO PSICODINAMISMO**

Algumas teorias da psicogênese humana podem seguir uma compreensão mais linear de suas causas e dos "caminhos" que a psique percorre. A linearidade das realidades biológicas e psicológicas pode ser em casos extremos, um empobrecimento explicativo pela redução das totalidades sistêmicas multifatoriais a poucos elementos que se sucedem ou interagem mutuamente. Algumas reduções impróprias se dão pelas

compreensíveis dificuldades científicas em certos ramos. Mas há casos e apenas alguns em que esta linearidade é adequada para a compreensão dos fenômenos, por exemplo, de forma um pouco vaga, a maturação reprodutiva. De um modo geral, quanto mais simples as estruturações do real, mais simples serão seus modelos teóricos.

A Física possui casos exemplares: a força de atração gravitacional entre dois corpos pode ser representada apenas por dois vetores. Se os corpos se afastam a força diminui e pode ser representada linearmente em um gráfico bidimensional. Igualmente, se uma bola de bilhar é movimentada por um taco e choca-se com outra, não é muito difícil representar simbolicamente estes eventos numa seqüência linear. Mas até no caso simples de uma bola se chocando simultaneamente com duas outras, a representação do dinamismo causal se complica um pouco. Sobre a evolução da Ciência nestes aspectos, Piaget explica que a compreensão da:

[...] causalidade passou de simplesmente linear (mas com todas as interferências que constituem o acaso) a orientar-se no sentido circular, o que anunciava a descoberta dos sistemas auto-reguladores. (Ibid., p. 153).

Se tomarmos, por exemplo, a maturação libidinal Freudiana, da oralidade à genitalidade, como seqüência verdadeira na espécie humana, sua linearidade temporal não teria problemas tão complexos a resolver porque as novas aquisições seriam concebidas como se acrescentando às anteriores, preservando certa funcionalidade dos sistemas antigos. Assim, quando surge a analidade, a oralidade só altera sua importância gradativa e

relativamente. Da mesma forma um indivíduo genitalmente maduro guarda suas características úteis de oralidade, analidade, falicidade, etc.

Mas o processo vivo real é dinâmico e a linearidade da sua compreensão só pode ter valor relativo. A oralidade não é uma coisa uníssona, não é um "bloco" de fluxo linear, assim como os processos maturacionais ligados aos controles de esfíncteres, do aparelho reprodutivo, etc. Podemos ver que tudo isto envolve processos hormonais, alterações complexas de tecidos, estruturações neuronais e tudo mais, como complexos fluxos multifatoriais homeorrésicos.

Vejamos como a Neuropsicologia aprofunda admiravelmente as noções sistêmicas multifatoriais e funcionais que tentamos compreender:

Uma experiência emocional não é um fenômeno unitário, varia de pessoa para pessoa e é o resultado de vários eventos. Ela pode incluir um conjunto de pensamentos e planos acerca de um evento que ocorre, está ocorrendo ou que vai acontecer e manifestar-se através de expressões faciais características. Ao lado disto, podem ocorrer alterações endócrinas e autonômicas importantes, tais como garganta e boca secas, sudorese nas mãos e axilas, aumento dos batimentos cardíacos e da respiração, rubor facial, tremores das extremidades [etc]. (Brandão, 1993, p. 126).

Os principais sinais fisiológicos das emoções são decorrentes da estimulação do sistema simpático, particularmente da medula supra-renal. O simpático é ativado em todas as situações de alerta e prepara o organismo para uma ação de emergência como fuga ou luta. Estas alterações se caracterizam pelo aumento da pressão arterial e frequência cardíaca, permitindo que o oxigênio seja bombeado mais rapidamente; contração do baço, liberando hemácias para o transporte de oxigênio; redistribuição do suprimento sangüíneo da pele e vísceras para o cérebro e músculos; dilatação dos brônquios e aumento da ventilação pulmonar; dilatação das pupilas para aumentar a acuidade visual, e estimulação do sistema linfático a fim de aumentar os linfócitos circulantes com vistas a reparar danos aos tecidos. A liberação de adrenalina da medula adrenal mimetiza todos os efeitos da estimulação simpática e também resulta em um aumento do metabolismo e da liberação dos estoques de energia. Tudo isto ocorre em um tempo de segundos a minutos. Nas condições de vida moderna, este processo pode ser mais prolongado, uma vez que as situações de perigo não estão sempre associadas à fuga ou à luta e sempre levamos algum tempo para



raciocinar sobre as possíveis conseqüências decorrentes da situação de perigo pela qual passamos. (Ibid., p. 129).

Nosso método de pensamento por análises e derivações nos leva a procura discernir estruturas interligadas em grupos de subestruturas, e fazer algumas classificações de elementos das dinâmicas cerebrais. Por exemplo, a existência de elementos que compõem uma totalidade é evidenciada pela existência de variantes onde um determinado elemento não está presente. Sabemos que há, por exemplo, variações na presença ou ausência da fome em momentos diferentes e em indivíduos diferentes. Se há momentos com fome e momentos sem fome, este (fator fome) é, necessariamente, um elemento componente da totalidade. Se é possível a um mesmo indivíduo ou pessoas diferentes agir com ou sem agressividade, concluímos, em termos lógicos, que a agressividade é um componente da totalidade sistêmica da mente ou um subsistema. Compreendamos que fome, agressividade, medo, etc são fatores que em momentos diversos, se ativam e desativam, estão menos ou mais presentes ou ausentes da totalidade.

### 3 FUNÇÕES BIOLÓGICAS E PSÍQUICAS

#### 3.1 O QUE É FUNÇÃO EM BIOLOGIA E PSICOLOGIA?

Tomemos a seguinte explicação de Piaget:

Neste sentido preciso, que utilizaremos no presente capítulo, a função é a ação exercida pelo funcionamento de uma subestrutura sobre o de uma estrutura total, quer esta seja uma subestrutura que engloba a primeira, ou seja, a estrutura do organismo em conjunto. Falaremos, por exemplo, da função do suco gástrico na digestão; ou ainda da função da respiração como sendo comum a todos os seres vivos [...]. Mas é preciso acrescentar três complementos a esta definição. Em primeiro lugar, a ação do funcionamento de uma subestrutura só corresponde a uma função quando esta ação é "normal", isto é, útil na medida em que conserva ou mantém a estrutura da qual esta subestrutura faz parte. Por exemplo, o excesso de suco gástrico ou sua alteração patológica não desempenham mais papel funcional na ação sobre a estrutura total. Em segundo lugar, se o termo função não se aplica mais a uma subestrutura especificada, como o suco gástrico, mas a um conjunto de possíveis subestruturas diferentes, como no caso de falarmos da "função de respiração", o termo função não designa mais um único grupo de ações particulares, mas uma classe inteira de ações análogas, virtuais ou atuais, subordinadas todas igualmente ao critério do normal ou do útil, relativamente à conservação da estrutura total. Em terceiro lugar, se a condição do normal ou da utilidade está assim ligada à idéia de função, isto significa que esta não pode ter sentido senão num contexto de organização. Pode-se então falar também da "função" de organização (por oposição às estruturas particulares de organização ou ainda às leis gerais, ainda desconhecidas, que caracterizam toda estrutura de organização). Mas como em biologia não há ação sem interação, podemos estender a definição precedente dizendo que, se as funções especializadas consistem em ações exercidas pelo funcionamento de uma subestrutura sobre o de uma estrutura total, reciprocamente a função de organização é a ação (ou a classe de ações) exercida pelo funcionamento da estrutura total sobre o das subestruturas que engloba. (Piaget, 1967, p. 165-167).

No sentido corrente do termo, fala-se de função para designar a classe das ações úteis de uma subestrutura, classe descrita em "compreensão" com referência a um sistema organizado. (Ibid., p. 166).

Vamos ressaltar, em especial, esta referência de Piaget às organizações das estruturas totais sobre as subestruturas: isto será útil para nossa compreensão de "Harmonia Psíquica", mais detalhada no capítulo 5, como uma forma especial deste gênero, Piaget relaciona, ainda, conceitos interligados ao de função,

que preparam nossas concepções de dinâmicas orquestrais e harmonizadoras:

O segundo caráter da função de organização é, portanto a interação das partes diferenciadas. Sem parte ou processos parciais diferenciados não haveria organização, mas uma totalidade homogênea que se conservaria por inércia. Sem interação ou solidariedade das composições também não haveria organização, mas simples reunião de elementos atomísticos. [...] Mas estas duas propriedades não bastam para caracterizar uma organização por oposição a sistemas físicos em movimento. A elas se acrescenta o fato fundamental de o conteúdo da organização renovar-se incessantemente pela reconstrução (metabolismo). Isto quer dizer que a conservação do todo é a conservação de uma forma, e não de seu conteúdo, e que os processos em interação admitem uma alimentação energética proveniente de fontes exteriores ao sistema. Noutras palavras, em resumo, a função e a organização consistem em conservar a forma de um sistema de interação através de um fluxo contínuo de transformações, cujo conteúdo se renova incessantemente por trocas com o exterior. (Ibid., p. 175).

[...] é [no] terreno da inteligência que a necessidade de invariantes é mais manifesta. Com efeito, de um lado, a lógica consiste em constituir esquemas invariantes destinados a organizar em forma de pensamento o fluxo irreversível dos acontecimentos exteriores e a transformação contínua da corrente de consciência interna. (Ibid., p. 176).

[As] organizações cognitivas se orientam constantemente, como as organizações de natureza biológica, no sentido da diferenciação e integração complementares [...]. (Ibid., p. 177).

"Diferenciação e integração complementares" também são bases conceituais de Piaget que nos apóiam na busca de nossas próprias concepções. No capítulo 2 tentamos apresentar o valor das compreensões integrativas das estruturas biológicas. Neste capítulo tentaremos diferenciar algumas subestruturas psíquicas ligadas a suas funções especiais. Outra explicação de Piaget que nos dá base, nestes temas, é o seguinte sentido geral da terminologia sobre estruturas biológicas: "Em resumo, uma estrutura compreende os caracteres de totalidade, de transformações e de auto-regulação." (Piaget, 1968, p. 8).

Diversas subestruturas compõem totalidades orgânicas, totalidades sistêmicas, órgãos, sistemas e organismos completos, estruturas providas de auto-regulações especiais. Se

a idéia de sistemas afetivo-cognitivos refere-se a funções orgânicas e psíquicas ligadas a movimento e motivação, devemos pressupor que estes movimentos sejam organizados, tenham finalidades específicas para a consecução de ações adaptativas determinadas.

### **3.2 FUNÇÕES GERAIS E ESPECÍFICAS**

Toda função tem algum nível de generalidade, pois não trata exclusivamente da ocorrência em um único organismo. Algumas funções são mais gerais (como nutrir-se, reproduzir-se, movimentar-se, etc) e outras mais restritas a certas espécies e grupos de organismos vivos (a visão, a audição, o tato, etc). Quando consideramos algumas funções mais ou menos específicas da vida biológica, não perdemos de vista a importância das funções mais amplas: enquanto as funções especializadas de agressão e sua inibição, a de cuidado da prole ou do grupo, etc são restritas a alguns grupos, devemos compreender que todas elas guardam características dos processos adaptativos gerais: assimilam o mundo às suas atividades estruturadas e se acomodam às exigências do meio por capacidades auto-transformadoras e auto-reguladas. A função visual assimila e se acomoda ao meio exterior das transmissões eletro-magnéticas; a audição, às vibrações moleculares, assim por diante.

Se tomarmos como uma de nossas bases conceituais as pesquisas de um dos mais importantes etólogos do nosso tempo, Eibl-Eibesfeldt, especialmente em sua obra "Amor e Ódio - Uma

História dos Padrões Elementares do Comportamento" (1970), notaremos que deve existir, na conformação orgânica humana, alguns elementos de estruturação transmitida na espécie, por exemplo, destinada a promover ações de agressão e defesa. Neste caso, a organização biológica característica da espécie humana permitiria expressões psíquicas como sentimentos de raiva e medo. Compreendemos que se trata de uma função adaptativa necessária a inúmeras espécies, algo que carrega traços comuns a mamíferos, primatas, etc, funções gerais criadas na filogênese das espécies.

Observemos a seguir, apenas alguns exemplos de funções biológicas e suas expressões mais ou menos conscientes no psiquismo humano:

## 1. Funções de assimilação de substâncias

### 1.1 Funções de alimentação e respiração

Atividades de:

Ingestão de alimentos e inalação de oxigênio

Sensações de:

Fome, sede, percepção de aromas e sabores,

mastigação, sensação de saciedade

Respiração automática inconsciente

Respirações conscientes

Sensações de:

Falta de ar, ofegância

## 2. Funções de eliminação de substâncias

Atividades de:

Expiração e excreção

Sensações de:

espirro, tosse, pigarro

### 3. Funções reprodutivas

Atividades de:

Cortejamento, acasalamento, parto

Sensações de:

desejo sexual, enamoramento, orgasmo

### 4. Funções de proteção

#### 4.1. Funções de agressão, fuga ou paralisia

Atividades de:

Expulsar, ferir, matar, fugir, imobilizar-se

Sensações de:

Ameaça, raiva, medo, conflito

Uma série de categorias poderiam ser detalhadas desta forma: funções de apetite e aversão (fome, sede, desejo sexual, dor, nojo, etc).

Em um momento importante do livro "Biologia e Conhecimento", Piaget revela algo essencial para este estudo: que as funções apetitivas possuem um aspecto afetivo e um cognitivo:

[Uma importante] questão é [...] decidir se o comportamento apetitivo constitui um esquema. Parece à primeira vista que não. Neste caso o quadro seria heterogêneo, porque, com relação à apetência, ouvimos falar de impulsões e de hormônios, enquanto que para as outras condutas trata-se de percepções e de movimentos. Mas notemos primeiramente que toda conduta, qualquer que seja, contém sempre um aspecto energético ou afetivo e um aspecto estrutural ou cognitivo. Dizer que o comportamento apetitivo resulta de uma impulsão hormonal, e se traduz por uma tendência ou um 'Trieb', é simplesmente conotá-la

sob o primeiro dos dois aspectos [o afetivo] e resta caracterizar o segundo [o cognitivo]. (Piaget, 1967, p. 266).

[...] um esquema instintivo especializado de [certo] nível é ordinariamente encaixado num esquema geral de apetência, mas pode desencaixar-se momentaneamente, porque um instinto pode funcionar sem necessidade sob a coerção de um estímulo significativo atual. (Ibid., p. 269).

Se um comportamento apetitivo possui, em conclusão, uma esquemática, devemos ressaltar que se trata de uma esquemática integral ou afetivo-cognitiva.

Notemos que estas categorias de "apetitivo" e "aversivo" não são absolutas: a sede, por exemplo, pode ter, em casos extremos, um componente aversivo, um sofrimento que também participa da função adaptativa de nutrição. A tristeza também é um exemplo interessante dos casos intermediários: uma música triste pode ser bela, comover-se por alguém pode gerar sofrimentos "misturados" ou que se alternam com satisfações, em alguma medida.

Dentre as funções de excitação e inibição podemos observar As atividades de sono e vigília, que envolvem sistemas para fazer dormir e acordar, possuem expressões orgânicas e psíquicas como bocejos, olhos "pesados", tonturas, etc. Nestas atividades participam ritmos de periodicidades adaptativas. Delas participam estados emocionais de alerta, intensificação da atenção e suas atenuações.

Observemos que a função agressiva pode envolver, por exemplo, esquemas afetivo-sensório-motores direcionados à nutrição (no caso da caça), acasalamento forçado e proteção (por afastamento ou eliminação de outros agressores).

Nas dinâmicas de reprodução e proteção da cria, os vínculos de apego ligam-se a sentimentos de carências por isolamento, distanciamento, perda (tristeza, solidão, saudades); ação de aproximação e manutenção da proximidade e prazer ou alívio pelo contato, relacionamento ou aconchego.

Há funções cooperativas, que envolvem as empatias, formações de alianças, cognição cooperativa operatória concreta e formal.

Há níveis mais instintivos ou primitivos das organizações funcionais, que envolvem elementos emocionais e afetivos.

Em um nível superior em complexidade, temos as funções cognitivas diversas: a inteligência sensório-motora, simbólica (lingüística e imagística) e os raciocínios operatórios concretos e formais.

### **3.3 ESQUEMAS HEREDITÁRIOS E INATOS**

Consideremos, agora, um tema que aparece na teoria piagetiana desde "O Nascimento da Inteligência na Criança" (1936) até "Biologia e Conhecimento" (1967) e "A Equilibração das Estruturas Cognitivas" (1975), passando por "A Construção do Real na Criança" (1937). Adiante, Piaget faz uma diferenciação dos esquemas hereditários ou inatos em relação aos adquiridos e os construídos:

Vimos que no exercício do reflexo não há fixação do mecanismo como tal, e é por isto que a acomodação de um esquema hereditário, supondo a experiência e o contacto com o meio, constitui apenas um com a assimilação, quer dizer, com o exercício funcional deste esquema. A um dado momento, pelo contrário, a actividade da criança retém qualquer coisa de exterior a ela, isto é, transforma-se em função da



experiência: é nisto que há acomodação adquirida. (Piaget, 1936, p. 62).

[Para] chupar a língua e o polegar a criança é obrigada a incorporar aos movimentos que constituem o seu esquema hereditário de sucção, movimentos novos descobertos durante a experiência individual: estender a língua, levar a mão à boca, etc. (Ibid., p. 147).

Em seu início, a assimilação é essencialmente a utilização do meio externo pelo indivíduo para alimentar seus esquemas hereditários ou adquiridos. Que esses esquemas, tais como os da sucção, da visão, da apreensão, etc, tenham necessidade de acomodar-se, sem cessar, às coisas e que as exigências dessa acomodação se opõem, com freqüência, ao esforço assimilador, é evidente. Porém essa acomodação permanece de tal forma indiferenciada dos processos assimiladores que ela não ocasiona nenhuma conduta ativa especial, mas consiste simplesmente em um ajustamento destes às particularidades das coisas assimiladas. (Piaget, 1937, p. 358).

Desde o nível dos esquemas inatos, vemos constituírem-se certas regulações. (Piaget, 1975, p. 83).

Salientemos de início, o fato de que os esquemas iniciais de assimilação são ao mesmo tempo inatos, pouco numerosos e muito gerais, quanto aos domínios assimiláveis: sugar (esquema que transporá rapidamente as fronteiras da simples mamada), olhar, ouvir e tocar (com o reflexo palmar e uma ativação ulterior cada vez mais ampliada até a apreensão intencional). Disso resulta que as perturbações que podem constituir obstáculo ao exercício destes esquemas consistirão a princípio em simples lacunas (necessidade momentânea não satisfeita, falta da mamada atual, etc.). (Ibid., p. 80).

Se sugar, mover os olhos, as mãos, as perninhas, etc, têm raízes em esquemas inatos que se diferenciam em esquemas cognitivos não inatos, o que dizer do choro, das gargalhadas, do prazer por certos alimentos e o desprazer na ingestão de outros? Não seria bastante duvidoso supor que o chorar por dor ou contágio não tem raízes hereditárias? O prazer pelo doce e a aversão pelo amargo não terá, também, raízes inatas que permitem reesquematisações cognitivas e afetivas ontogenéticas?

Se os exemplos adiante carregam certa simplicidade, por outro lado têm o valor de aclarar nossa compreensão de que a vida psíquica possui subsistemas relativamente independentes e relativamente integrados uns aos outros. Já insistimos suficientemente na idéia de que a totalidade psíquica tem

sempre a participação de afeto e cognição, mas defendemos, aqui, que há certas hierarquias de organização biológica e experiência psíquica. Começamos por casos mais simples: o apego, a fome e o medo, por exemplo, devem ter alguma precedência hierárquica em relação à pura curiosidade. É claro que as brincadeiras inteligentes do bebê só são possíveis quando ele não está premido pelo choro faminto, etc. E na vida da criança, do jovem e do adulto ainda permanecem certas hierarquias no dinamismo psíquico: um estudante dedicado, por exemplo, só consegue evitar retirar-se da aula até certo ponto de uma urgência miccional. Os exemplos mais óbvios servem para facilitar a compreensão dos casos não tão óbvios e fortalecem esta noção das hierarquias no sistema total. Portanto, há níveis diferentes de rigidez das pré-montagens: a sexualidade tem rigidez menor em relação à fome e a sede: pode-se promover culturalmente a inibição da sexualidade, enquanto que atenuar a fome e a sede é bem mais difícil e eliminar os instintos para urinar, por exemplo, é absolutamente impossível.

### **3.4 OS ESQUEMAS DO INSTINTO**

Entraremos, agora, em um campo da teorização piagetiana que, compreensivelmente, não parece ser o foco principal de muitos de seus estudiosos, especialmente aqueles que se dedicam prioritariamente ao universo cognitivo, tão profundamente pesquisado: o instinto animal, que se organiza por esquemas. Ao abordar as organizações instintivas, Piaget explica que os

esquemas são: [...] "unidades de comportamento susceptíveis de repetição mais ou menos estável e de aplicação a situações ou objetos diversos." (Piaget, 1967, p. 266).

Observemos como Piaget aborda o conceito de esquema como algo que participa de funções básicas de sobrevivência em animais. Sobre instintos ligados à reprodução, ao combate, ao trabalho de formigas operárias, etc, Piaget diz:

Lembremos [...] que os esquemas de conjuntos peculiares ao instinto apresentam a propriedade muito notável de ultrapassar largamente o comportamento do indivíduo e reunir em um mesmo todo funcional vários comportamentos complementares, pois as condutas de parceiros sexuais, de combatentes, de operárias numa termiteira ou numa colméia, etc, dependem respectivamente de uma mesma estrutura total, que abrange ao mesmo tempo o macho e a fêmea, etc. A variação de cor individual, por exemplo, o vermelho de carapau, resultante da contração dos melanóforos somente no período da nidificação, só tem sentido no que diz respeito à fêmea e aos rivais, fazendo parte, portanto, de um esquema não individual, mas a bem dizer transindividual. Daí resultam relações de correspondência, isto é, multiplicativas (no sentido lógico) entre os movimentos particulares de um parceiro e os do outro. Estas correspondências podem fazer parte da programação hereditária e pertencer assim à lógica do instinto. Mas podem também ser simplesmente inseridas no quadro hereditário na qualidade de condutas individuais, por exemplo, de imitação. Quando um macho de carapau se coloca em posição invertida, a cabeça para baixo e a cauda para cima, em frente a outro macho (conduta de substituição ou de derivação, para evitar o combate na fronteira do território), há apenas imitação individual. Tinbergen pôde obter essa conduta colocando um macho diante de um espelho. Mas nem por isso deixa de haver correspondência das posições. (Ibid., p. 269-270).

Observemos que Piaget diz algo que será importante para nosso capítulo 8, dedicado às esquemáticas interpessoais e grupais. Ele nos explicou que existem "estruturas totais", principalmente nas relações ecológicas sociais, e "esquemas não individuais", envolvendo, no exemplo, esquemas diferentes no macho e na fêmea, mas que são interdependentes. Notemos, ainda, que Piaget relaciona como elementos instintivos as combinações da sexualidade, agressão, fuga, etc:

Uma lógica mais completa dos instintos consideraria, não somente as relações entre os diferentes níveis de um mesmo instinto, mas ainda as

relações entre os instintos diferentes dos mesmos animais. Por exemplo, as interconexões entre o instinto sexual, a agressividade e o instinto de fuga. Estas relações exprimem-se por correspondência (ou correlações) positivas ou negativas no conjunto dos atos instintivos que podem mutuamente ativar-se ou inibir-se. (Ibid., p. 265).

Estas correlações entre instintos, que podem ser positivas ou negativas, são uma expressão de idéias que também podem dar "força" a nossas tematizações das harmonias e desarmonias endógenas, já que Piaget está falando disto. Mas deixemos isto para o capítulo 5 e consideremos, por ora, que o ser humano também é um animal provido de sexualidade, agressividade, medo, etc. Então como analisaremos a esquemática destes processos vitais no Homem? A partir da compreensão de que os animais possuem esquemas instintivos especiais, não poderíamos desprezar a observação de que o ser humano também necessita de organizações cerebrais dirigidas a funções básicas de sobrevivência. As funções deste gênero se organizam por algumas estruturas inatas específicas: fome, sede (com rigidez esquemática mais forte), medo, agressividade (com rigidez intermediária e com necessidades de grande maleabilidade), sexualidade, etc. Mesmo que estas organizações se integrem a cognições absolutamente móveis e nada instintivas (podemos construir sistemas de significações pessoais em relação aos alimentos, aos objetos de agressão e medo, à sexualidade), mesmo assim algumas estruturas devem estar programadas hereditariamente em nossa espécie. Mas antes de prosseguirmos na reflexão das organizações cerebrais humanas deste tipo,

consideremos aspectos mais gerais do tema da esquemática instintiva. Sobre estes "esquemas do instinto", Piaget busca;

[...] estabelecer que as condutas [de diferentes níveis instintivos] correspondem a 'esquemas' [...] [e,] apreender os modos de ligação entre estes esquemas, quer se trate de coordenação entre esquemas sucessivos quer se trate de ligações internas entre um esquema e seus subesquemas. (Ibid., p. 266).

Vejamos, a seguir, diversas explicações nas quais Piaget se aprofunda bastante no que denomina: "As condições do 'saber instintivo" (Ibid., p. 258).

As estruturas instintivas consistem em sistemas de esquemas coordenados, de modo muito semelhante ao que se observa no terreno das aquisições e da inteligência sensório-motoras. Em particular, o instinto utiliza instrumentos, aparelhos ou «utensílios» (bicos, patas escavadoras, glândulas secretas de filamentos, etc.) ao mesmo tempo orgânicos e hereditariamente programados, ao passo que a inteligência sensório-motora ou fabricante descobre-os de fora, ou os prepara e os constrói (desde o nível dos chimpanzés). (Ibid., p. 275).

Para dar um exemplo muito simples dessas possíveis assimilações de esquemas, o caracol comestível *Helix pomatia* L. põe os ovos na terra a alguns centímetros de profundidade. Tendo modesta inteligência, sem dúvida não sabe prever as vantagens dessa atuação, e não se pode, portanto recorrer a esta antecipação. Mas: a) põe-se ao abrigo do sol e do frio, embaixo das pedras, etc.; b) pode generalizar este esquema de proteção quando o frio aumenta, chegando até a se enterrar um pouco no inverno; c) apresenta a tendência, sem dúvida hereditária, à hibernação e se retira para dentro da concha, secretando um epifragma que tapa a abertura (simplesmente secreção de muco acumulado); d) por outro lado, põe ovos, e pode-se imaginar que não os confunde com uma excreção qualquer, e, por mais rudimentares que sejam os índices perceptíveis de que dispõe (proprioceptivos e exteroceptivos), engloba-os em

sua esfera de conservação no momento da postura. A tendência a pôr na terra resultaria então de uma coordenação ou assimilação do esquema da postura com o da auto-proteção e o do refúgio no solo. (Ibid., p. 276).

Mais uma vez guardemos para adiante algumas expressões: índices interoceptivos, exteroceptivos e as coordenações e assimilações recíprocas de esquemas instintivos. Prossigamos em Piaget:

[Uma] interpretação sugerida [anteriormente] equivale, [...] a supor que o ciclo ou sistema total de esquemas instintivos não resulta da fixação hereditária da aprendizagem individual, mas do exercício espontâneo ou de combinações e recombinações dos esquemas ao nível de sua formação e de seu desenvolvimento [...]. [...] Se admitirmos então que o ciclo transindividual do instinto está ligado a certos sistemas particulares ou subsistemas de genes aos quais se prendem esquemas instintivos, na qualidade de unidades funcionais, as recombinações desses subsistemas entre si (com possíveis modificações no interior dos subsistemas) tornam-se evidentes. O único elemento novo, e, por conseguinte discutível, que nossa hipótese contém é que estas combinações ou recombinações de esquemas fazem-se de conformidade com sua lógica interna, isto é, são conformes com as possibilidades de encaixamentos, de ordem, de correspondência, etc., precedentemente descritas (IV) e não somente de conformidade com os caracteres morfológicos e fisiológicos contidos na informação genética. Em outras palavras, se um esquema instinto elementar A está ligado a um sistema de genes a e um sistema B a um sistema de genes b, a combinação de a e de b não produziria um novo todo a b sem levar em conta os caracteres funcionais de A e B, mas seria determinado pela forma de A e de B e pela conveniência de se encaixarem, se ordenarem ou entrarem em correspondência. Seria, por conseguinte a "lógica" desses esquemas que determinaria sua combinação. Isso explicaria por que o ciclo instintivo de conjunto e transindividual podem assemelhar-se a um ato de inteligência (feito igualmente de coordenação dos esquemas por assimilação recíproca). (Ibid., p. 278; 278-279).

Piaget apresenta, neste ponto, sua concepção clara e avançada de instinto como estruturas que não são inteiramente rígidas e imutáveis. A mobilidade parcial ou total de certas estruturas instintivas é bastante importante para nós, autores, e para os leitores, que podem, alguns, ter assimilado fortemente a noção antiga de instinto como uma programação hereditária absolutamente fixa. Esta idéia de "sistema total de

esquemas instintivos" pode guardar uma relação próxima com a nossa concepção de sistemas afetivo-emocionais.

Mas a grande dificuldade, quando se trata dos próprios esquemas, é encontrar uma linha de demarcação entre o inato e o adquirido, porque existem entre eles todas as transições, como por exemplo, entre os reflexos e os primeiros hábitos (condicionados ou simplesmente instrumentais). (Ibid., p. 217).

[...] o instinto representa o modelo de um comportamento ao mesmo tempo preestabelecido, na medida em que repousa, em forte proporção, sobre informações genéticas, e notavelmente antecipador, no sentido de ajustar-se às circunstâncias do meio exterior, como se tivesse conhecimento do fim visado e das relações instrumentais que subordinam a esse fim uma série de meios sucessivos, encadeados de maneira bem adaptada. (Ibid., p. 227).

Na realidade, os conhecimentos que intervêm no instinto são reações a 'estímulos significativos', aos quais o organismo é sensibilizado por seus hormônios (comportamento apetitivo), e conduzem a 'atos consumatórios' que se desdobram em uma série de movimentos elementares. (Ibid., p. 227-228).

Um dos caracteres fundamentais, igualmente, dos esquemas instintivos é a adaptação ao meio. Nesse ponto todos estão de acordo. Esta adaptação é muito mais profunda ainda do que no terreno da morfologia, porque não se faz 'por atacado', mas deve levar em conta uma série de acontecimentos muito particulares. Além disso, tem quase sempre caráter antecipador. Quando o cuco põe os ovos no ninho dos outros (e é o que acontece com todas as 80 espécies deste gênero), sem dúvida nada sabe, enquanto indivíduo, sobre o destino desses ovos, mas os esquemas epigenéticos de seu instinto só são possíveis se forem satisfeitas as seguintes condições: 1) existirem espécies de pássaros nidificadores e a ausência de ninho próprio não constituir caráter geral dos pássaros ou animais terrestres; 2) essas outras espécies terem instintos apropriados para o cuidado dos filhotes, inclusive os pequenos cucos. (Ibid., p. 273).

O instinto pertence, [...] do ponto de vista da análise das condições necessárias, a um patamar anterior ao da aprendizagem ou ao da inteligência [...]. O problema consiste então em compreender como funcionam os esquemas que acabamos de descrever como sendo constitutivos da lógica do instinto, ou, noutras palavras, em que consiste a atividade assimiladora que os engendra e coordena. (Ibid., p. 272-273).

As atividades instintivas podem variar quanto ao nível de participação ou a preponderância dos esquemas inatos nas esquemáticas integrais. Podemos denominar assimilações de instintividade forte aquelas com grande determinação hierárquica pelas estruturas orgânicas da espécie. Os contágios de choros em bebês são um exemplo importante. As reações empáticas (ver capítulo 8) são outro caso importante deste

gênero: a aparência imitativa de uma reação deste tipo deve-se ao predomínio das atividades acomodativas "pressionadas" pelo meio externo (o sorriso diante de um rosto alegre, o medo ou a raiva diante de uma ameaça concreta, o entristecimento diante de um sofrimento alheio, etc). A reflexão e as ações éticas são um exemplo oposto: pode haver processos instintivos (em sofrimentos de indignação, desejos transformadores, etc) participando das esquematizações integrais, mas uma prevalência, mais acentuada dos raciocínios voltados para o bem coletivo, pensamentos construídos ontogeneticamente e nada programados no "pool" genético da espécie humana.

### **3.5 INSTINTO E COGNIÇÃO: DIFERENÇAS E ANALOGIAS**

Algumas explicações sobre diferenças e analogias entre os esquemas instintivos e os cognitivos podem ser vistas nas citações adiante. Vejamos uma questão inicial sobre estas teorizações de Jean Piaget:

É [...] no terreno do estudo dos comportamentos que a epistemologia comparada pode esperar seus mais decisivos progressos. Isto não é, aliás, de modo algum um ponto de vista novo. Vimos acima que um dos fundadores da etologia contemporânea em suas perspectivas 'objetivistas', K. Lorenz procurou mostrar as relações entre o kantismo, ao qual se filiava, e o papel do inatismo no comportamento, colocando de maneira sugestiva o problema das condições prévias de todo conhecimento. Ora, é precisamente esta questão do que há de prévio em toda adaptação que representa o problema comum, da biologia e das funções cognitivas. (Ibid., p. 79).

Podemos aproveitar o "resumo" de Piaget em relação a estes temas para nos auxiliar na compreensão das diferenças entre as organizações instintivas e cognitivas. Ele comenta que seu livro "Biologia e Conhecimento" possui um trecho que é:



[...] consagrado à epistemologia dos níveis inferiores das funções cognitivas e [procura], sobretudo marcar a existência de uma espécie de lógica do instinto e a necessidade de quadros hereditários no desenvolvimento dos conhecimentos adquiridos. Ao final destas análises, [tentamos] a aventura de uma interpretação biológica das três grandes formas de conhecimento. O saber ou "saber fazer" inato, próprio do instinto, levanta naturalmente as grandes questões, sempre atuais, da variação adaptativa hereditária [...]. Os conhecimentos adquiridos, principalmente os que se apóiam na experiência física, pertencem, naturalmente também, ao domínio da acomodação fenotípica. Mas, assim como biologicamente os ajustes do fenótipo ao meio nunca deixam de ser acompanhados pela interação com as estruturas genotípicas, assim também o conhecimento experimental nunca é possível sem a estruturação lógico-matemática. Resta então o problema central da natureza dessas operações lógicas ou matemáticas, que nem epistemologicamente nem biologicamente são redutíveis quer a estruturas inatas do tipo do instinto, quer a puras impressões depositadas ou provocadas pelo meio ou pelos objetos. Todo esforço do livro consistirá em descobrir para elas um terceiro tipo de estatuto biológico. Este problema é fundamental para nosso propósito, porque a surpreendente adaptação dos quadros lógico-matemáticos à experiência física constitui um caso particular, e especialmente importante em nossa perspectiva, da adaptação de um funcionamento interno do pensamento ou do organismo aos caracteres do objeto ou do meio em geral. (Ibid., p. 84-85).

Outra consideração fundamental para nós é a relação sintética que Piaget estabelece, ao explicar a analogia funcional entre as regulações orgânicas e cognitivas:

[...] basta lembrar aqui que as 'formas' do comportamento prolongam muitas vezes as dos órgãos (instintos, hábitos de apreensão, etc.) e que os conceitos da inteligência prolongam os esquemas sensório-motores do comportamento adquirido. Dito isto, procuremos destacar as analogias e as diferenças entre as regulações orgânicas e as cognitivas. (Ibid., p. 237).

[...] as estruturas do instinto situam-se numa escala [...] em que a capacidade cognitiva do indivíduo tem um papel nulo ou quase nulo, mas onde a organização inteira é beneficiada pelos sistemas reguladores que dependem do genoma ou sobretudo do desenvolvimento (ontogenético, mas aproximadamente comum a todos os indivíduos). (Ibid., p. 275).

Ressaltemos que, neste momento, Piaget apresenta uma concepção bastante extrema sobre este "papel nulo ou quase nulo" da cognição sobre a instintividade. Mas dentro deste "radicalismo" teórico, o "quase" relativiza as proporções de uma forma que o "não nulo" passa a ter um valor indefinido, por exemplo, significando um "papel pequeno". Mas o "pequeno" pode, pelo seu relativismo indefinido, ser "maior" que algo ainda

"menor". Então o que nos importa nesta afirmação é que a cognição pode ter, nesta concepção piagetiana, algum papel sobre o instinto. Prossigamos, então, nas considerações que nos importam:

[...] o instinto é um vasto sistema de antecipações surpreendentes e verossimilmente inconscientes, ao passo que as inferências do pensamento promovem as antecipações à categoria de instrumentos conscientes, constantemente utilizados. Ora, as funções biológicas são também quase todas antecipadoras [...]. (Ibid., p. 71).

Como os três tipos fundamentais de conhecimento são o saber inato, cujo protótipo é o instinto, o conhecimento do mundo físico que prolonga o aprendizado em função do meio e o conhecimento lógico-matemático, esta relação entre o primeiro e os dois últimos parece essencial para compreender a razão das formas superiores constituírem um órgão de regulação das trocas. [...] O instinto contém seguramente já regulações cognoscitivas. [...] Mas estas regulações permanecem limitadas e rígidas, precisamente porque se desenrolam em um quadro de programação hereditária, uma regulação programada não é capaz de invenção. Sem dúvida, acontece que o animal consegue fazer frente a certas situações imprevistas mediante reajustamentos que prenunciam a inteligência (§ 18, II). Vimos que as coordenações de esquemas que se produzem nessa ocasião podem ser comparadas às coordenações inatas do ciclo transindividual instintivo, o que fornece preciosa indicação sobre o parentesco de funcionamento possível entre o instinto e a inteligência, apesar da diferença de níveis epigenético e fenotípico que os caracterizam. (Ibid., p. 412).

[O] caráter cognitivo, isto é, de relação entre um sujeito de comportamento e objetos percebidos como significativos, acentua-se com os comportamentos instintivos, diferenciados do segundo nível. No que se refere, por exemplo, à nidificação, é evidente que o carapau, ao escolher seus materiais, assimila-os a um esquema particular, que consiste no conjunto organizado dos movimentos necessários à construção do ninho. Encontramo-nos aqui em presença de um esquema de assimilação sensório-motor, mas inato, cuja efetuação consiste em movimentos organizados, tendo por desencadeadores objetos (ou estímulos) significativos na medida precisamente em que são assimilados ao esquema, isto é, vão ser utilizados na construção do ninho. (Ibid., p. 267-268).

Observemos, ainda, o que Piaget diz sobre:

[...] instinto, aprendizagem e estruturas lógico-matemáticas. — Os fatos fundamentais a este respeito são, em primeiro lugar, essas regulações cognoscitivas começarem por utilizar os únicos instrumentos de que se serve a adaptação orgânica em geral, isto é, a hereditariedade com suas variações limitadas e a acomodação fenotípica. Tais serão os modos hereditários de conhecimento e particularmente os instintos. (Ibid., p. 411).

[...] não temos necessidade de uma inteligência oculta [...] para que dois esquemas instintivos [...] entrem em relação um com o outro. Certamente, podemos chamar inteligência [a] coordenação espontânea dos esquemas no nível das aquisições sensório-motoras, mas [...] os esquemas instintivos são evidentemente de outra natureza, porque dependem do sistema genético, inscritos, por exemplo, nos subsistemas

de genes dos quais depende a organização nervosa do animal [...]. (Ibid., p. 277).

Vejamos a importante concepção piagetiana da cognição humana como constituindo um rompimento em relação às estruturas programadas pelo genótipo. Nisso veremos que os esquemas cognitivos possuem uma mobilidade tal que os coloca em relativa oposição aos esquemas instintivos:

O rompimento do instinto. – O fenômeno fundamental do rompimento, ou seja, do desaparecimento quase total nos antropóides e no homem de uma organização cognoscitiva que foi predominante durante toda a evolução do comportamento animal, é então altamente significativo. Não é, conforme se diz geralmente, porque um novo modo de conhecimento, isto é, a inteligência, considerada em bloco, substitui um modo caduco. É muito mais profundamente porque uma forma de conhecimento ainda quase orgânica se prolonga em novas formas de regulações, que, embora se substituindo à precedente, não tomam o lugar dela propriamente falando, mas são herdeiras dela, dissociando e utilizando suas componentes em duas direções complementares.

O que desaparece com o rompimento do instinto é a programação hereditária, e isso em proveito de duas novas espécies de auto-regulações cognoscitivas, móveis e construtivas. Poder-se-á dizer que isso é uma substituição, e mesmo total. Mas esquecem-se dois fatores essenciais. O instinto não consiste exclusivamente em montagens hereditárias, mas como diz muito bem Viaud, é um conceito-limite. De um lado, o instinto tira suas programações, e sobretudo sua "lógica", do funcionamento organizado, que está ligado às formas mais gerais da organização vital. De outro lado, prolonga esta programação em ações individuais ou fenotípicas, que admitem importante margem de acomodação e mesmo de assimilação, em parte aprendida, e em certos casos quase inteligente.

Ora, o que se dissipa com o desaparecimento do instinto é exclusivamente a parte central ou média, isto é, a regulação programada, ao passo que as duas outras realidades subsistem, as fontes de organização e os terminais de ajuste individual ou fenotípico. A inteligência recebe, pois a herança do instinto, embora rejeitando o método de regulação programada, em favor da auto-regulação construtiva. O que retém permite-lhe caminhar nas duas orientações complementares, a saber: a da interiorização, na direção das fontes, e a da exteriorização, na direção dos ajustes aprendidos ou mesmo experimentais.

A condição prévia deste duplo trâmite é naturalmente a construção de um novo modo de regulação. Isto é o que convém em primeiro lugar lembrar. Estas regulações, de agora em diante móveis e não mais programadas, começam pelo jogo habitual das correções em função do resultado das ações e das antecipações. Mas, estando ligadas à construção dos esquemas de assimilação e às suas coordenações, estas regulações, graças à combinação dos efetivos proativos e retroativos, chegam a tomar a direção que descrevemos no § 14 e que é a das próprias operações, na qualidade de regulações de precorreção, e não mais de correção, e na medida em que a operação inversa assegura a reversibilidade completa e não mais aproximativa.

É então, graças a essas regulações de novo tipo, que constituem um órgão diferenciado de verificação dedutiva e ao mesmo tempo de construção, que a inteligência toma simultaneamente as duas direções, a da interiorização reflexiva e a da exteriorização experimental, há pouco distinguidas. Compreende-se, pois que esta dupla orientação não equivale à partilha dos despojos do instinto. Ao contrário, só restam do instinto suas fontes de organização e seus pontos terminais de exploração e procura individual. Para remontar as primeiras e prolongar as segundas é preciso, portanto, no trabalho da inteligência, dedicar-se a novas construções, umas por abstração reflexiva, desentranhando as condições necessárias das coordenações gerais da ação, as outras por assimilação do dado experimental aos esquemas operatórios assim construídos. Mas nem por isso essas duas direções deixam de prolongar duas das componentes anteriores do instinto.

Depois do rompimento do instinto, uma nova evolução cognitiva começa assim, e recomeça mesmo a partir do zero, porque as montagens inatas do instinto desapareceram e porque, por mais hereditário que seja o sistema nervoso cerebralizado e a inteligência, como capacidade de aprender e de inventar, o trabalho que deve ser fornecido é de agora em diante fenotípico. É, aliás, porque esta evolução intelectual recomeça a partir do zero que se percebe em geral muito pouco suas relações com a organização viva e sobretudo com as construções, apesar disso tão notáveis, do instinto. Há nisso um belo exemplo do que chamamos as "reconstruções convergentes com avanço". (Ibid., p. 413-415).

Neste trecho aparece uma relativização teórica inteligente da idéia de rompimento. Isto se explicita na expressão "desaparecimento QUASE total", (maiúsculas nossas) anteriormente vista. Sobre estes temas, continuemos em Piaget e reparemos em "montagens mais ou menos acabadas":

Mas a hereditariedade da inteligência enquanto aptidão não significa absolutamente a herança das estruturas de conhecimento, contrariamente à herança do instinto, que implica a de montagens mais ou menos acabadas. A hereditariedade da inteligência contém, portanto ao mesmo tempo muito mais e muito menos do que a do instinto: muito mais, porque é a transmissão de um funcionamento capaz de ir muito longe e de aprender, pode-se dizer, indefinidamente (até agora); porém muito menos, porque não é a transmissão de nenhuma estrutura particular. (Ibid., p. 296).

Existem outras situações notáveis onde se assiste à passagem da assimilação aos esquemas inatos a essas assimilações diferenciadas, que conduzem à invenção de reações novas por coordenações ou recombinações. É o conjunto das situações, cada vez melhor conhecidas hoje em dia, nas quais, em um contexto instintivo, uma lacuna, um obstáculo imprevisto ou um conflito dão nascimento a uma reação não inscrita na programação hereditária, que se pode então qualificar de 'inteligente' (mas admitindo-se, como sempre neste livro, que se encontram todos os intermediários entre as aquisições elementares e as formas superiores da inteligência, sendo os cortes em parte arbitrários). (Ibid., p. 294-295).

Para finalizarmos estas diferenciações entre instintos e cognição:

[...] o caráter mais notável do conhecimento humano quanto ao modo de formação, comparado com as transformações evolutivas do organismo e as formas de conhecimento acessíveis ao animal, é sua natureza coletiva tanto quanto individual. O esboço desse caráter observa-se sem dúvida em várias espécies animais, em particular no chimpanzé. Entretanto, a novidade, no homem, é que a transmissão exterior ou educativa (ao contrário da transmissão hereditária ou interna do instinto) levou a uma organização tal que pôde engendrar civilizações. (Ibid., p. 406).

Mas, mesmo "engendrando civilizações", nós, humanos, felizmente não nos "livramos dos instintos, como Piaget revela concordar:

[No que diz respeito às relações entre] Conhecimento e sociedade. [Piaget diz] Mas se é possível uma reconstrução tão completa é porque, deixando de lado o apoio fornecido pelas montagens hereditárias e enveredando na direção das regulações construídas e fenotípicas, a inteligência não renuncia aos ciclos transindividuais do instinto senão para se entregar às interações interindividuais ou sociais. Parece mesmo não haver nenhuma descontinuidade a este respeito, porque já os chimpanzés só trabalham em grupo. (Ibid., p. 415).

### **3.6 O EXEMPLO DAS RELAÇÕES ENTRE INSTINTOS DO APEGO E SUAS SIGNIFICAÇÕES COGNITIVAS**

Tomemos o caso biologicamente amplo das relações interindividuais que promovem vínculos: parece importante entendê-las por um sentido adaptativo, em consonância com as concepções teóricas das relações de cuidado parental da Etologia (amamentação, proteção contra agressores, etc). Como o próprio Piaget considerou, há esquemas de proteção que são inatos em certos animais, estruturas mais ou menos rígidas, etc. Mas como podemos conceber o vínculo parental na espécie humana? Mesmo não sendo isto um campo de pesquisas de Piaget, devemos tentar mostrar, agora, que também no Homem há estruturas inatas, porém mais móveis e variáveis, voltadas para

a promoção do cuidado dos filhos. As estruturas cerebrais programadas para permitir o choro nos bebês são, com pouca margem de dúvida, inatas. Costuma ser a primeira coisa que faz um bebê, logo após nascer. Seria um pouco absurdo atribuir o choro como tendo origem apenas nas construções cognitivas. Chorar tem uma função evidente de despertar na mãe um alerta para cuidar. Os próprios afetos maternos também precisam de algumas raízes instintuais para tornar a relação mãe-bebê mais adaptativa, com maiores chances de sobrevivência.

Podemos notar que existe uma "tendência estável do apego", em oposição a instabilidades excessivamente desvinculantes, por sua necessidade de conservatividade, força de repetição auto-preservadora, pela necessidade de uma estrutura fortemente organizada contra ameaças. A instabilidade exagerada dos vínculos de proteção é evidentemente desadaptativa. O apego seria, então, uma organização esquemática vinculante que funciona por dinâmicas intrapsíquicas e interpessoais. Os "esquemas de apego" possuem aspectos de reciprocidade, repetição e auto-conservação. Esta esquemática interindividual pode envolver índices, sinais, símbolos e signos, elementos proprioceptivos e exteroceptivos para a regulação endógena e das relações interindividuais. Este tipo de organização reprodutora opõe-se às estruturas muito instáveis. Nestes casos existe uma predominância dos aspectos de reconhecimento e reprodução em relação à generalização: em uma parte das espécies, as mães assimilam prioritariamente suas crias aos

esquemas cuidadores, em vez de generalizar o cuidado a toda a prole de um grupo.

Se as funções biológicas referem-se a processos úteis ou saudáveis, as instabilidades excessivas nos vínculos de apego devem ser fruto de ambientes desfavoráveis, de relações desadaptativas e atividades endógenas patogênicas. Precisamos observar que a estabilidade do vínculo deve transformar-se gradualmente, à medida que os filhotes conquistam progressivamente capacidades autônomas, independências afetivas e cognitivas. Há, portanto, etapas com variados níveis de força auto-conservadora da assimilação por carência de proteção e por oferta de proteção. Uma cria muito jovem deve assimilar o protetor por apegos bastante fortes e o protetor deve assimilar fortemente o protegido aos esquemas de assimilação protetora (manter no colo, dar de mamar, defender a cria e a si de predadores, etc). Parece-nos que deve haver, em cada espécie, graus médios ótimos (com variações individuais) de necessidades de conservação do aconchego e do distanciamento físico progressivo, do desmame gradual. O vínculo na relação de proteção parental por observação visual e auditiva do filhote a distância também deve possuir esquemas conservadores e hierarquicamente fortes enquanto necessários. A construção de esquemas afetivo-cognitivos de independência no filho ou filhote também tem que ser gradual, pois a capacidade de auto-proteção real é relativamente tardia.

Jane Goodal, em sua deslumbrante obra "Uma Janela para a Vida" (1990), oferece a nós, pensadores da psique e das sociedades, observações fundamentais. A descrição da vida de chimpanzés vivendo em seu habitat natural fornece uma rica compreensão das analogias de relações sociais entre espécies muito semelhantes, como o Homem e o próprio chimpanzé. Adiantemos que, nas observações seguintes, os chimpanzés cujo nome começa com F são da mesma família, assim como os iniciados pela letra P. Flo é mãe de Fifi e Freud; Pom é filha de Passion.

'Os costumes fazem o homem', escreveu o poeta William de Wykeham. Ah mas quem faz os costumes? Talvez pudéssemos arriscar: "A mãe faz os costumes" junto, é claro, com uma pitada de experiências básicas e mais do que um pequeno tempero de herança genética. Os papéis relativos de natureza versus criação causaram muitas discussões inflamadas nos círculos científicos em anos recentes. Mas as chamadas controvérsias hoje já se aplacaram e se aceita em geral, mesmo nos animais inferiores, que o comportamento adulto é adquirido através de uma mistura de formação genética com experiência obtida à medida que o indivíduo segue pela vida. Quanto mais complexo o cérebro de um animal, maior o papel que o aprendizado provavelmente desempenhará na formação do seu comportamento, e maiores variações serão encontradas entre um indivíduo e outro. Informações adquiridas e lições aprendidas durante o estágio neonatal e a infância, quando o comportamento se encontra em seu estágio mais flexível, têm grandes possibilidades de virem a ser particularmente significativas.

Para os chimpanzés, cujos cérebros são mais parecidos com os dos humanos que os de qualquer outro animal vivo, a natureza das primeiras experiências pode exercer um efeito profundo sobre o comportamento adulto. Particularmente importante, creio eu, é a disposição da mãe, a posição do filho na família e, se existem irmãos mais velhos, o sexo e a personalidade de cada um desses irmãos. Uma infância segura provavelmente levará à autoconfiança e à independência na vida adulta. Um início de vida perturbado pode deixar cicatrizes permanentes. Na selva, quase todas as mães cuidam de seus filhotes de modo relativamente eficiente. Mesmo assim, existem nítidas diferenças entre as mães nas técnicas de criação dos filhotes. Seria difícil encontrar duas fêmeas cujas mães as tivessem tratado de forma mais diferente durante seus primeiros anos do que a filha de Flo, Fifi, e a filha de Passion, Pom. Na verdade, Flo e Passion encontram-se nas extremidades opostas de uma escala: a maioria das mães se encaixa em algum ponto entre esses dois extremos.

Fifi teve uma infância despreocupada, uma infância maravilhosa. A velha Flo era uma mãe altamente competente, afetuosa, tolerante, brincalhona e protetora. Figan era parte integral da família quando Fifi estava crescendo, participando de suas brincadeiras quando Flo



não estava com vontade e freqüentemente apoiando a irmã mais jovem em suas brigas infantis. Faben, o filho mais velho de Flo, também estava quase sempre por perto. Flo, que era a mais importante entre as fêmeas, quando a conheci, era também muito comunicativa. Passava bastante tempo com os outros membros de sua comunidade e mantinha um relacionamento tranqüilo e amigável com a maioria dos machos adultos. Nesse meio ambiente social, Fifi tomou-se uma criança autoconfiante e positiva.

A infância de Pom, em comparação com a de Fifi, foi terrível. A personalidade de Passion era tão diferente da de Flo quanto a água do vinho. Mesmo quando a conheci, no início dos anos 60, ela já era uma solitária. Não havia nenhuma fêmea que fosse sua companheira íntima, e nas ocasiões em que se encontrava em grupo com machos adultos seu relacionamento com eles era tipicamente difícil e tenso. Foi uma mãe fria, intolerante e brusca, e raramente brincava com a filha, em particular durante os dois primeiros anos. E Pom, tendo sido o primeiro filhote dela a sobreviver, não tinha irmãs com quem brincar durante as longas horas em que ela e a mãe ficavam sozinhas. Seus primeiros meses foram muito difíceis e ela se tornou uma criança ansiosa e dependente, sempre com medo de que a mãe fosse embora e a deixasse para trás.

Assim, não chega realmente a surpreender que Pom e Fifi tenham reagido de forma diferente aos vários desafios que uma jovem fêmea deve enfrentar ao crescer na selva.

Todos os filhotes de chimpanzé ficam perturbados e deprimidos durante a difícil época do desmame, quando a mãe impede o filho, com freqüência e determinação cada vez maiores, de mamar nela e de andar montado em suas costas. Isto habitualmente ocorre por volta do quarto ano de vida. (Goodal, 1990, p. 43-44).

Vejamos outro trecho do livro, descrevendo a vida do pequeno chimpanzé de nome curioso:

Houve vezes em que Freud sonhava alto demais. Certa vez, por exemplo, ele teve a audácia de ameaçar a importante Melissa, e ela deu-lhe uns tapas sonoros por essa temeridade. Fifi, apesar de mais jovem e menos importante que Melissa, tinha, como Flo, uma natureza firme e destemida. Em atendimento aos gritos angustiados de Freud, ela veio correndo, o pêlo eriçado, lançando ladridos ferozes de ameaça. Melissa imediatamente virou-se de Freud para Fifi e as duas mães lutaram, engalfinhando-se e rolando pelo chão. Freud saiu correndo atrás delas, lançando seus próprios gritos de 'uááá', altíssimos e inúteis. Infelizmente para Fifi, o filho adolescente de Melissa, Goblin, estava por perto e, ao ouvir os gritos da mãe, veio correndo, atacou Fifi e a pôs para correr junto com Freud. (Ibid., p. 127).

Creio que não devemos criticar algumas expressões antropomórficas de Goodal, como "sonhar alto", etc. Este seu livro, além de uma utilidade científica, tem o papel fundamental de propiciar ao "grande público" um contato com a Etologia e valores da preservação ecológica. Um certo tom romanceado do texto não lhe retira as virtudes de observações

científicas muito mais objetivas que em alguns meios que as possam criticar. Mas voltemos aos nossos temas: a relativa mobilidade de algumas organizações instintivas permite que em alguns indivíduos de certas espécies o vínculo familiar possa se prolongar até idades desadaptativamente avançadas. Vejamos outra valiosa observação de Jane Goodal:

[...] o desmame, o nascimento de um novo bebê, as separações temporárias por mais perturbador que possa ser na época, não é nada quando comparado com a morte da mãe, o rompimento final e irrevogável dos laços. Os filhotes com menos de três anos, e ainda muito dependentes do leite da mãe, evidentemente não terão como sobreviver. Mas mesmo jovens que são independentes do ponto de vista da nutrição, podem ficar tão deprimidos que definham e morrem. Flint, por exemplo, tinha oito anos e meio quando a velha Flo morreu, e devia ser perfeitamente capaz de cuidar de si mesmo. Mas, dependente como era da mãe, parecia não ter nenhuma vontade de sobreviver sem ela. Todo o seu mundo girara em torno de Flo, e sem ela a vida era vazia e sem sentido. Não me esquecerei nunca da ocasião em que vi, três dias após a morte de Flo, Flint subir bem devagar em uma árvore alta perto do rio. Caminhou até a ponta de um dos galhos, parou e ficou imóvel, olhando para um ninho vazio mais embaixo. Após cerca de dois minutos ele se voltou e, com os movimentos de um velho, desceu da árvore, caminhou uns poucos passos e se deitou, os olhos bem abertos e parados. O ninho era um que ele e Flo haviam dividido pouco antes de Flo morrer. O que teria ele pensado enquanto esteve ali, parado, olhando? Lembranças de dias felizes passados, aumentando sua sensação atordoante de perda? Nunca saberemos.

Foi uma falta de sorte que, durante os primeiros dias após a morte de Flo, Fifi [irmã de Flint] andasse vagando longe daquela região. Se estivesse lá para confortar Flint desde o início, talvez as coisas tivessem sido bem diferentes. Ele viajou um pouco com Figan e, na presença do irmão mais velho, pareceu melhorar um pouco da depressão. Mas então, subitamente, deixou o grupo e correu de volta para o lugar onde Flo morreria, e lá mergulhou numa depressão cada vez mais profunda. Quando Fifi acabou aparecendo, Flint já estava doente e, apesar dela lhe ter feito muitas festas e esperado por ele para viajar, faltavam-lhe tanto a força quanto a vontade de continuar.

Flint foi se tornando cada vez mais letárgico, recusava a maior parte da comida e, com seu sistema imunológico assim enfraquecido, adoeceu de vez. A última vez em que pude observá-lo vivo, ele estava com os olhos fundos, emaciado e profundamente deprimido, encolhido na vegetação, perto do lugar onde Flo morreria. É claro que tentamos ajudá-lo. Tive de deixar Gombe pouco depois da morte de Flo, mas sempre um dos estudantes ou dos assistentes de campo ficava com Flint, todos os dias, fazendo-lhe companhia, tentando seduzi-lo com todos os tipos de comida. Mas nada compensava a perda de Flo. A última viagem que ele fez, parando para descansar a cada poucos metros, foi para o lugar exato onde o corpo de Flo jazera. Ficou lá durante várias horas, às vezes olhando imóvel para a água. Esforçou-se para seguir um pouco em frente, em seguida encolheu-se todo e nunca mais se mexeu. (Ibid., p. 206-207).

Estas nossas poucas considerações sobre observações tão complexas podem, de certo modo, nos ajudar na compreensão das relações de vínculo e apego no ser humano, especialmente considerando que em nós, dotados de uma subjetividade criadora, os afetos organizados pelas estruturas cerebrais sofrem variações psicogenéticas importantes: ser bem ou mal tratado pelos cuidadores, passar muita fome, sofrer dores ou, ao contrário, ser bem suprido nas necessidades afetivas básicas, tudo isto gera construções de significações peculiares, fazendo do instinto humano uma organização também dotada de mobilidade. O campo de observações etológicas ligadas a estes temas é tão vasto que infelizmente não poderemos citar a grande diversidade de suas fontes e referências. Mas em caso de interesse, outro livro valioso para psicólogos interessados neste tema é "Amor e Ódio - Um Estudo dos Padrões Elementares de Comportamento" (1970), de Irenaus Eibl-Eibesfeldt.

### **3.7 FUNÇÕES EXCITATÓRIAS E INIBITÓRIAS**

Na compreensão das funções afetivas humanas é interessante tentar observar alguns sistemas mais elementares. Como ocorre desde os organismos mais primitivos, algumas dinâmicas de ativação e inativação de estruturas vivas estão presentes em todos os seres-vivos, são filogeneticamente muito primitivos. É claro que sistemas de ativação e inativação também estão presentes nos sistemas nervosos e são uma base importante para a compreensão do psiquismo. Podemos chamar algumas destas

funções de excitatórias e inibitórias. Alguns processos de excitação e inibição neurais (os ligados ao ficar com sono, estar predisposto a acordar, ficar ansioso, acalmar-se, etc) possuem um controle relativamente pequeno ou instável pela consciência voluntária.

### **3.8 ALGUMAS CATEGORIAS DE EXCITAÇÃO - INIBIÇÃO E SEUS**

#### **NÍVEIS DE REATIVIDADE**

As funções excitatórias e inibitórias incluem várias categorias: excitação e inibição mais globais ou de vários subsistemas simultaneamente, das dinâmicas mais específicas, ou isoladamente, como as nutricionais, reprodutivas, de proteção, etc. Estas categorias funcionais tratam de níveis e dinâmicas que envolvem, entre outras coisas, intensidades nos sistemas e subsistemas. Dentro deste universo das funções excitatórias, podemos considerar variações relativas aos níveis de reatividade afetiva. A baixa reatividade guarda relação com o que comumente chamamos apatia; a alta reatividade pode relacionar-se, por exemplo, com a Mania.

Cada fator afetivo pode sofrer variações em aspectos específicos: do mais ao menos intenso, do mais freqüente ao mais raro, do mais duradouro ao mais transitório, do mais móvel ao mais rígido, do mais ao menos impulsionável, do mais ao menos refreável, do mais ao menos adaptado, etc.

### 3.9 SISTEMAS DE IMPULSIONAMENTO E REFREAMENTO AFETIVO

Após observarmos que os sistemas afetivos sofrem excitações e inibições, podemos tentar extrair algumas conseqüências. Tomemos mais uma vez um exemplo concreto para nos ajudar. Um macaco está fracamente inibido em suas funções agressivas, muito excitado neste aspecto e se encontra a grande distância de um grupo de macacos de espécie mais forte. Será adaptativo que a percepção da forte ameaça desencadeie um processo de inibição dos sistemas para agressão real, permitindo a ação de fuga. Tentemos detalhar um pouco a idéia de refreabilidade: o processo de redução de excitação de alguma atividade chamaremos refreamento. Se uma atividade específica estiver excessivamente impulsionada, tenderá a possuir baixa refreabilidade. Esta baixa refreabilidade pode, por outro lado, originar-se de ineficácias de outros sistemas refreadores. Analogamente, pode haver uma baixa impulsionabilidade de um subsistema, por exemplo, uma persistente carência de apetite alimentar ou sexual.

Percebemos que esta noção é interessante quando fazemos uma comparação com a Física: o conceito de alta velocidade é comparável à forte excitação. A redução de velocidade, em Física, é, por certa convenção, uma aceleração negativa, que implica uma força contrária ao movimento, elementos análogos ao refreamento. Entendemos mais um aspecto dos processos auto-reguladores de organismos vivos: que em uma situação excitada pode existir sua contraposição inibitória, em um processo

impulsionador pode ocorrer uma contrapartida refreadora. Quando o nível de intensidade da atividade de um subsistema se torna desadaptativo, é preciso haver regulações, equilibrações ou harmonizações adaptativas.

Trazemos estas denominações "impulsionamento" e "refreamento" como uma busca de complemento das idéias de excitação e inibição. Os impulsionamentos podem acontecer por vias complexas, por integrações de vários subsistemas. A cognição pode colaborar na inibição de um afeto (um pensamento sobre "engordar", inibindo a ação de comer mais). Mas a fome pode ser inibida por processos extra-conscientes ou extra-cognitivos: regulações por neurotransmissores, hormônios, etc. Refreamento e impulsionamento parecem-nos noções mais ligadas às esquemáticas integrais do que as simplesmente excitatórias e inibitórias. A integração de uma percepção sexualmente estimulante aliada a cognições também estimulantes podem compor um processo impulsionador das atividades genitais, um refreamento de apetite alimentar, etc. O refreamento e o impulsionamento devem dizer respeito mais às organizações de conjunto dos sistemas do que às excitações isoladas ou às inibições de um único subsistema.

### **3.10 IMPULSIVIDADE E REFREABILIDADE**

Outro detalhamento destes processos parece-nos interessante: afetos e emoções podem possuir graus diversos de impulsividade e refreabilidade. A impulsividade tem, já,

representações no senso-comum, como é comum dizer "fulano é impulsivo". Mas gostaríamos de dar alguma contribuição na busca de conceitos neste âmbito. Impulsividade e refreabilidade são parte do processo vital, em suas gradações que variam da insuficiência ao excesso. É mais ou menos claro notar que a agressividade, a fome, a sexualidade, etc, apresentam-se com diversas intensidades em diferentes indivíduos e em momentos diversos da sua vida. De maneira complementar, é interessante considerar o conceito de refreabilidade de dinâmicas afetivo-emocionais. Uma alta impulsividade liga-se, de certa forma, a uma baixa refreabilidade e vice-versa. Impulsividades altas podem ser adaptativas, se o ambiente assim exigir respostas intensas. Nestes aspectos podemos também, obviamente, observar desregulações, tendências desadaptativas que importam especialmente à Psicologia Clínica, aos estudiosos da moralidade, da Pedagogia, da Psicologia Social, etc.

Novamente é interessante fazermos uma analogia didática com a Física: quanto mais massa possui um automóvel, maior sua inércia e maior a dificuldade de freá-lo. Igualmente, quanto maior sua velocidade, mais forte deve ser o acionamento de freios. O que parece mais típico no ser humano é que um indivíduo impulsivo possua baixa refreabilidade: se se torna agressivo facilmente, tende a ter dificuldade em se acalmar. Mas notemos que isto não deve ser regra: uma pessoa pode ser impulsiva, mas possuir uma capacidade eficiente de refrear estes impulsos. Isto seria análogo a um veículo com motor forte

e ótimos freios, ou "ter pavio curto", mas uma capacidade rápida de se conter. Algumas outras combinações são possíveis, então: motores fortes e freios ineficientes, freios travados rigidamente paralisando motores fortes, etc.

É importante refletirmos sobre o quanto estas interações impulsionadoras e refreadoras no psiquismo humano não se organizam por simples relações bipolares do tipo acelerador-freio. Elas ocorrem por interações simultâneas de vários elementos: o apetite sexual pode ser impulsionado ou freado por esquemas sensório-motores (visão aprovadora do parceiro, estimulação tátil direta, ouvir um chamado reprovador do parceiro), por esquemas simbólicos (pensamentos agradáveis sobre o sexo ou lembranças de censura), pode inibir-se por grande sede, ou pelo choro de um filhote. Percebemos que estamos tratando de uma esquemática em rede, como ocorre no cérebro, suas subdivisões funcionais, nas regulações neuroquímicas, etc. Este tipo de regulação nas redes integrais complexas é que serão posteriormente explicadas em termos de processos harmonizadores e desarmonizadores. Os fatores das totalidades afetivo-cognitivas ligam-se a outras dinâmicas psíquicas: esquemas de registro e recuperação fortes ou fracos, aos deformantes de realidades endógenas e exógenas e seu oposto objetivador. Observemos como os tópicos seguintes também estão implicados nesta rede de idéias.



### 3.11 SUPER-ATIVIDADES E SUB-ATIVIDADES

Dentro do universo maior dos sistemas de excitações e inibições, de impulsionamento e refreamento, temos os processos patológicos, desadaptativamente desregulados. Vejamos os seguintes tópicos:

Superinibição, sub-inibição, super-aversão e sub-aversão

Superexcitação, subexcitação, super-apetite e sub-apetite

A superexcitação empática é um caso interessante nestes domínios. Uma pesquisa revelou que, em certo hospital, foi evidenciado que enfermeiras tendiam consistentemente à evitação dos dormitórios com pacientes terminais, o que foi interpretado como advindo desta espécie de "excesso de sofrimento" (Stotland, Mathews, Sherman, Hansson, & Richardson, 1979 apud Hoffman, 1981, p. 133).

As desadaptações de atividades motivacionais podem sofrer desregulações por falhas ambientais ou tendências endógenas anteriormente constituídas. Compreenderemos a superinibição como os processos inibitórios exógenos ou endógenos em grau mais acentuado que o necessário ou adaptativo. Pode haver superinibição de diversas funções vitais: nutritiva (anorexia e bulimia), sexual, agressiva, empática, por exemplo, uma tendência à "insensibilidade" diante de alegrias ou tristezas alheias, etc.

A superinibição de origem exógena pode ocorrer por ação repressora ou por carência de estimulação. O exemplo clássico do primeiro tipo é a repressão sexual. Estes exemplos mostram

que certas dinâmicas superinibitórias podem gerar o que alguns etólogos denominam "represamento" (Lorenz, 1981). As atividades motivadas por esta acumulação sistêmica parecem revelar uma tendência compensatória de carências instintuais por regulações opositivas menos ou mais adaptativas, conforme o caso. Vejamos o exemplo seguinte:

Quando Eibl-Eibesfeldt estudava o comportamento de construção do ninho por ratas inexperientes (1958), ele as criou em receptáculos que não continham objetos com os quais pudessem executar os padrões motores de "carregar para o ninho". Mesmo o alimento oferecido era reduzido a partículas mínimas. Ainda assim, o primeiro grupo de animais experimentais que foram desprezados usou suas próprias caudas como material de construção do ninho. Eles saíam de onde haviam dormido, procurando, e achavam suas caudas. Eles as carregavam ao local escolhido para fazerem o ninho e ali as colocavam cuidadosamente. Um segundo grupo de animais experimentais foi criado após terem suas caudas amputadas ainda no ninho. Quando ainda não estavam sexualmente maduros, foram lhes dadas tiras de papel mata borrão como material de ninho. A reação dos animais experimentais diferiu da dos animais normais, de controle, somente em sua intensidade. Os animais experimentais virtualmente se arremessavam sobre o material de ninho e começavam a construir com intensidade anormal, isto é, eles se comportaram exatamente da mesma maneira que ratos normais se comportariam após terem sido privados de material de ninho por um espaço de tempo comparável. Existiu claramente um "represamento" de padrões motores que, até aquele momento, tinham sido impedidos de se expressar. Os padrões comportamentais individuais, a procura, a retirada, o carregar de volta e o colocar no lugar o material de ninho, assim como os movimentos de raspar, por meio dos quais uma parede circular do ninho é construída, e os padrões motores de alisar a superfície interna não eram diferentes dos exibidos pelos animais normais, nem mesmo quando foram comparados os comportamentos gravados em câmera lenta. (Lorenz, 1981, p. 91-92).

Certas culturas que promovem desmedidamente a agressividade, a ingestão alimentar, a culpa, etc. Já uma superinibição pode significar uma subexcitação da mesma função ou de outra: a repressão sexual pode desencadear compensações sub ou supernutricionais, a diminuição da empatia ou da compaixão pode gerar agressividade exacerbada, etc. Algumas superinibições e sub-excitações combinadas podem promover desregulações derivadas, como a depressão sexual e nutricional

gerando depressão de funções cognitivas. Esta complexidade exige, por nossos objetivos mais simples, que não nos aprofundemos na diversidade de interações deste tipo.

### **3.12 FUNÇÕES COMUNICATIVAS DO AFETO: A SINALIZAÇÃO AUTO E HETERO-DIRIGIDA**

Compreendemos as funções auto-dirigidas como as organizações cerebrais e psíquicas que servem de sinalizadores para o próprio indivíduo, como uma ocorrência interna ou endógena de alertas para promover condutas adaptativas. Sentir fome é um exemplo fácil de que o organismo criou funções de informação auto-dirigida. Os esquemas afetivos são úteis também na comunicação hetero-dirigida, na informação para os outros indivíduos de certas ocorrências internas: o medo, por exemplo, gera expressões faciais, vocais, verbais, etc, para que um parceiro ou um grupo possa regular-se de acordo com certas ambientações de perigo.

Os sentidos endógenos ou as propriocepções envolvem esquematizações afetivas e cognitivas: náuseas, dores, medo, taquicardias, tonturas, calor, fome, sede, desejo sexual (estes casos com prevalências de subsistemas afetivos). Observamos que este conjunto envolve fatores aversivos e apetitivos. Por outro lado, as propriocepções podem ter uma prevalência de fatores cognitivos: (esquemas corporais, cinestésicos, etc). Estas são percepções que dão informações sobre o próprio corpo,

informações sobre estados somáticos que exigem respostas conscientes ou inconscientes.

Tomemos alguns dados simples, mas suficientes para nossas intenções. Paralelamente à sua pesquisa cognitiva, Piaget, em passagens de sua obra, observa e descreve atos do bebê relativos à sua afetividade.

[...] após alguns bocados, J. [Jacqueline, filha de Piaget] manifesta um enfado visível. Mas procura terminar a tigela, porque esta é a regra. Acham melhor dispensá-la, mas ela persiste em seu sentimento, se bem que não tenha nenhuma vontade de comer. Quando se lhe dá um bocado, não pode engoli-lo, porém, quando se lhe retira a tigela, reclama-a de novo, como se houvesse culpa em não terminá-la. Retiram-na definitivamente, tranquilizando-a (afirmando-lhe que isto não é culpa sua, que em certos dias temos menos fome que em outros, etc). Apesar destas precauções da mãe, J. põe-se a chorar. Uma vez consolada, continua a apresentar sinais de remorso: promete dormir bem, etc. (Piaget, 1932, p. 158).

O "enfado" observado por Piaget em sua filha é um caso interessante para pensarmos nas organizações afetivas como comportando elementos de auto e hetero-sinalização. Uma propriocepção de algum modo aversiva para Jacqueline permite aos pais uma resposta integrada: tranquilizá-la, consolá-la, etc.

J., aos dois anos e meio, brinca com uma concha que lhe emprestei. Sendo a concha muito frágil, quebra-se na primeira queda. J. fica consternada, e encontro uma dificuldade enorme para persuadi-la que não foi culpa sua. (Ibid., p. 159).

Novamente Piaget registra a observação de afetos na filha: a "consternação" parece ter um caráter análogo ao da observação anterior.

Em termos mais gerais, estas dinâmicas afetivas são integradas a organizações cognitivas que construtivamente dão significado aos afetos ou se constituem como sentimentos que se diferenciam gradativamente no repertório afetivo intrapessoal e

interpessoal. A frustração, por exemplo, seria um elemento afetivo organizado para sinalizar ao cuidador e a própria consciência que uma ação intencional mais complexa ou de circularidade básica deve se por em curso. A vida psíquica segue uma gênese de construção de harmonias cada vez mais sofisticadas, ao mesmo tempo em que desarmonizações podem ser criadas em "esferas" diversas. O psiquismo não é um caos nem uma harmonia definitiva, mas um curso de fluxos que tende a harmonias com variados graus de persistência por estruturas biológicas ou sistemas causais auto regulados. Pensamos, assim, no afeto como sinalização auto e hetero dirigida adaptativa.

## 4 CATEGORIAS DE ASSIMILAÇÃO PSÍQUICA

### 4.1 ASSIMILAÇÃO E ACOMODAÇÃO

Já no começo deste capítulo, será importante tomarmos contato com as conceituações que tentaremos nos aprofundar adiante. Para entendermos a importância e o significado de funções biológicas das mais gerais, vejamos como Piaget explica o conceito de assimilação:

Quer se trate do pensamento que, graças ao juízo, faz entrar o novo no já conhecido, reduzindo assim o Universo às suas próprias noções, quer se trate da inteligência sensório-motora que estrutura igualmente as coisas que percebe reconduzindo-as aos seus esquemas, nos dois casos a adaptação intelectual comporta um elemento de assimilação, quer dizer, de estruturação por incorporação da realidade exterior às formas devidas à actividade do sujeito. Quaisquer que sejam as diferenças de natureza que separam a vida orgânica (a qual elabora materialmente as formas, e assimila-lhes as substâncias e as energias do meio ambiente), a inteligência prática ou sensório-motora (que organiza os actos e assimila ao esquematismo destes comportamentos motores as situações que o meio oferece) e a inteligência reflexiva ou gnóstica (que se contenta em pensar as formas ou em construí-las interiormente para lhes assimilar o conteúdo da experiência), tanto umas como as outras se adaptam assimilando os objectos ao sujeito. (Piaget, 1936, p. 19-20).

Vejamos também como entende a acomodação:

Também não podemos ter dúvidas de que a vida mental seja, simultaneamente, uma acomodação ao meio ambiente. A assimilação [...] incorpora os elementos novos nos esquemas anteriores, [e] a inteligência modifica imediatamente estes últimos para adaptá-los aos novos dados, [...] este trabalho de acomodação só é possível em função do processo inverso de assimilação. (Ibid., p. 20).

Vejamos ainda como integra os conceitos de equilibração, adaptação, auto-regulação, etc: Resumindo, a adaptação intelectual, como qualquer outra, é uma equilibração progressiva entre um mecanismo assimilador e uma acomodação complementar. (Ibid., p. 20).

[...] por ocasião de cada construção parcial e de cada passagem de um estágio ao seguinte: é um processo de equilibração, não no sentido de

simples equilíbrio de forças, como em mecânica, ou de aumento de entropia como em termodinâmica, mais no sentido, hoje preciso, graças à cibernética, de auto-regulação, isto é, de seqüência de compensações ativas do sujeito em resposta às perturbações exteriores e de regulação ao mesmo tempo retroativa (sistemas de anéis ou feedbacks) e antecipadora, que constitui um sistema permanente de tais compensações. (Piaget, 1967b, p. 134).

Agora trata do princípio fundamental de Construção, da organização biológica como a relação indissociável entre conservação e transformação:

[...] uma organização [contém] dois princípios correlativos, um de conservação através das transformações e outro de construção transformadora ligada à equilibração que assegura a conservação. (Piaget, 1967, p. 157).

Se a adaptação é um caso em que existe equilíbrio entre assimilação e acomodação e se, a acomodação é uma função complementar à primeira, por qual motivo tratamos de vários tipos gerais de assimilação e não os denominamos princípios de adaptação? Porque existem assimilações desadaptativas. As dinâmicas de assimilação compõe-se de uma classe mais geral, que pode acompanhar-se de acomodações menos ou mais equilibradoras ou harmonizadoras. Mas o leitor deve notar que, quando tratamos de assimilações, estamos falando dos diversos casos possíveis: os fortemente desadaptativos, os bastante adaptativos e seus intermediários. Enfim, optamos por detalhar os processos de assimilação, pois se pretende, aqui, abranger uma maior amplitude das dinâmicas psicológicas. É a necessidade de compreensão mais profunda de totalidades sistêmicas que nos leva a esta forma de abordagem.

Será interessante, portanto, dar agora o exemplo de um processo de assimilação desadaptativa. Se um organismo é capaz, por exemplo, de assimilar substâncias tóxicas, (fumaça,

venenos, etc) isto se refere a assimilações patogênicas. O mesmo se dará ao que denominaremos adiante por assimilações psicológicas deformantes e traumáticas.

Se estamos tentando nos aprofundar conceitualmente na diversidade dos tipos de assimilação, notemos o quanto isto se fundamenta na própria teoria piagetiana:

[...] parece claro que o encaixamento classificador, embriológico e genético dos caracteres prolonga-se naquilo que se poderia chamar uma classificação em ação no próprio mecanismo das trocas fisiológicas com o meio, e isto em função direta da diversidade das estruturas e das formas especializadas de assimilação que as sustentam. (Ibid., p. 188).

O conceito de "assimilação" vai ganhando detalhamentos no curso da obra de Piaget, pois a categoria geral exige o discernimento de suas partes. Assim é que Piaget trata de "simbolização" como sinônimo de "assimilação simbólica". A categoria geral das "assimilações" contém as mais primitivas (como as sensório-motoras); as mais desenvolvidas, como as representativas, operatórias, etc e as conscientes e as inconscientes. Vejamos o que Piaget diz, como exemplo valioso para nós, inclusive na explicitação da participação de afetos integrados às funções cognitivas:

Diremos então que há símbolo consciente ou primário (dizemos símbolo primário e não assimilação primária, porque existem assimilações muito mais primitivas, tais como as do polegar ao seio materno, mas que não são simbólicas, por falta de representação). Ora, observa-se muitas vezes, no jogo, [brincar] a existência de símbolos dos quais a significação não é compreendida pelo próprio sujeito. Por exemplo, uma criança tornada ciumenta pelo nascimento de um irmãozinho e brincando por acaso com duas bonecas de tamanho desigual, fará partir a primeira para bem longe, em viagem, enquanto que a maior ficará com sua mãe; supondo que o sujeito não compreende que se trata de seu irmão mais novo e de ele mesmo, diremos então que há símbolo inconsciente ou secundário. [...] Notemos de início, que existem todos os intermediários entre as assimilações simbólicas conscientes e inconscientes. É esse o caso, em particular, no domínio dos jogos [das brincadeiras] de liquidação ou de compensação, isto é, daqueles que preenchem uma função afetiva precisa e não somente a de satisfazer o



eu em geral. Por exemplo, quando J. (obs. 86), para liquidar uma machucadura que lhe fiz involuntariamente, reproduz a cena invertendo os papéis, sabe bem o que faz e o simbolismo é primário. (Piaget, 1945, p. 220).

A terminologia "integral" aparece novamente neste momento em que tomar contato com a variedade de formas de assimilação identificadas por Piaget:

No total, o pensamento simbólico inconsciente obedece às leis do pensamento integral, do qual ele constitui uma simples forma extrema, prolongando a do jogo [brincar] simbólico na direção da assimilação pura. (Ibid., p. 274).

A idéia de "assimilação pura" também nos importa, aqui, como exemplo destas pormenorizações e integrações piagetianas de aspectos afetivos e cognitivos: Também o símbolo servirá menos à expressão dos pensamentos impessoais, da 'linguagem intelectual', que à dos sentimentos e experiências vividas e concretas, que à 'linguagem afetiva'." (Ibid., p. 218).

[O brincar] constituindo [...] simplesmente, durante as fases iniciais, o pólo de condutas definido pela assimilação (ao passo que a imitação se orienta para o pólo definido pela acomodação), quase todos os comportamentos que estudamos a propósito da inteligência (N.I. e C.R.) são suscetíveis de se converter em jogo [brincadeira], uma vez que se repitam por assimilação pura, isto é, por simples prazer funcional. (Ibid., p. 117).

Ainda dentre os vários tipos possíveis de assimilação, enfatizemos Piaget apresentando a idéia de "assimilação inconsciente":

[...] se todas as transições se dão assim entre a assimilação inconsciente e a adaptação consciente, segundo o mecanismo assimilador se encontre em equilíbrio mais ou menos completo e móvel com a acomodação às realidades novas, segue-se uma série de conseqüências no que concerne ao pensamento afetivo, ou seja, a maneira pela qual o indivíduo compreende suas relações com os outros, assim como seus próprios sentimentos. (Ibid., p. 269-270).

No domínio das noções biológicas as aderências subjetivas serão, por exemplo, as assimilações inconscientes ou desejadas de dados orgânicos a esquemas tirados da introspecção [...] e as prenoções poderão ser, entre outras, esquemas atomistas, coercitivos no começo de toda investigação, antes que se chegue às idéias de totalidade organizada. (Piaget, 1967, p. 80).

Esta noção piagetiana de "pensamento afetivo" é uma de suas expressões que dão base a estas nossas buscas de criação de um Construtivismo Integrativo, compreendendo o que temos denominado Esquemas Integrais. Um esquema integral é, portanto, o conjunto formado por um esquema cognitivo (organizado por estruturas cerebrais particulares, por exemplo, as de linguagem, de raciocínios operatórios, etc) em consonância com esquemas afetivos (aqueles que ocorrem em subsistemas específicos, como o límbico, etc).

A partir destes detalhamentos feitos pelo próprio Piaget, propomos a diferenciação de outros tipos de assimilação e de esquemas.

#### **4.2 ASSIMILAÇÕES REGISTRADORAS E RECUPERADORAS**

No ser-vivo podemos observar diversos aspectos de memorização: organizações memorizadas, sistemas memorizadores, uma diversidade que merece alguma atenção. Obviamente uma organização biológica é formada por uma memória filogenética que se reproduz e se conserva em maior ou menor grau. Além deste sentido mais geral de memória, podemos observar sistemas que passam a ter a capacidade de registrar no organismo alguma estruturação anteriormente inexistente. Nestes casos estaremos falando de atividades de assimilação com memorização, por exemplo um pato que se vincule à mãe, no processo de estampagem ou imprinting, (Lorenz, 1981). No ser humano observamos assimilações psíquicas com uma série de formas de registros

mnêmicos. Notemos Piaget tratando de funções diversas de memória:

Com efeito, os biólogos em vários casos julgam útil entregarem-se a essas comparações funcionais. Quando, por exemplo, se fala de "memória" para designar a conservação da informação em um organismo elementar, é claro que esta comparação é primeiramente de ordem funcional e precede qualquer procura de um isomorfismo estrutural com a memória de invertebrados providos de sistema nervoso, e ainda mais com a dos vertebrados bem cerebralizados. Contudo é claro que os termos "conservação de uma experiência passada que modifica o comportamento ulterior" têm sentido, mas um sentido instrutivo na medida em que é muito mais amplo do que o das homologias estruturais, e em que pode orientar a determinação destas. (Ibid., p. 168).

A solução da reconstrução necessária, de nível a nível, das estruturas parcialmente isomorfas não deixa, contudo, de ter interesse, porque traduz, em grau mínimo, um certo parentesco de funcionamento, que se prende às leis gerais da organização, à conservação das informações anteriores, a seu modo de aplicação e à sua eventual generalização. (Ibid., p. 172).

Nos fluxos psíquicos integrais (que organizam o conjunto das estruturações atuais e preparam as organizações futuras) podemos considerar dois outros tipos gerais de assimilação que nos parecem contribuições interessantes para as teorizações piagetianas. Como já vimos na introdução do trabalho, denominamos nosso primeiro destes processos as "assimilações registradoras de esquemas", significando uma incorporação psíquica que memoriza, em seu suporte orgânico, elementos, com menor ou maior nível adaptativo. Uma assimilação registradora exige, em maior ou menor grau, uma acomodação complementar intrínseca ao próprio processo de registro. O segundo processo deste gênero é o de "assimilações recuperadoras de esquemas", referindo-se aos eventos de retorno futuro das memórias registradas. Por qual razão diferenciamos assimilações reprodutoras (vastamente consideradas por Piaget) das assimilações recuperadoras? A recuperação, parece-nos,

distingue-se da reprodução porque pode envolver esquematizações mais móveis do que nas reproduções "puras". A assimilação recuperadora engloba, portanto, uma gama maior de processos do que nas assimilações reprodutoras. As assimilações recuperadoras podem ser de alguns tipos: por evocação consciente voluntária ou involuntária, por reprodução de trechos de atividades ou cenas passadas ou repetição não consciente de esquemas registrados ontogeneticamente.

A compreensão da existência das assimilações registradoras dá-se, também, pela consideração de que existem assimilações sem registro mnêmico orgânico. Se toda assimilação fosse registradora haveria algo como uma saturação de memória. A memorização, por ser prioritariamente voltada para repetir organizações adaptativas, deve ocorrer apenas em alguns casos. Será um pouco absurdo admitir a hipótese de que o cérebro registre absolutamente todas as realidades que se lhe apresentam: há uma série de fatos que percebemos e que são absolutamente inúteis à vida mental e são "descartados" ou "escapam" do organon registrador. Isto parece se dar pelo fato de que o cérebro possui uma quantidade finita de neurônios. A assimilação de substâncias a um organismo maduro é o exemplo primeiro da existência de assimilação sem registro: quando uma planta madura absorve água, por exemplo, a estrutura viva não necessariamente registra um novo esquema assimilador, pois as estruturas assimiladoras de água já existiam previamente. Analogamente a vida psíquica registra ou não os dados

exteriores a que está exposta. Há condições complexas que tornam certas assimilações adaptativas e desadaptativas, registradas, descartadas ou perdidas.

Talvez valha a pena cogitar sobre a existência de uma função de "descarte" de realidades inúteis ou desadaptativas (algo como conceito como o de uma "assimilação desmemorizadora". Esta idéia possui uma analogia com o comando em informática de apagar arquivos, palavras, etc. Mas neste trabalho não teremos condições suficientes para a demonstração de sua existência como função vital ou psíquica). A pele humana, por exemplo, é capaz de eliminar ativamente certos "objetos" patogênicos (como espinhos, cálculos de cálcio, etc), mas não podemos generalizar facilmente esta função para a vida mental.

Existem, por outro lado, registros efetivados que possuem maior dificuldade de recuperação ou evocação. Isto significa que a ausência de evocação não significa ausência de registro, mas a ausência de registro implica a impossibilidade de recuperação.

#### **4.3 EFICÁCIA DAS ASSIMILAÇÕES REGISTRADORAS E RECUPERADORAS**

Se consideramos a existência de registros de memória e sua recuperação, passa a ser importante a proposição de que estas assimilações registradoras e recuperadoras possuem graus diversos de competência, eficácia, registrabilidade e

recuperabilidade, de sua capacidade de evocação, reprodução, generalização e reconhecimento. Uma memória afetiva ou um esquema afetivo, por exemplo, pode fazer-se presente intensa e freqüentemente na vida de um indivíduo, o que será denominado por esquema forte. Uma recuperação forte implica um registro forte ou vários registros mais fracos que resultem em um esquema forte. Analogamente, um registro forte tende a gerar recuperações fortes e ou freqüentes. O próprio Piaget sugere este fato biológico, quando explica que há esquemas afetivos menos ou mais permanentes:

[...] o conteúdo [dos] símbolos [secundários] se liga mais diretamente ao eu do sujeito e isso num sentido habitualmente regressivo ou que, pelo menos, atinge esquemas afetivos relativamente permanentes. (Piaget, 1945, p. 224, grifo nosso).

#### **4.4 ASSIMILAÇÕES INCLUSORAS E EXCLUSORAS**

Parece, de início, um pouco controvertido, mas ainda tratando das diversas formas gerais de assimilação, entendemos que elas podem ser de dois outros tipos básicos: por exclusão ou inclusão de elementos materiais ou psíquicos. Tomemos em consideração a seguinte explicação de Piaget:

[...] na situação elementar [...] a coordenação dos esquemas se verifica, graças a uma assimilação recíproca [...] primitiva [havendo casos posteriores menos simples]. [...] [Em etapas seguintes a] coordenação continua a processar-se por assimilação recíproca [...] [dando] origem a operações variadas de inclusão ou de implicação hierárquica, de inferência ou mesmo de negação, quer dizer, a dissociações e reagrupamentos múltiplos. (Piaget, 1936, p. 247-248).

Um exemplo simples de inclusão cognitiva é a pura soma aritmética:  $2 + 1$  significa incluir ao conjunto de duas unidades, mais uma unidade. Permaneceremos nestes exemplos muito simples e não trataremos das relações entre classe e

série, pois interessa-nos prioritariamente compreender certos princípios mais amplos do dinamismo cognitivo e afetivo.

Outras assimilações inclusoras são bastante evidentes e possuem variedades importantes: incluir nutrientes ou alimentos às estruturas endógenas, incluir um parceiro em um grupo cooperativo (como em animais sociais, por exemplo, chimpanzés e golfinhos, que realizam alianças e coalisões (Ridley, 1996), (processos em que incluem um ou mais parceiros para caçar, distribuir alimentos, subjugar um oponente ou copular com uma fêmea, etc).

Por outro lado, Piaget sugere:

Tal como uma negação só existe em função de uma afirmação anterior (1), também uma exclusão se baseia necessariamente numa assimilação anterior: obstáculo, encontrando-se na linha do objecto, é assimilado ao esquema deste (sem o que não seria um obstáculo), mas através de uma relação negativa (como na preposição «esta pedra não é pesada» a qualidade «pesada» se relaciona com o sujeito «pedra» para ser excluída). (Ibid., p. 250).

Uma exclusão cognitiva exemplar é a subtração matemática: para se calcular que  $2 - 1 = 1$  é preciso excluir do conjunto de duas unidades, uma unidade. Alguns casos interessantes de exclusão afetiva são a ânsia de vomitar e a raiva. No primeiro caso o organismo possui estruturas dirigidas a regular a função nutricional de modo a excluir ou expelir certos alimentos. A importância adaptativa disto é clara, assim como sua possibilidade de desregulação e desadaptação: é preciso eliminar certos alimentos tóxicos e alguns indivíduos vomitam sem qualquer utilidade adaptativa e, especialmente, com conseqüências desadaptativas, como é o caso da recente "onda" de bulimia. Compreender que a função agressiva e sua

correspondente psíquica, a raiva, é um tipo de assimilação exclusora fica mais evidente quando observamos que existe, nestas dinâmicas, um indivíduo organizado para afastar espacialmente outro ou eliminar sua vida ou, ainda, eliminar seu poder agressivo concorrente, como no ato menos destrutivo materialmente, de subjugar. Afastar, matar ou subjugar outro indivíduo são modos variados de exclusão que revelam a existência desta classe de mecanismos de assimilação exclusora. Temos que esclarecer que, também neste tipo de assimilação, parecem mais ou menos presentes as atividades de acomodações complementares adaptativas para a efetivação da exclusão.

Assim, em um foco mais particularmente afetivo, poderíamos conceber a "repressão" psicanalítica como um caso de assimilação exclusora inconsciente? Parece-nos que Piaget faz justamente uma distinção da "repressão" como uma exclusão inconsciente que não implica necessariamente uma negação consciente. Ele diz que o:

[...] que explica a incompreensão de um símbolo pelo próprio sujeito e, portanto, o caráter "inconsciente" desse símbolo, é a assimilação egocêntrica levada até a supressão de toda acomodação atual (de todo contato com a realidade presente) e, assim, igualmente, até a supressão da consciência do eu). Ora, uma tendência reprimida é uma tendência que o sujeito não deseja aceitar e à qual recusa assim toda acomodação ao real, conseqüentemente, é uma tendência expulsa da consciência e é inútil invocar uma "censura" que a manteria ignorada, pois a repressão, recusando-lhe a possibilidade de acomodação, torna-a por isso mesmo inapta à tomada de consciência. Mas, nesse caso, o fato de uma tendência reprimida satisfazer-se simbolicamente [...] (obs. 98) explica-se exatamente da mesma maneira que o fato da tradução simbólica de um desejo qualquer ou mesmo de uma impressão corporal, quando não se acham ligados à consciência do eu. Uma tendência reprimida, com efeito, pela sua própria situação, acha-se privada de acomodação e, em conseqüência, dissociada do eu consciente: se mesmo assim ela procura um alimento, isso só pode ser por uma assimilação pura, ao mesmo tempo egocêntrica e inconsciente (sendo os dois caracteres correlativos), isto é, seu alimento será necessariamente um sucedâneo simbólico. (Piaget, 1945, p. 261-262).



Continuemos tentando compreender Piaget:

Ora, não se compreenderia, no caso particular, a razão de um disfarce, uma vez que esses sonhos não têm precisamente por objeto fornecer uma satisfação simbólica ao desejo reprimido, mas sim à própria repressão ou ao desejo de autopunição. Em conseqüência, é preciso descobrir uma razão mais simples da inconsciência dos símbolos deste gênero (os quais, eles próprios, não traduzem mais que tendências particulares de uma classe muito mais vasta e que ultrapassa largamente o domínio do sonho). Ora, não há necessidade de procurar muito longe: esses símbolos não são compreendidos pelo sujeito porque a repressão é, ela própria, uma regulação automática ou espontânea resultante da intervenção de esquemas afetivos cujas raízes escapam à tomada de consciência. As coisas não se passam de outro modo, com efeito, no domínio da inteligência intuitiva, ou anterior à reflexão operatória: havendo adotado um certo sistema de idéias, o sujeito tomará posição, sem saber exatamente por que, contra tal solução ou qual hipótese, num domínio de ordem que, no entanto é estranha à afetividade interindividual e ser-lhe-á preciso muito esforço e reflexão para descobrir as razões dessa incompatibilidade, porque os esquemas intelectuais de que se serve só são conscientes em seus resultados (acomodação e assimilação reunidas) e não em suas assimilações iniciais. Ora, não existe razão para que os esquemas afetivos sejam mais conscientes que os esquemas intelectuais, mas bem ao contrário; tampouco há razão para que a repressão - expressão do bloqueio ou da inibição de uma tendência incompatível com outras, mais fortes que ela porque organizadas em esquemas assimiladores estáveis - seja mais consciente que as relações elementares de incompatibilidade que determinam a inteligência intuitiva, não ainda refletida. (Ibid., p. 263).

Neste ponto, Piaget incorpora a sua teorização sobre a repressão a noção tão importante para nós dos processos inibitórios. Tendo tratado destes processos psíquicos de inclusão e exclusão, poderemos considerar, a seguir, que as organizações apetitivas e aversivas ocorrem por redes intrincadas de inclusão e exclusão de objetos corpóreos concretos, realidades perceptivas, etc.

#### **4.5 ASSIMILAÇÕES APETITIVAS E AVERSIVAS**

Observemos que funções e sistemas apetitivos e aversivos, (temas bastante aprofundados na Psicobiologia) envolvem, no caso do ser humano, "vivências" de prazeres e desprazeres. Estes são fatores psíquicos afetivos organizados por sistemas

específicos - por exemplo, pode haver o prazer do aconchego, da saciação da fome, o prazer genital, etc, o desprazer da fome, do frio, da solidão, da ira, da indignação, etc. Opostamente, as mesmas funções podem gerar sentimentos contrários: prazer no frio, desprazer em contato de pele, no ato sexual, na alimentação. Isto revela, ao mesmo tempo, os níveis de abertura dos subsistemas envolvidos quanto sua relativa mobilidade estrutural.

O "apetite" psíquico visa, por nossa concepção, atividades como as seguintes, isoladamente ou em combinações: 1. aproximação do objeto apetitivo: alimento, parceiro sexual, Arte, etc. 2. Incorporação material do objeto (alimento, pênis, esperma, etc). 3. Disseminação de objeto (alimentos para parceiros, sêmen, conteúdos científicos ou artísticos, no caso de uma palestra ou apresentação artística, por exemplo.

As assimilações aversivas podem visar: 1. a eliminação material de um objeto (vomitar, etc), 2. o afastamento espacial de um objeto perigoso, oponente (como nas relações sociais hierárquicas), de alguma realidade psicologicamente desagradável (um objeto mau cheiroso, uma música de que não se gosta, etc).

As assimilações complexas podem ser de tipo misto, ou seja, apetitivo-aversivas. A agressão, por exemplo, é relativamente apetitiva para o agressor, pois sua excitação deve gerar mais excitação, até certo limite. É possível supor que a agressão em espécies sociais complexas (como humanos e

chimpanzés) possua regulações harmonizadoras de excitação e inibição. A regulação da força de mordida em filhotes de mamíferos, por exemplo, mostra a harmonização excitatória-inibitória da agressividade. Se considerarmos "apetite" aquilo que procede por aumento de atividade para incorporação ou aproximação, vemos que a agressão visa as duas finalidades adaptativas, conforme alguns casos: agredir exige aproximações diretas para ataque e posterior geração de fuga ou afastamento por ritualizações, etc. A agressão derivada do apetite alimentar não necessita de inibições tanto quanto nas relações de hierarquias sociais de poder, onde a preservação da vida do parceiro de certas espécies é mais adaptativa que sua morte.

## 5 EQUILIBRAÇÃO, ORQUESTRAÇÃO E HARMONIZAÇÃO

Nos capítulos anteriores, já começamos a tomar contato com os termos "harmonia", "harmonização", "desarmonia" e afins. Estes usos iniciais puderam formar sentidos preparatórios para uma compreensão, em alguma medida, mais conceitual. Busquemos, então, apresentar alguns entendimentos mais detalhados destas denominações. Sabemos que o cérebro humano possui subdivisões funcionais específicas e um conjunto dinâmico espantosamente complexo que nos permite sentir e pensar. As estruturações mais primitivas filogeneticamente (aquelas ligadas à vida afetiva) sofrem regulações especiais e próprias em conjunção com estruturas menos primitivas, as cognitivas. A auto-regulação cerebral e psíquica ocorre em sua totalidade, envolvendo a "imensidade" de intrincadas redes e fluxos de correntes elétricas nos neurônios, seus processos neuroquímicos, a formação de campos magnéticos, etc, etc. Esta totalidade sistêmica, afetivo-cognitiva possui mecanismos que se regulam tendendo a gerar processos adaptativos da própria totalidade, não apenas dos subsistemas cognitivos e afetivos isoladamente. Por exemplo: se uma estruturação cognitiva permite um pensamento de conteúdo afetivo do tipo "estou com muito calor", este pensamento só é possível por equilibrações de elementos classificadores, quantificadores, relações de causa, assim por diante. Se uma certa causação é compreendida por um pensamento

do tipo "sombra e água fresca serão bastante úteis", este aspecto predominantemente cognitivo da reflexão poderá trazer uma regulação mais global do sistema nervoso: após encontrar água, bebê-la, descansar, o sujeito sofre uma atenuação das atividades apetitivo-aversivas, "vivencia" alívios e tudo mais. Se Piaget aprofundou-se "prioritariamente" nas equilibrações cognitivas e apenas usou a terminologia "equilíbrio" para atividades não cognitivas em alguns momentos de sua obra, parece-nos útil utilizar uma denominação diferente para as regulações endógenas destas totalidades afetivo-cognitivas e das subestruturas emocionais e instintivas. Este tipo de regulação da totalidade neural e prioritariamente dos sistemas afetivo-emocionais é o que denominaremos harmonização endógena ou apenas harmonização. O cérebro e o psiquismo são compreendidos como um todo sistêmico que possui equilibrações e harmonizações com capacidades de registrar esquemas adaptativos, desadaptativos ou neutros.

Quando Piaget faz uma pormenorização de características gerais das equilibrações cognitivas, podemos bem aproveitar algumas idéias essenciais. Vejamos primeiro o que ele diz: "[...] o equilíbrio se refere entre outras coisas a uma solidariedade da diferenciação e da integração." (Piaget, 1975, p. 12).

O primeiro [aspecto da equilíbrio cognitiva] é a assimilação ou incorporação de um elemento exterior (objeto, acontecimento, etc.), em um esquema sensório-motor ou conceitual do sujeito. [...] mas pode-se falar, por outro lado, de assimilação recíproca quando dois esquemas ou dois subsistemas se aplicarem aos mesmos objetos (por exemplo, olhar e pegar) ou se coordenarem sem mais necessidade de conteúdo

atual. Podemos considerar como uma assimilação recíproca as relações entre um sistema total, caracterizado por suas leis próprias de composição, e os subsistemas que ele engloba em sua diferenciação, porque sua integração num todo é uma assimilação a uma estrutura comum [...]. (Ibid., p. 13).

[...] Mas, aqui, ainda convém estender o processo às relações entre os subsistemas e aquelas que unam sua diferenciação e a integração numa mesma totalidade: se as assimilações recíprocas não se acompanharem de acomodações igualmente recíprocas, haveria fusão deformante e não mais coordenação entre os sistemas a religar. (Ibid., p. 14).

Primeiro postulado: todo esquema de assimilação tende a alimentar-se, isto é, a incorporar elementos que lhe são exteriores e compatíveis com sua natureza. [...] Segundo postulado: todo esquema de assimilação é obrigado a se acomodar aos elementos que assimila, isto é, a se modificar em função de suas particularidades, mas, sem com isso, perder sua continuidade (portanto, seu fechamento enquanto ciclo de processos interdependentes), nem seus poderes anteriores de assimilação. (Ibid., p. 14).

[...] conforme se realiza a acomodação a objetos exteriores ou a outros esquemas (então assimilações recíprocas), estas mudanças podem ser exógenas ou endógenas e comportar partes muito variáveis de transformações. (Ibid., p. 15).

[Os três tipos de equilíbrio:] 1º - Em função da interação fundamental de início entre o sujeito e os objetos, há primeiramente a equilíbrio entre a assimilação destes a esquemas de ações e a acomodação destes últimos aos objetos. [...] 2º - Há, em segundo lugar, uma equilíbrio a assegurar às interações entre os subsistemas. (Ibid., p. 15).

3º - É preciso, além disso, considerar à parte o equilíbrio progressivo da diferenciação e da integração, logo das relações que unem subsistemas a uma totalidade que os engloba. Esta terceira forma de equilíbrio não se confunde com a segunda, pois acrescenta uma hierarquia às simples relações entre colaterais. Na verdade, uma totalidade é caracterizada por suas leis próprias de composição, constituindo um ciclo de operações interdependentes e de ordem superior aos caracteres particulares dos subsistemas. (Ibid., p. 16).

Este terceiro tipo de equilíbrio, se compreendido, não mais estritamente no âmbito cognitivo, mas na totalidade afetivo-emocional-cognitiva, sugerimos que isto possa ser denominado "auto-regulações harmonizadoras". Esta denominação revela melhor sua importância se notarmos que, sem ela, teríamos que nos referir aos processos psíquicos harmonizadores como "auto-regulações afetivo-emocionais-cognitivas análogas às equilíbrios de tipo três da obra 'A Equilíbrio das Estruturas Cognitivas". "Harmonização" parece-nos uma

denominação que avança no sentido de uma conceituação, afastando-se de usos da linguagem natural, do senso-comum, ou mesmo, de usos em textos científicos, mas sem uma explicitação mais direta e detalhada de seu significado. O mesmo se daria com as denominações integradas de "harmonias", "desarmonias", "harmonizações" e "desarmonizações" endógenas, interpessoais e coletivas.

Piaget também expressa a importância de "[...] situar [...] o pensamento simbólico inconsciente no conjunto do equilíbrio mental." (1945, p. 265). A idéia de "conjunto do equilíbrio mental" parece um processo tão importante que permite a busca de seu aprofundamento. É nisto, entre outros aspectos, que tentaremos diferenciar as equilibrações cognitivas específicas de tal ou tal pensamento, das regulações da totalidade afetivo-emocional-cognitiva.

Piaget mostrou acreditar em certa generalidade da aplicação do conceito de equilibração para as organizações cognitivas, afetivas e sociais:

No campo da vida afetiva, notou-se, muitas vezes, quanto o equilíbrio dos sentimentos aumenta com a idade. E, finalmente, também as relações sociais obedecem à mesma lei de estabilização gradual. (Piaget, 1964, p. 11).

Estas expressões "equilíbrio dos sentimentos" e "estabilização das relações sociais", por não terem sido um foco de pesquisas centrais na obra piagetiana, não nos parecem, compreensivelmente, ainda um pouco genéricas e imprecisas? Por outro lado, as equilibrações cognitivas que Piaget estuda não possuem uma conceituação nem um pouco vaga. Pode ser

importante, portanto, no campo afetivo e integral, apresentarmos uma concepção que nos parece mais precisa, menos apoiada em uma analogia comparativa genérica, mais própria e específica destas dinâmicas das totalidades, inclusive por essas nossas designações especiais: orquestração, regência, etc.

Cada subsistema psíquico deve ter seus princípios específicos de auto-regulação, diferentes entre si e complementares uns aos outros. Assim, por exemplo, quando alguém resolve um problema de matemática, exerce capacidades cognitivas por equilíbrazões de estruturação lógico-matemática e, simultaneamente, seus sistemas afetivos devem harmonizar-se a ponto de não gerar ansiedades descontroladoras nem desinteresses paralisantes.

A Biologia, especialmente no estudo das relações ecológicas entre organismos, já utiliza os conceitos de simbiose, harmonia e desarmonia. Observemos as explicações adiante:

As relações harmônicas ocorrem entre seres-vivos em que há benefício mútuo ou de só um deles, sem prejuízo do outro. Mas quando há prejuízo de um dos participantes em benefício do outro, as relações são consideradas desarmônicas. Vejamos alguns exemplos de relações harmônicas: Sociedades são associações entre indivíduos da mesma espécie, que estão organizados de uma forma cooperativa. Seres humanos, chimpanzés, peixes, abelhas e formigas são alguns exemplos. Em



termos mais informais, a "sociedade" é algo como "vamos viver juntos, cada um fazendo sua parte". Algumas relações de dependência extrema entre indivíduos de espécies diferentes, como o mutualismo, são consideradas relações harmônicas, pois ambos se beneficiam. Este é um caso do tipo "um não vive sem o outro". Já nas protocooperações ou cooperações, os indivíduos se beneficiam mutuamente, mas "podem viver separados". No Comensalismo existe uma associação entre indivíduos de diferentes espécies em que um deles aproveita restos alimentares de outro, mas sem prejudicá-lo. Numa linguagem bem cotidiana, mas ilustrativa, podemos comparar "o comensal" a pessoas que têm o hábito ou a necessidade de "filar comida" de alguém. Uma analogia mais triste é a dos miseráveis no planeta, que catam lixos das casas de pessoas mais abastadas, para comer. No inquilinismo o indivíduo de uma espécie procura abrigo ou apoio no corpo do outro, sem o prejudicar. O ser humano vive algum tempo da vida "apoiado" no corpo da mãe, já mais velho utiliza residências emprestadas, etc. A teoria ecológica trata também de uma relação do tipo "pegar carona": um indivíduo utiliza o corpo do outro como transporte, sem lhe gerar prejuízo: isto se chama foresia. Exemplos de relação desarmônica podem ser o Canibalismo, a Competição, o esclavagismo, o predatismo, o parasitismo, etc. Já temos, em geral, algumas noções sobre relações desarmônicas, como o predatismo (atacar, matar e comer). O parasitismo é uma relação desarmônica, algo do tipo "viver à custa do outro" e lhe

prejudicando. Até em espécies animais muito primitivas (como em certas formigas) existe a relação de escravagismo, uma relação desarmônica na qual uma espécie captura e faz uso do trabalho, e até mesmo dos alimentos de outra espécie. Nas relações ecológicas de competição existe disputa por algum recurso do ambiente: alimento, luz, abrigo, território, etc. Isto lembra algo em nossa civilização? As funções de auto-proteção nas espécies podem ocorrer por processos também muito análogos a aspectos intrapsíquicos e interpessoais humanos: camuflar-se (por cores ou formas parecidas às do meio ambiente, funcionando como um disfarce para "não se fazer notar". Já o mimetismo também lembra traços psicológicos humanos, mas por um mecanismo inverso: ao invés de se "esconder" na paisagem, o "camuflador" como que se "finge" de outra coisa, adquire uma aparência de outra espécie, funcionalmente protetora (a "borboleta coruja", com as asas abertas, tem a aparência dos olhos da coruja.

Vejamos, em princípio, que um neuro-cientista brasileiro usa uma terminologia afim, já em um sentido que se aproxima do nosso entendimento dos termos com essa raiz comum: harmonia, harmônico, harmonização, etc. "Cérebros são fôrmas onde se encaixam as formas e os conteúdos mentais. Sem a fôrma não há encaixe da forma e muito menos harmonia de conteúdos." (Del Nero, 2002, p. 113).

Observemos também que o termo "harmonioso" já tem uma participação rica na linguagem dos estudos sobre o que ocorre internamente ou endogenamente nos organismos vivos:

Otto Koehler (1933), junto com Ludwig von Bertalanffy (1951), prestaram um grande serviço ao mostrar que um sistema orgânico requer uma metodologia analítica especial para si, mesmo que seja para uma análise que deveria ser puramente física. Não existe 'força vital', disse Koehler, nem 'fator produtor-do-todo'; existem, 'ao invés disso, sistemas harmoniosos de correntes causais de amboceptores (isto é, operativos em ambas as direções), emaranhadas e integradas, cujas interações harmoniosas são justamente o que constitui a totalidade configuracional'. (Lorenz, 1981, p. 60).

O termo "integradas" afina-se bem com nossas concepções, enquanto "emaranhadas" faz um sentido importante, mas metafórico. Vejamos novamente em Piaget uma compreensão do quanto certos tipos de regulação ocorrem em sua integralidade:

[...] os esquemas de assimilação não poderiam funcionar de modo isolado e sua exigência de alimentar-se incessantemente só pode conduzir a essas coordenações que nós caracterizamos por sua assimilação mútua. São, portanto essas composições e não os funcionamentos individuais iniciais que asseguram os processos de integração. (Piaget, 1976, V.2., p. 122-123).

Deste modo, uma de nossas contribuições parece ser o estudo de processos harmônicos e desarmônicos, não apenas nas relações sociais e interpessoais, mas no próprio dinamismo intrapsíquico. Obviamente este também importa aos estudos de relações sociais. Além de observar que há harmonias e desarmonias no psiquismo, compreendemos que o próprio sistema psíquico possui capacidades dinâmicas harmonizadoras, por impulsionamentos e refreamentos, registros, evocações, repetições, equilibrações em diversas estruturas, etc.

Damásio (1994, p. 207) também usa termos advindos das teorias ecológicas, generalizando sua concepção para as relações sistêmicas intrapsíquicas: A simbiose entre os chamados processos cognitivos e os processos geralmente designados por 'emocionais' torna-se evidente.

Piaget usa o termo simbiose para pensar na relação entre um ser-vivo e o "universo" (que compreende outros seres-vivos e o mundo material (não vivo)). Este é um uso abrangente do termo, pois na Ecologia, as relações harmônicas e desarmônicas referem-se geralmente a relações entre organismos vivos (da mesma espécie ou de espécies diferentes).

Em resumo, o universo e a própria atividade ainda constituem uma simbiose, ou um todo global em que os dois pólos estão em vias de diferenciação, mas sem que as ações pessoais sejam concebidas como simples séries causais entre o conjunto das outras. (Piaget, 1937, p. 280).

Os usos dos termos "harmonia", "desarmonia", "simbiose", etc, vem sendo incorporados ao vocabulário científico não exclusivamente ecológico. Estas incorporações conceituais são muito apropriadas, pois o dinamismo endógeno segue princípios vitais adaptativos e têm sido reveladas muitas analogias entre as funções biológicas gerais (organização, assimilação, diferenciações de substâncias, etc) e os processos psíquicos (organização cognitiva, assimilações perceptivas, classificações pelo pensamento, etc).

Podemos agora criar uma metáfora que facilitará nosso entendimento: pensemos na experiência psíquica como análoga a uma orquestra onde há um regente, vários indivíduos tocando instrumentos diferentes, um violinista solo, um pianista e seu virador de páginas, um coral, havendo uma gravação ao vivo, uma filmagem, etc. Temos na orquestra a idéia e a imagem de uma totalidade sistêmica com tendências harmonizadoras. Nesta metáfora temos elementos sonoros, visuais, simbólicos, de

coordenação, de esquemas registrados, registradores, impulsionadores, refreadores, etc.

Cada membro da orquestra deve regular a si - próprio e seguir necessidades de coordenação de conjunto, tanto ouvindo os outros músicos quanto vendo os movimentos da batuta. Podemos usar o regente como representante metafórico da consciência, pois é um agente central de coordenação do todo.

O termo "orquestração" é, neste trabalho, uma denominação que se refere ao conjunto do sistema psicodinâmico. Metaforicamente a orquestra traz idéias didáticas para nossos objetivos porque nela temos a existência de simultaneidade e fluência, do sincronismo, do diacronismo e de sua totalidade como sincro-diacronismo. A simultaneidade no instante é análoga ao acorde, enquanto a fluência temporal psíquica é análoga à melodia e ao ritmo. Não há música sem esta totalidade de conjuntos simultâneos que perduram e se transformam. Uma representação que dá concretude à idéia é a partitura: nela vemos as notas tocadas simultaneamente e o curso temporal da obra em sua pauta e símbolos. O mesmo raciocínio é válido para as concepções da mente como sistema em rede, etc. Uma rede dinâmica possui uma organização relativa ao instante e suas transformações consecutivas. O fluxo sincro-diacrônico diz respeito a uma conjuntura com variação espaço-temporal-causal.

A consciência parece ter o poder de "dirigir" ou de determinar alguns eventos psicológicos, mas não todos. Não somos capazes, por exemplo, de eliminar uma patologia psíquica

por pura decisão instantânea. Da mesma forma, um maestro não consegue harmonizar cinquenta músicos mal preparados com um só movimento da batuta. Cada membro do todo precisará saber regular a si-próprio para participar de uma totalidade harmônica e ritmada. Nossa cognição, emoções e afetos são como membros de uma orquestra que têm vida própria.

Cada elemento ou fator psíquico mostra-se à nossa consciência, contra a nossa vontade ou a favor dela. Afetos podem ser estimulados pela cognição e vice-versa. Mas um e outro não estão sob controle mútuo total. Entretanto, o poder parcial da consciência sobre a totalidade sistêmica ou sobre alguns subsistemas não deve ser desconsiderado. Se um regente não pode resolver todos os problemas sozinho e de imediato, pode sugerir aos músicos que voltem para casa, descansem, ensaiem o instrumento, estudem, relaxem, tenham autoconfiança, determinação... Pode haver bom resultado a partir de bons juízos, escolhas, decisões e ações do regente e dos outros músicos. Assim percebemos que a consciência construtiva possui um status privilegiado na totalidade psíquica, podendo até exercer atividades harmonizadoras.

Em relação à pluralidade dos elementos ou fatores motivacionais humanos, temos em Lorenz e Eibesfeldt boas referências:

A acusação de assumir uma 'monocausalidade' do instinto, particularmente do instinto agressivo, tem recaído sobre mim, embora eu tenha dedicado em meu livro sobre agressões um capítulo inteiro, 'The great parliament of instincts', explicando a forma pela qual uma multiplicidade de motivações independentes interagem no comportamento agressivo. (Lorenz, 1981, p. 278).

A base em que se apóia a acusação de Plack, de que os "etólogos" reduzem tudo ao instinto da agressividade, não é totalmente convincente. Konrad Lorenz [...], citado a este respeito por Plack, fala insistentemente de um "parlamento dos instintos", salientando assim claramente que um animal é motivado por diversos sistemas de conduta, muitas vezes até de acção contrária. O instinto agressivo é apenas um entre muitos. No entanto, como as acusações foram feitas, temos de admitir que, na discussão sobre a agressividade, foi dado pouco relevo ao potencial social do homem e dos animais (3). A chave da solução do problema levantado pela questão da agressividade está nas tendências pró-sociáveis. Por isso, pretendo falar minuciosamente neste livro acerca dos mecanismos que fundamentam a coesão dos grupos sociais, nomeadamente aqueles que são naturalmente antagonicos da agressividade e que são os que permitem basear a nossa esperança num futuro mais pacífico. Entre os animais vertebrados superiores, a repulsão (agressão) e a atracção (inclinação) social constituem uma unidade funcional e é como tal que as pretendo apresentar por aqui. (Eibl-Eibesfeldt, 1970, p. 26?).

Piaget também expressa sua compreensão desta multifatorialidade psíquica:

[...] observa-se na realidade uma multidão de sentimentos contraditórios, de ligação ou de resistência, de submissão ou de independência, de desejo de atrair para si um dos pais ou de ciúme, de necessidade de igualar os grandes, de mudar de ambiente, etc. (Piaget, 1945, p. 225-226).

Aproveitando algumas noções envolvidas nesta metáfora de "parlamento", tentamos criar algumas definições: a orquestração harmonizadora mental seria uma rede dinâmica que combina elementos instintivo-afetivo-emocionais-cognitivos em fluxos orgânicos auto-regulados, por processos adaptativos inconscientes e conscientes. A harmonia está para a homeostase assim como a harmonização está para a homeorrese, assim como o estático está para o dinâmico, assim como o sincrónico está para o diacrónico. A harmonização seria uma capacidade adaptativa do conjunto psíquico cuja expressão mais clara pode ser a consciência humana.

A totalidade psíquica possui uma regulação sistêmica integral que envolve estados harmônicos e dinâmicas harmonizadoras, estados de equilíbrio e dinâmicas de

equilíbrio. A idéia de "estado" não se refere a "quadros paralisados", mas a uma espécie de "retrato" da condição dinâmica. A harmonização compõe-se de regulações afetivas e equilíbrios cognitivos. A harmonia psíquica seriam os estados adaptativos suficientes das equilíbrios e harmonizações subsistêmicas ou da totalidade afetivo-cognitiva.

Em outras palavras, a harmonização significa a atividade auto-reguladora saudável do sistema psíquico integral e seus subsistemas. Certos subsistemas são regulados por equilíbrios específicas, como o pensamento lógico é regulado pela estrutura orgânica que sustenta o princípio de não-contradição. A harmonização psíquica abrange o conjunto de regulações afetivas em sincronias e diacronismos com as equilíbrios cognitivos.

Já a orquestração seria uma característica geral do psiquismo, da interatividade multifatorial de sistemas sincro-diacrônicos, o "modus operandi", uma maneira de funcionar, que abrange processos harmonizadores e desarmonizadores. Um funcionamento orquestral pode não ser adaptativo, pode não ser harmonizador, assim como uma orquestra pode ser mal regida, desafinada, ter instrumentos ruins, mas ainda assim ser uma espécie de orquestra.

### **5.1 A REGÊNCIA PSÍQUICA**

Adotamos uma posição que talvez só seja teoricamente contrária à de alguns behavioristas: nossa experiência psíquica envolve comportamento e consciência dele. Isto nos impele a



estudar acontecimentos não apenas exteriores e visíveis, mas a procurar conhecer suas ocorrências orgânicas e subjetivas inter-relacionadas.

A organização psíquica tem suas especificidades e suas diferenciações por tipos de fluxo mental organizado para fazer sentir frio, fome, medo, desejo sexual, alegria, etc, de modo que algum comportamento ou conduta se efetive por deliberação intencional ou ação menos autonomamente escolhida e realizada, conforme os diferentes casos.

Os termos regência e regencial já constam dos nossos dicionários. Inventamos, por necessidade, o neologismo "regenciável", significando aquilo que é passível de regência, que permite ser regido pela consciência, mesmo que em grau mínimo. Os fenômenos psíquicos regenciais são aqueles que estão sob controle da intenção, da escolha, do ajuizamento, da deliberação, da criação, entre outras atividades conscientes.

## **5.2 A MOTIVAÇÃO MULTI-FATORIAL REGENCIÁVEL**

Observemos a consideração de Piaget relativa à interação entre aspectos instintivos e organizações cognitivas:

No terreno do instinto, das funções sensório-motoras e da percepção, [a] dissociação [entre forma e conteúdo, tipicamente progressiva no terreno da inteligência] mal se esboça, o que marca, aliás, o parentesco existente entre suas 'formas' e as que caracterizam a morfogênese orgânica. O instinto é muitas vezes apenas o prolongamento funcional da 'forma' dos órgãos, e o mesmo se dá com os reflexos e as condutas sensório-motoras adquiridas elementares, ligadas à preensão, à locomoção, etc. A percepção é inseparável das excitações sensoriais, etc. (Piaget, 1967, p. 178).

O exercício do instinto supõe [...] classificações: escolha dos alimentos, dos materiais de construção, dos parceiros sexuais, etc. (Ibid., p. 190).

Apresentaremos, assim, para tentarmos dar um pouco mais de detalhamento aos aspectos dos instintos e dos impulsos do ser humano, a noção de motivação multifatorial regenciável. Podemos adotar o termo instinto para salientar a faceta orgânica de geração de tendências de ação adaptativa. Já o termo impulso pode ser usado para ressaltar o aspecto psicológico, subjetivamente vivido ou consciente destes subsistemas afetivos. Os termos "regenciável" e regência ficam mais claros quando consideramos que a vida psíquica tem, em grande parte, a capacidade de se auto-regular, de se auto-determinar, de fazer escolhas, criações, descobertas, invenções, enfim, numa concepção do quanto podemos ser atores da nossa própria vida. Sobre o nível superior que a mente humana atinge em suas construções conscientes, Piaget afirma:

Qualquer que seja sua origem biológica, as 'formas puras' da inteligência demonstram, pois um poder de dissociação entre forma e conteúdo, poder inacessível no terreno orgânico, e que supõe o pensamento. Há, portanto aí a primeira função especializada, peculiar aos conhecimentos de nível superior, no âmbito de um quadro funcional, muito mais geral, de organização. (Ibid., p. 179).

Enfim, vem a representação ou pensamento, e as classificações que esse constrói em todos os níveis de seu desenvolvimento apresentam a novidade de serem mais ou menos intencionais e sobretudo reflexivas, isto é, de constituírem sistemas, não mais imanentes a um funcionamento mas produzidos e buscados por esse funcionamento na medida em que é consciente. (Ibid., p. 190).

Mas em um terreno diverso da "cognição pura", se o instinto ou algumas pré-formações adaptativa e filogeneticamente criadas são, em qualquer medida, regenciáveis, esta regenciabilidade fala de possibilidades humanas não necessariamente ativadas. O "instinto regenciado", sim, trata daquilo que efetivamente foi regido por uma

consciência. Aquilo que é regenciável pode não ser regenciado e neste caso existe maior prevalência dos impulsos extra-conscientes ou extra-cognitivos.

Nesta idéia de multi-fatorialidade afetiva pretendemos abranger vários aspectos da instintividade e da motivação humanas, a saber:

1. Algumas raízes filogenéticas transmitidas por genes.
2. Sua necessidade geral para a espécie como adaptação que contém funções específicas.
3. Sua tendência forte de efetivação ontogenética.
4. Sua condição organicamente influenciada e influenciadora.
5. Sua contingenciabilidade relativa ou suas variações possíveis conforme a ambientação.

Em uma perspectiva semelhante, o instinto, a motivação e o impulso humanos podem ser, hoje, noções que abrangem:

1. A organização biológica inata;
2. Uma necessidade biológica teleonômica;
3. Uma tendência forte de ativação;
4. Uma variabilidade conforme:
  - 4.1 Certos traços herdados pelo genoma,
  - 4.2 Certas ambientações materiais e sociais,
  - 4.3 A regência construtiva na consciência dos indivíduos.

### 5.3 INSTINTO, ORQUESTRAÇÃO E REGÊNCIA HARMONIZADORA

A idéia da "orquestração harmonizadora" psíquica também é interessante quando tentamos compreender algo sobre as determinações de seu funcionamento: o psiquismo possui fatores de auto-regulação interna e determinações exteriores (influências pessoais diretas, de aspectos culturais via televisão, os climas, etc). No psiquismo há grandes variações nas formas e conteúdos da consciência, em participações de múltiplos sistemas coexistindo em criações, formações e transformações integradas que envolvem sentimentos, idéias, afetos e instintos.

Os instintos humanos possuem traços de exigências funcionais que em parte escapam ao nosso controle e, ao mesmo tempo, participam de um conjunto auto-regulador consciente que é capaz de interferir no próprio instinto. Por exemplo, as decisões sobre nossa vida afetiva nossas necessidades, nossos desejos, parecem estar, simultaneamente, sob as influências "naturais" (cócegas provocadas por insetos, excitações genitais, dores abdominais), com certo grau de pré-determinação e sob a "batuta" da nossa consciência. E mesmo havendo princípios inconscientes de auto-regulação e tendências adaptativas, só temos acesso subjetivo às ações que a nossa consciência percebe, sente e cria. Afinal, parece que somos um criativo maestro diante de dezenas de músicos e não podemos controlar completamente os movimentos de cada um deles. Podemos, sim, criar "partituras", corrigi-las, distribuí-las,

regê-las, etc. A metáfora da "partitura" é interessante para ilustrar mais claramente a faceta dos esquemas registrados e os processos de registro de novos esquemas (análogos ao ato de escrever uma partitura). O psiquismo seria, portanto, não apenas como uma orquestra, contendo músicos e instrumentos, mas também uma biblioteca de peças harmônicas, desarmônicas, onde se registram tons, ritmos, melodia, letra, etc.

Citamos Piaget revelando uma nova e sofisticada compreensão sobre o quanto a equilibração cognitiva participa da vida mental em atividades integradas à vida dos sentimentos:

É, então, precisamente, [a] unidade da conduta que torna os fatores de evolução comuns aos dois aspectos, cognitivo e afetivo, e a sua irreduzibilidade em nada exclui um paralelismo funcional, impressionante até nas minúcias (vimo-lo a propósito das "relações objetais", das ligações interindividuais ou dos sentimentos morais). Os sentimentos comportam, com efeito, indiscutíveis raízes; hereditárias (ou instintivas) sujeitas à maturação. Diversificam-se no decorrer da experiência vivida. Enriquecem-se fundamentalmente através da troca interindividual ou social. Mas além desses três fatores, comportam, por certo, conflitos ou crises e reequilibrações, pois toda a formação da personalidade é dominada pela procura de certa coerência e de uma organização de valores que exclui os despedaçamentos interiores (ou busca-os, mas para tirar deles novas perspectivas sistemáticas, como a da "ambigüidade" e outras sínteses subjetivas). Sem precisar recordar o funcionamento dos sentimentos morais, com o seu equilíbrio normativo tão vizinho das estruturas operatórias, não se pode, portanto, interpretar o desenvolvimento da vida afetiva e das motivações sem insistir no papel capital das auto-regulações, cuja importância, aliás, embora sob nomes diversos, foi destacada por todas as escolas. (Piaget, 1967b, p. 135).

O texto piagetiano fala de "crises e reequilibrações" no universo moral e afetivo e instintivo. Explica que o paralelismo nas relações entre moralidade e cognição operatória é maior do que na relação entre pensamento operatório e afetos quaisquer (não morais). A coesão entre as estruturas operatórias e os juízos morais é bastante evidente. Para aprofundamentos neste tema, sugerimos "O Juízo Moral na

Criança" (Piaget, 1932). Mas esta própria explicação de Piaget sugere a importância de buscar novas conceituações para estes tipos particulares de regulações afetivas. A imagem de evitação de um "despedaçamento" revela que é preciso conceber o psiquismo como contendo regulações extra-cognitivas rumo à adaptação, por processos que se diferenciam das equilibrações estritamente cognitivas. Mais uma vez salientamos esta razão pela qual sugerimos a busca de conceituar Harmonia e Harmonização. Esta "intuição" sobre o "evitar despedaçamentos" seria tratada, em nossa linguagem, como uma tendência harmonizadora do cérebro e do psiquismo.

#### **5.4 A DIVERSIDADE DAS HARMONIAS, DESARMONIAS, HARMONIZAÇÕES E DESARMONIZAÇÕES**

As equilibrações cognitivas podem atingir estados "perfeitos", como nas estruturas lógico-matemáticas. O cálculo  $2+2=4$  não possui qualquer imperfeição. É preciso, portanto, esclarecer, por outro lado, que os casos mais amplos das harmonias e harmonizações não são puros, extremos, assim como as adaptações psíquicas não são perfeições absolutas. As adaptações e harmonias devem possuir traços maiores ou menores de desadaptação e de desarmonias. Neste aspecto tratamos de gradações, de oscilações e limites.

Trazemos agora a idéia da harmonia como o estado psicológico e cerebral adaptado às circunstâncias ambientais atuais e às estruturações antigas, formadas na história de vida

dos indivíduos. Tratamos de um conjunto de possibilidades psíquicas e orgânicas que não trazem danos significativos à vida mental dos indivíduos e dos grupos. Queremos dizer que há diversas formas de funcionamentos psicológicos adaptativos e desadaptativos. A diversidade harmônica é um aspecto importante porque enfatiza a existência das riquezas filogenéticas e ontogenéticas da espécie humana. Para cada desafio, para cada problema imposto pelo meio-ambiente e pelas realidades internas não existe apenas uma solução harmônica. Além disto, não existe um conjunto pequeno de problemas adaptativos impostos pelo ambiente social e material. Diante disto, podemos concluir que a conquista de uma dada condição harmônica pode acontecer por caminhos diversos.

Diferentemente da Matemática e da Lógica, as adaptações integrais não exigem uma resposta única e necessária. Na aritmética  $2 + 1$  é igual a 3. Na vida biológica e psíquica 2 indivíduos + 1 terceiro indivíduo pode desencadear 2 aliando-se ou expulsando o terceiro. As "somas" de relações podem gerar condutas de cooperação, amizade, insegurança, ciúmes, desadaptações ou adaptações por vias diversas. No caso de uma mãe que protege a prole, o "terceiro" pode ser um predador e, assim, a resposta agressiva de expulsão seria um processo adaptativo. Contrariamente, na estrutura das relações de ciúmes, por exemplo, entre Othelo, sua esposa e Iago, a trágica desconfiança (que segue uma esquemática semelhante de expulsão

do "terceiro") ilustra uma desadaptação extrema, literariamente imaginada.

Retornando ao tema mais geral das variabilidades harmônicas, um breve exemplo em Donald W. Winnicott (1896-1971) que parece afinar-se, em certo aspecto, aos nossos pensamentos e a outros elementos biologicamente importantes. Enfatizemos o uso das idéias "quase", "dependência", "gradativa", "suficientemente" e "adaptação".

O início do surgimento do ego inclui inicialmente uma quase absoluta dependência do ego auxiliar da figura materna e da redução gradativa e cuidadosa da mesma visando à adaptação. Isto faz parte do que eu denomino 'maternidade suficientemente boa'; neste sentido o ambiente figura entre outros aspectos essenciais da dependência, no meio do qual o lactente está se desenvolvendo, utilizando mecanismos mentais primitivos. (1965, p. 15).

Além de considerar a relação entre o organismo e o meio, Winnicott trata de suas variações, gradações nas dinâmicas interpessoais mais adaptativas e desadaptativas. A "suficiência" compreende um conjunto complexo de interações em diversos âmbitos: o suprimento alimentar, de calor, de conforto no posicionamento corporal ou aconchego, no estar presente, nos tons de voz expressos pela mãe, nos tempos de reação ideais a necessidades específicas, etc. Notemos, ainda, que tratamos de um caso especial e fundamental do conjunto de construções esquemáticas rumo à autonomia: dependência versus independência da figura materna é um caminho psicogenético necessário na vida de diversas espécies animais, desde mamíferos mais simples aos primatas. Trazendo, também, a Etologia como Ciência que apóia nossas idéias, apreciemos as seguintes considerações de Goodal:



Um dos marcos mais importantes na vida do jovem macho é quando ele começa a sair de perto da mãe, na companhia de outros membros da comunidade. O corte desse cordão umbilical é muito mais necessário para um jovem macho do que para uma jovem fêmea. Ela pode aprender a maior parte daquilo que precisa saber a fim de levar uma vida adulta bem-sucedida enquanto permanece na segurança de seu ambiente familiar. Não só ela pode observar a mãe e as amigas da mãe cuidando dos seus filhotes, como pode efetivamente cuidar deles ela própria, ganhando bastante experiência da qual precisará mais tarde quando tiver seu próprio bebê. E pode aprender, durante os "dias rosados" da mãe, muita coisa sobre sexo e as exigências que lhe serão feitas mais tarde nessa esfera.

O jovem macho tem coisas diferentes para aprender. Existem alguns aspectos da vida comunitária que são basicamente, ainda que não inteiramente, responsabilidades masculinas tais como a patrulha, o afastamento de estranhos, a busca de fontes de alimento distantes e alguns tipos de caça. Ele não tem como ganhar a experiência adequada nessas questões se ficar junto da mãe. Precisa deixá-la e passar tempos com os machos. (Goodal, 1990, p. 129).

Vamos tentar esclarecer mais este tema da diversidade adaptativa: vejamos novamente um exemplo: estar diante de uma situação de ameaça de um predador ou de um assalto exige alguns tipos e níveis de alerta e de controle de medo e agressividade. Nos animais complexos e especialmente nos humanos o perigo exige atividades refreadoras harmonizadamente combinadas as impulsionadoras. Um grande medo pode gerar condutas suficientemente inibidas, não agressivas, que respondam às exigências do agressor. Mas uma reação calma, sem grandes medos também pode levar às mesmas respostas: entregar o dinheiro, o relógio, liberar o ladrão. Isto elucidada a existência de diversas vias de harmonização destinadas a um resultado harmônico. Mas há, sem dúvida, faixas de intensidade dos afetos que atingem níveis desadaptativos: o medo excessivo pode gerar uma reação de paralisia que não responde às exigências do ladrão, calma demais pode produzir ações muito lentas para as expectativas do meliante. O "bom" ou o adaptativo é

compreendido, em cada um dos afetos, como um "meio termo", uma faixa média. Nossos enfoques podem observar a regulação entre dois pólos: mais calma X menos calma, mais medo X menos medo, etc. O enfoque pode ser mais abrangente, envolver vários fatores: calma + atenção + controle sensório-motor + raciocínios, etc.

A idéia do "bom como equilíbrio entre extremos" não é, em absoluto, nova: já estava presente com genial profundidade, por exemplo, em Aristóteles, na sua "Ética a Nicômaco". Apresentamos a noção de que uma função adaptativa como a do medo deve situar-se dentro de uma faixa limite, e se integrar a outras funções complementares, como a ativação de condutas eficientes adequadas à situação, como, no exemplo anterior, não fazer movimentos bruscos, entregar o dinheiro exigido, estar atento ao grau de violência a que se está exposto, etc. Enfim, é preciso haver condições de coordenações conscientes e regulações inconscientes. É necessário que existam alguns sistemas afetivo-emocionais suficientemente harmonizados para lidar com tal ou qual problema. Uma pessoa tendente excessivamente ao pânico não conseguirá, provavelmente, evitar paralisias ou impulsividades desadaptativas. Mas estas reações desadaptativas não são regra, justamente porque estes subsistemas (do medo, da ansiedade, das funções cognitivas para responder às situações de conflito, etc) seguem princípios funcionais auto-reguladores harmonizadores e mutuamente interativos que servem de fato ao objetivo adaptativo. Enfim,

nos protegem a muitos de nós, efetivamente. Em um caso destes fica evidente a atividade conjunta que forma um todo orquestral multifatorial.

Pensemos em outro exemplo: o de sentirmos fome e termos que agir adaptativamente. Somos em geral dotados de um sistema de regulação da intensidade da fome e comemos, em média, quantidades suficientemente compatíveis com as necessidades humanas. Os casos de obesidade e de anorexia são, sem dúvida, extremos que revelam regulações relativamente menos eficientes das funções apetitivas envolvidas, conforme a gravidade do caso. A raridade dos casos de obesidade mórbida evidencia que o organismo do Homo sapiens possui regulações médias eficientes e que ambientes específicos tendem a gerar mais obesidade e anorexia. Nestes temas do apetite alimentar notamos que a harmonia psíquica coordena um certo conjunto de sistemas afetivos e cognitivos para que se mantenham dentro de uma gama variada de limites: ansiedade não muito intensa, atividade física em graus vários de queima de energia, satisfações de prazer de outras ordens que não apenas ou prioritariamente a alimentar e participações da inteligência (compreender causas envolvidas na ingestão de carboidratos e gorduras), assim por diante. O sistema apetitivo alimentar isoladamente possui mecanismos auto-reguladores, mas estes estão integrados em uma totalidade sistêmica complexa que envolve desde a tolerância geral a frustrações até as funções cognitivas menos e mais complexas, como os raciocínios sobre as formas de

conseguir alimento, a apreciação estética do próprio corpo, o que significa saúde, etc.

Da mesma maneira que nos processos que envolvem fome, sede, nojo e saciedade, as oscilações do choro ao riso, da calma à agitação, da dor ao alívio, tudo isto se compõe de fluxos de sistemas orgânicos e significações psíquicas que permitirão a versatilidade adaptada a contextos especiais. A qualidade de harmonia e o processo de harmonização são idéias que se referem ao conjunto ou à totalidade dos subsistemas intrapsíquicos interagindo e se inter-determinando adaptativamente. Obviamente não temos apenas um único ideal harmônico para cada situação, cada indivíduo, muito menos para toda a Humanidade: temos uma pluralidade de possibilidades.

Um tema que ilustra a diversidade e riqueza da harmonia psíquica é a auto-estima. Trata-se de um aspecto psicogenético importante que envolve esquemas harmônicos e desarmônicos. Aquilo que o indivíduo sente e pensa a respeito de si é um elemento chave em sua vida de sentimentos. Uma boa estima a respeito de si mesmo deve se iniciar na relação adaptativa com a figura materna e seguir seu caminho em relações harmônicas com o meio social mais amplo. Neste curso a oferta adequada de estimulações e desafios é um tema relevante. As organizações culturais diversas (nações, governos, escolas, famílias...) possuem grandes variações, que em alguns casos extremos, podem favorecer ou privar indivíduos de uma boa construção da imagem de si e da aquisição de um repertório de capacidades

adaptativas. Iremos adiante (capítulo 8), conceber os estados de harmonia social e os processos de harmonização interpessoal e grupal.

### **5.5 NÍVEIS DE COMPETÊNCIA DOS REPERTÓRIOS HARMONIZADORES**

Atentemos, ainda que brevemente, para alguns aspectos dos níveis de preparo psíquico e do repertório de esquemas adaptativos mais ou menos capazes para lidar com diversas exigências internas e externas. Nível de competência e repertório são parte da concepção de saúde como pluralidade adaptativa dos estados e estágios internos. Uma pessoa pode ter um grande repertório de preparo para situações X ou Y e, por exemplo, fazer pouco uso deles ou ainda ter pouca consciência deste repertório. Um indivíduo pode, então, estar pouco, medianamente ou muito competente psiquicamente para lidar com certas realidades. Se detalharmos esta idéia, veremos que as realidades podem se apresentar como "desafios" de ordem mais predominantemente cognitiva (uma prova de matemática, por exemplo) ou de ordem mais proeminentemente afetiva (cortejar, seduzir, lidar com perdas, separações, etc). Há, portanto, níveis de competência cognitiva e afetiva, conforme a predominância dos subsistemas. Podemos estar cognitivamente preparados e afetivamente despreparados e vice-versa. Nos extremos teríamos despreparos intensos em ambos os níveis, preparos fortes em ambos, etc. Sabemos que um aluno pode estar cognitivamente apto a realizar certas provas de matemática, mas

afetivamente despreparado. Analogamente, ou inversamente, um grande preparo afetivo pode compensar, em certos casos, despreparos cognitivos (como nas situações em que a persuasão retórica ou diversas formas de sedução podem prevalecer sobre os aspectos racionais).

A idéia de harmonia psíquica é bastante genérica e não pretendemos, aqui, dar conta de toda a diversidade que envolve. Mas a Psicologia pode buscar aprofundamentos nesta variedade de estados mentais adaptativos que podem ocorrer e ocorrem grandemente pela ação da regência consciente e pelas influências não conscientes de subsistemas comuns à espécie humana e que variam de forma impressionante entre cada indivíduo. A idéia de uma base orgânica comum e aspectos gerais do psiquismo não exclui as possibilidades de variações inúmeras. Similarmente, uma mesma orquestra e orquestras diferentes com os mesmos instrumentos podem tocar uma gama gigantesca de peças musicais. Assim, uma compreensão de certos traços mais ou menos gerais do Homo sapiens não se opõe às compreensões da existência e do valor de sua individualidade e singularidade.

#### **5.6 AUTONOMIA E HETERONOMIA**

As atividades psíquicas variam em seus níveis de autonomia e heteronomia: em termos cognitivos, por exemplo, qualquer invenção tem um nível forte de autonomia, pois, obviamente, não há "imposição exógena" na estruturação inventiva. Já com um

exemplo de caráter mais afetivo, uma reprimenda a uma criança por um adulto possui um forte nível de heteronomia.

A autonomia é uma categoria que compreende uma variedade de capacidades que vão da dependência à independência: nos níveis afetivos, alguns exemplos ilustradores podem ser os conceitos de "objeto transicional" (Winnicott 1971), a "capacidade de estar só" e "o falso e o verdadeiro self" (Winnicott, 1965). No aspecto moral, temos as evoluções pesquisadas por Piaget: a heteronomia moral (por pura obediência ou admiração irrefletida), a autonomia moral por operações concretas (alguns juízos de reciprocidade) e a moral generalizadora distributiva. A autonomia cognitiva na resolução de um problema matemático, por exemplo, envolve uma categoria de independência diferente.

Segundo Outeiral (1983, p.10), André Green faz uma espécie de "resumo" de temas da obra winnicottiana que, apesar de muito breve e intuitiva (nesta curta citação que apresentamos, expõe temas que nos parecem coordenáveis ao "Construtivismo Integrativo". Green entende que a obra de Winnicott forma:

[...] uma rede, um tecido de fios entrecruzados, distinguindo-se os seguintes fios principais:

[...] 3- a teoria do objeto, enfocada pelas relações entre o objeto subjetivo e o objeto objetivamente percebido, que não combina plenamente com a oposição freudiana entre a representação e a percepção; seu corolário é o 'objeto transicional';

4 - a teoria do self, com a oposição entre 'falso self' e 'self verdadeiro';

5 - a teoria do espaço, pela noção de 'área intermediária', 'espaço potencial' e 'transicional', fonte da sublimação e da experiência cultural, através do 'brincar'[...]

7 - por último, a teoria do desenvolvimento, que introduz a noção de 'ambiente facilitador', e a evolução da dependência à independência.

O que merece ênfase, neste momento, é observar que a Psicologia fala de autonomia e diversos tipos dela, de uma categoria geral que engloba subcategorias muito distintas. Podemos pensar na capacidade de autonomia na solidão como um aspecto do psiquismo, envolvendo independências do apego, capacitações para lidar com a dinâmica medo-coragem, etc). Alguns exemplos de autonomies sensório-motoras podem ser o processo que parte do andar com ajuda do adulto, apoiado em móveis, equilibrar-se sem apoio, correr, etc.

### **5.7 HARMONIZAÇÃO POR SACIAÇÃO**

Da mesma maneira que concebemos o desejo e suas funções apetitivas relacionadas como parte dos esquemas afetivos gerais, podemos concebê-los mais estritamente como esquemas ativos que visam estados de saciedades parcialmente completas. O aspecto provisório da saciação é evidente, pois as necessidades funcionais devem se repetir com freqüências variáveis: no caso do ser humano, por exemplo, a fome deve aflorar diariamente, algumas vezes por dia; a sede, idem, o apetite sexual não possui tipicamente a mesma freqüência de repetição (poucas pessoas e poucas espécies copulam várias vezes por dia, por um ano inteiro). Por isto a saciedade possui uma característica de parciais incompletudes (fomes não inteiramente satisfeitas promovendo a continuação da procura por alimentos, etc) e completudes provisórias (a ingestão de



bastante alimento deve saciar por períodos limitados, embora maiores).

A saciação deve ocorrer por uma regulação harmonizadora de atividades apetitivas, pela diminuição ou extinção provisória do desejo. Os processos saciadores devem compor-se de mecanismos ativos inibitórios, contra-excitatórios, refreadores, esquemas voltados para a extinção mais ou menos momentânea de certa atividade. Assim, os processos inibitórios, por exemplo, podem ser de vários tipos: por saciação ou pura diminuição da atividade, por desvios ou mudanças de função (como interromper um ato sexual em face de uma ameaça, interromper um ato de alimentação pelo afloramento de uma excitação sexual, etc).

Isto nos faz perceber que as mudanças gerais das atividades psíquicas podem ocorrer por regulações internas a um certo esquema de assimilação apetitiva (como na esquemática geral do subsistema sexual que inclui o orgasmo como atividade tendente à extinção da sua atividade. Dentro do subsistema sexual, por exemplo, existe algum mecanismo auto-inativador, um esquema instintivo auto-regulador, no sentido em que dois elementos do sistema interagem e se harmonizam sem a necessidade de interferência de outros subsistemas (por exemplo, ter que pensar "devo parar de copular"; o próprio orgasmo cumpre seu papel contra-excitatório). Salientemos que o mesmo subsistema, o sexual, por exemplo, possui uma faceta de abertura sistêmica, ou seja, é afetável por outros subsistemas

(como o do sentimento de medo, de culpa, da geração de fuga, etc).

Falamos de esquemas auto-inibidores e hetero-inibidores (o conjunto excitação sexual e orgasmo, por exemplo) e hetero-inibidores (como o medo gerado por uma ameaça externa inibindo a excitação sexual). A multifatorialidade das dinâmicas envolvidas revela os vários tipos de abertura que cada subsistema pode possuir: a excitação sexual é afetável por outros subsistemas afetivos (fome, sede, tristeza) e por estruturações cognitivas integradas (o reconhecimento de um sorriso em uma parceira, a lembrança de uma cena de censura, um pensamento auto-censurador, etc). É bastante evidente, além disto, que o sistema psíquico total e seus subsistemas são abertos para a realidade exterior, para o ambiente social e material. Enfim, os sentimentos de desejos, dores e alívios parecem ser expressões psicológicas de atividades apetitivas, aversivas e saciadoras.

Façamos uma breve síntese destes temas em relação à noção de harmonia psíquica: podemos compreender que cada elemento afetivo-emocional tem uma característica reguladora importante na dinâmica geral do sistema e de seus subsistemas. Instintos, emoções e afetos são passíveis de excitação, inibição e saciedade e isto se deve ao fato de que a vida dos organismos exige o suprimento de necessidades diversas e não pode prender-se, a princípio, a compulsões que desviem do caminho das necessidades amplas e variadas. Funções específicas como a

fome, o desejo sexual, o medo ou a raiva precisam ter no próprio organismo algumas formas autônomas de regulação que englobem a pluralidade em pauta. A saciedade possui duas facetas básicas: sua organização fisiológica e sua expressão consciente (sentimentos de alívio, etc). A regulação fisiológica e os processos conscientes fazem parte de uma estruturação sistêmica que tende a harmonização.

A idéia de alívio pode ser entendida como um componente psicológico, subjetivo e consciente do sistema geral de saciedade. No caso humano, por exemplo, o desejo se apresenta como uma sinalização de necessidade de ação em um sentido específico, por exemplo, copular ou se alimentar, sistemas complexos podem levar ao sucesso da ação e o orgasmo, por exemplo, reduz consideravelmente o desejo inicial. Uma vez reduzido o desejo, o indivíduo deixa de estar sob a pressão ativa para realizar aquela ação específica e se abrem possibilidades de realização de outras necessidades, como dormir, comer, etc. Temos, então, uma dinâmica geral de saciedade provisória e, é claro, toda saciedade deve ser temporária porque as ações precisarão sempre retornar no futuro e se intercambiar dinamicamente dentro de padrões que gerem nutrição, reprodução e proteção individual e grupal.

#### **5.8 SINCRONISMO E DIACRONISMO**

Observemos o que Piaget comenta sobre o "sincrônico" e o "diacrônico":

Sob a dupla influência da embriologia, que esclarecia os processos correlativos de diferenciação e de integração, e dos progressos da própria fisiologia na descoberta das interações, opostas às séries causais lineares, e das regulações homeostáticas, chegou-se enfim a conceber o conceito de organização como a noção central da biologia. Noção que é ao mesmo tempo sincrônica, correspondendo à totalidade relacional que caracteriza o organismo acabado, e diacrônica, na medida em que corresponde às sucessões de reequilibrações, que caracterizam todo desenvolvimento, tanto genealógico quanto individual. Esta idéia fundamental, sobre a qual se apóia todo o organicismo contemporâneo, tem seu prolongamento na noção complementar, ao mesmo tempo sincrônica (patamares hierárquicos) e diacrônica (estágios sucessivos), de níveis de organização, conforme se trate de processos bioquímicos submoleculares, da biofísica macromolecular, da célula ou do organismo individual em conjunto [...]. (1967, p. 114-115).

Isto que Piaget denomina "noção complementar, ao mesmo tempo sincrônica e diacrônica" parece poder ter uma terminologia própria para os dois aspectos integrados: o sincro-diacronismo. Compreendemos que as dinâmicas vitais gerais, motivacionais e cognitivas, não se dão pela busca de uma homeostase definitiva ou constante, mas por conquistas provisórias de equilíbrios parciais. A própria complexidade da vida orgânica participa deste dinamismo homeorrésico ou dos fluxos de organizações de atividades de sistemas adaptativos, pois a vida interna e o ambiente externo são "puro dinamismo", atividade, transformação que exige resposta ativa e constante do ser-vivo.

Se as funções vitais dependem de nutrição, reprodução, proteção, etc, nenhuma destas poderia preponderar completamente sobre as outras e as simultaneidades ou consecutividades de atividades para um e outro problema são necessárias. Em outras palavras, o ser vivo precisa ativar funções simultânea e ou consecutivamente e, especialmente, incessantemente. Um organismo unicelular, por exemplo, pode realizar funções de

deslocamento espacial ao mesmo tempo que assimila substâncias do meio. Nos organismos mais complexos as funções vitais passam a se organizar espacial e temporalmente de forma mais complexa: as funções de reprodução sexual em primatas têm momentos e dinâmicas especiais, com certas ritualizações, exibições de força, estabelecimento de hierarquias de dominância, etc, e estas funções alternam-se, por exemplo, com atividades alimentares.

A faceta sincrônica do psiquismo importa para nós porque um sistema com múltiplos subsistemas compreende fatores combináveis em um dado instante (fome e sede simultâneas, somente fome, somente sede, etc). A faceta diacrônica também é imprescindível aos nossos estudos porque a historicidade constitui a psique e se preserva nela por fixações de memória cujos detalhes de constituição e recuperação não poderão ser aprofundados neste trabalho.

Uma imagem fotográfica é um exemplo bastante fácil para compreendermos o que chamamos aspecto sincrônico da realidade. Nela temos o registro de um instante preciso de algo que estava em curso. As imagens filmadas ou cinematográficas são, também, o exemplo facilitador para a compreensão do aspecto diacrônico do real. Se o conhecimento faz estes recortes conceituais, se trata do ângulo sincrônico e de outro ângulo, o diacrônico, não podemos deixar de compreender que a própria realidade é um todo sincro-diacrônico.

Já pela analogia da psique com a música, o sincronismo está para o acorde ou a nota isolada assim como o diacronismo está para a melodia, o tempo e o ritmo, assim como o sincro-diacronismo está para a totalidade da música, assim como a lógica de um esquema cognitivo ou afetivo está para o dinamismo de esquemas ou sua estruturação processual.

A teoria da Gestalt já tornou conhecida a compreensão de que uma composição musical é apreendida por nós como uma totalidade. Sabemos que ao ouvi-la, podemos diferenciar instrumentos, sentimos as oscilações de frequências e timbres, nossa audição se organiza em uma totalidade que está composta por partes. O simultâneo se integra ao sucessivo, o instantâneo se integra ao fluente. Além desta integração temporal, os afetos integram-se a cognições em maiores ou menores níveis de complexidade: diferenciar sonoridades ou saber reconhecer instrumentos, a obra, seu compositor, os contextos estéticos e políticos envolvidos, etc.

As divisões das dinâmicas psíquicas em presente e passado, em instante e história, em sincronia e diacronia, etc, são apenas didáticas relativamente ao real. O decorrer ou o fluir psíquico carrega elementos instantâneos, de elementos presentes ou sincrônicos e elementos cursivos, de cursos temporais prolongados ou de diacronia. Esta divisão racional da realidade pode necessitar de uma denominação que integre as realidades presentes, passadas e futuras: o sincro-diacronismo.

Uma explicação sintética deste capítulo pode ser a seguinte: a harmonia se dá, ao mesmo tempo, pela regulação de subsistemas e do conjunto, o que engloba a intervenção consciente. E neste momento podemos introduzir um novo aspecto: o da regulação psíquica flutuante, que se refere aos processos adaptativos dinâmicos que transitam por subsistemas diferentes. Esta noção do "flutuante" no psiquismo e na consciência não pretende ser aqui mais do que uma sugestão intuitiva para pesquisas futuras, caso importem. Passamos a considerar, mais amplamente, as noções de estruturas psíquicas como totalidade, transformação, auto-regulação sincro-diacrônica orquestral, mais ou menos harmonizadora, registradora, recuperadora, regenciável, flutuante, etc.

## 6 A HISTÓRIA DE VIDA E ALGUNS EXEMPLOS DA PSICOGÊNESE INTEGRAL

Podemos, a partir de algumas considerações adiante, enfatizar a observação do quanto a compreensão integrada de cognição e afeto é rica na obra piagetiana. Neste sentido, vejamos uma explicação bastante cara ao nosso trabalho e que merece abrir este capítulo, no qual tentamos apresentar alguns pontos da psicogênese humana no curso de sua vida:

1. o adualismo inicial. - Os afetos próprios dos dois primeiros estádios (I-II do § I) inscrevem-se num contexto já descrito por J. M. Baldwin sob o nome de "adualismo" no qual ainda não existe, sem dúvida, nenhuma consciência do eu, isto é, nenhuma fronteira entre o mundo interior ou vivido e o conjunto das realidades exteriores. Em seguida, Freud falou em narcisismo, mas sem perceber suficientemente que se tratava de um narcisismo sem Narciso. Anna Freud, posteriormente, precisou esse conceito de "narcisismo primário" no sentido de uma não diferenciação inicial entre o eu e o alheio. Wallon descreve a mesma não diferenciação em termos de simbiose, mas cumpre especificar que, na própria medida em que o eu permanece inconsciente de si mesmo, portanto não diferenciado, toda a afetividade continua centrada no corpo e na ação próprios, pois somente uma dissociação do eu e do alheio, ou do não-eu, permite a descentração afetiva como cognitiva. Eis por que a intenção contida na noção de narcisismo continua válida com a condição de precisar que não se trata de uma centração consciente num eu, aliás, idêntico ao que virá a ser depois de elaborado, mas de uma centração inconsciente por não diferenciação. (Piaget, 1967b, p. 25-26).

É bastante interessante e importante o fato de Piaget ter tratado da vida de sentimentos do bebê, usando uma terminologia análoga à nossa. Devemos dar atenção à expressão "esquemas globais", que não se aprofunda e, por esta razão, recebe nossas denominações de "esquemas integrais" ou "afetivo-cognitivos".

Notemos:

Ora, as pessoas sobre as quais a criança age e que agem sobre ela engendram [...] certos "esquemas" globais. Ao início, isto é, antes da "escolha de objeto" afetiva, os esquemas são mesmo muito pouco diferentes daqueles que se acaba de tratar. As pessoas são simplesmente móveis de ação especialmente imprevisíveis e interessantes e, além disso, dispensadoras de prazeres particulares,



como no momento da refeição, ou de trocas sensório-motoras excepcionalmente divertidas. Desde que o esquema do objeto substancial e permanente é adquirido e, depois, sobretudo no nível da inteligência intuitiva, as pessoas transformam-se em outros "eus", ao mesmo tempo que o próprio "eu" se constitui reciprocamente e torna-se uma pessoa. Então os esquemas relativos às pessoas se enriquecem com sentimentos novos, inter individuais e não mais impessoais, que resultam em parte da projeção e da transferência dos sentimentos até então ligados à atividade e ao corpo propriamente ditos ("narcisismo"), mas constituem também, por uma parte essencial, construções novas. (Piaget, 1945, p. 266-267).

[No bebê] o interesse pelo que é grande, poderoso, misterioso (sem considerar os interesses alimentares e o conforto físico ligados às pessoas dos pais) predomina ainda sobre o social puro, ou - o que dará, talvez, no mesmo? - que as relações interindividuais, fundadas no respeito unilateral e na admiração, prevalecem sobre as relações de cooperação. Nos dois casos, um bebê de dez a doze meses, que elabora todas as espécies de rituais enquanto manipula os objetos, pode ser influenciado, indiretamente, por seus sentimentos em relação ao adulto, mas, nem ele nem o observador poderiam diferenciar essas influências no conjunto de seu universo. Ao contrário, a mesma criança, por volta dos dois anos, sabendo falar ou compreender a linguagem, tomará uma consciência muito acentuada das regras impostas (sentar-se à mesa ou ir para a cama, quando deseja brincar, etc.) [...]. (Piaget, 1932, p. 77).

A psicogênese integral, como a cognitiva, deve ocorrer em etapas que se constroem sucessivamente, sendo que as posteriores preservam certos elementos das anteriores. Pensemos, então, em alguns detalhes destes temas. Podemos supor que até a quarta fase do desenvolvimento cognitivo do período sensório-motor a vivência de apego da criança pela mãe seja a de um afeto indiferenciado (não há a capacidade do bebê em distinguir entre ele próprio e o outro). Podemos chamar este primeiro momento da vida afetiva de um apego subjetivo, seguindo os entendimentos de Piaget sobre o curso objetivador da vida cognitiva. É a impossibilidade de diferenciação cognitiva entre o indivíduo e o outro que torna o próprio afeto subjetivo e indiferenciado. Podemos supor que o bebê sente uma pele quente, agradável, sente prazer no contato e no cuidado recebido, sofre as ausências e nisto está construindo,

juntamente com outras funções, a capacidade futura de diferenciação do que seja ele próprio e a mãe, o pai, as satisfações e frustrações, assim por diante. É somente na quarta fase do desenvolvimento da inteligência sensório-motora que podemos considerar com mais segurança que haja uma organização mínima da vida cognitiva elementarmente objetiva ou objetivadora. Um certo nível de descentração cognitiva das realidades objetais, espaciais, temporais e causais por parte do bebê pode ser considerado como indissociável da evolução dos sistemas de esquemas afetivo-emocionais. Para detalhes sobre esta evolução cognitiva, inclusive para o conhecimento das "fases" de desenvolvimento aqui comentadas, sugerimos a leitura das obras "O Nascimento da Inteligência na Criança" (1936), "A Construção do Real na Criança" (1937) e "A Formação do Símbolo na Criança" (1945).

Nestas concepções, o surgimento da função simbólica marcaria o ápice de um certo nível de objetivação dos conhecimentos sensoriais e motores e de trocas afetivas. A capacidade de representar a mãe e as figuras de apego em sua ausência devem trazer um desafio novo e complexo: lidar com a falta de uma maneira inédita: a figura ausente está fisicamente faltando, mas está presente na mente ou nas imagens criadas internamente. Assim os níveis de harmonização afetiva adquiridos no período sensório-motor devem sofrer desequilíbrios no sentido da necessidade de construção de novos esquemas. Existe um jogo de trocas entre sistemas menos

autônomos e mais dependentes que sofrem estimulações no sentido da construção de sistemas mais "fortes" naquilo que permita ao indivíduo gerir a si-próprio eficazmente. Notemos como Piaget já faz uma "expansão" conceitual de sua linguagem dos esquemas e das assimilações, da cognição para o afeto:

Ora, a experiência, já a cotidiana e sobretudo a psicanalítica, demonstra que os primeiros esquemas pessoais são a seguir generalizados e aplicados a muitos outros personagens. Segundo as primeiras experiências interindividuais do pequeno que começa a falar achem-se ligadas a um pai compreensivo ou autoritário, amoroso ou brutal, etc., a criança será a seguir levada (e mesmo durante a sua vida, se essas relações marcaram toda a sua juventude) a assimilar todos os tipos de outros indivíduos a este esquema paterno. Segundo o tipo de sentimentos que tiver experimentado em relação à mãe, será por outro lado conduzido, às vezes durante toda a vida, a amar de uma certa maneira, porque, aqui ainda, assimila em parte seus amores sucessivos a este primeiro amor que modela os sentimentos profundos e os comportamentos. (Piaget, 1945, p. 267).

No período pré-operatório, toda a vida psíquica deve se aprimorar nos níveis afetivo e cognitivo tendo como instrumentos as imagens mentais, as representações por simbolizações e signos socializados da linguagem verbal, etc. Aumenta gradualmente o círculo de relações, enriquecendo-se o repertório de trocas afetivas e experiências emocionais. As empatias, divertimentos, imaginações, disputas, trocas agressivas, o contar e ouvir histórias, o desenhar, o universo lúdico em geral, tudo são elementos estruturadores na criança. Para detalhes, sugerimos a busca no vasto campo de pesquisas etológicas afins.

A existência representativa do outro não significa, ainda, como se observa, por exemplo, na pesquisa de "O Juízo Moral na Criança" (1932), que a criança seja capaz de conceber operatoricamente o ponto-de-vista do outro. Isto surge apenas no

período operatório-concreto, quando a inteligência torna-se capaz de pensamentos lógicos específicos e indispensáveis a este tipo de consideração afetiva e moral. Tratando destes percursos, abrangendo etapas pré-operatórias até as posteriores, Piaget comenta:

No que se refere, inicialmente, a sentimentos relativos aos ideais, é notável observar até que ponto a criança permanece quase que inteiramente estranha a eles. Uma pesquisa sobre a idéia de pátria e sobre as atitudes sociais ligadas a ela, nos mostrou que a criança é sensível à sua família, aos lugares em que mora, à sua cidade, à sua língua materna, a alguns costumes, etc, mas que permanece surpreendentemente ignorante e espantosamente insensível no que se refere, não talvez à sua qualidade ou à qualidade de seus parentes de serem suíços, franceses, etc, mas à sua pátria enquanto realidade coletiva. Isso é aliás muito natural, pois, se a lógica de 7 a 11 anos se limita a lidar com objetos concretos e manipuláveis, nenhuma operação disponível nesse nível permitirá a elaboração de um ideal que ultrapasse o sensível. Este é apenas um exemplo entre outros: as noções de humanidade, de justiça social (por oposição à justiça interindividual que é profundamente vivida desde o nível concreto), de liberdade de consciência, de coragem cívica e intelectual, etc, são ideais que comoverão profundamente, como a idéia de pátria, a afetividade do adolescente, sem que possam ser compreendidos ou sentidos, a não ser através de alguns reflexos individuais, pela mentalidade da criança.

Em outras palavras, dos sentimentos sociais a criança conhece apenas os afetos interindividuais, pois os sentimentos morais são vividos apenas em função do respeito unilateral (autoridade) ou do respeito mútuo. A esses sentimentos, que evidentemente permanecem no adolescente e no adulto, a partir dos 13-15 anos se acrescentam os sentimentos relativos aos ideais ou às idéias como tais. Evidentemente, um ideal é sempre mais ou menos encarnado numa pessoa e continua a ser um elemento interindividual importante nessa classe de sentimentos novos; mas o problema é saber se a idéia é objeto da afetividade por causa da pessoa, ou a pessoa por causa da idéia. Ora, enquanto a criança nunca sai desse círculo porque seus únicos ideais sensíveis são os ideais encarnados, na adolescência ocorre uma superação, no sentido da independência dos ideais e percebemos, [...] a semelhança entre esse mecanismo afetivo e o pensamento formal. (Piaget, 1955, p. 259).

Ainda abordando elementos de afetividade e cognição na psicogênese, Piaget diz:

Se a adolescência é a idade da integração dos indivíduos em formação no universo social adulto (e esta integração coincide ou não com a puberdade), esta adaptação social decisiva deve exigir, em correlação com o desenvolvimento das operações formais ou proposições que garantem a sua estruturação intelectual, as duas transformações fundamentais exigidas pela socialização afetiva adulta: os sentimentos relativos a idéias, que se acrescentam aos sentimentos entre as pessoas, e a formação de personalidades, caracterizadas pelo papel

social e a escala de valores que se atribuem (e não mais apenas pela coordenação dos intercâmbios que mantém com o meio físico e as outras pessoas). (Ibid., p. 258).

Trazemos apenas algumas poucas passagens que exemplificam a participação cognitiva na vida afetiva e vice-versa. É importante ressaltar que este é um ponto fundamental para a Psicologia, em seus vários ramos. Toda teorização sobre a psique deve aproveitar os ricos e pormenorizados conhecimentos piagetianos da psicogênese cognitiva, desde o nascimento até a vida adolescente e adulta.

## 7 DESARMONIA E PATOLOGIA

### 7.1 AS ASSIMILAÇÕES DEFORMANTES EM GERAL

Neste capítulo, consideremos inicialmente o seguinte: por ter-se dedicado quase que completamente à gênese cognitiva e à Epistemologia da Ciência, Piaget não se aprofundou, obviamente, nos temas afetivos. É freqüente em sua obra o uso da terminologia "assimilação deformante", geralmente tomada em sentido cognitivo. Mas encontramos no próprio Piaget a apresentação da idéia de deformação como algo que não envolve apenas elementos cognitivos. Observemos como ele explica certas deformações de caráter social e afetivo: "Durante os primeiros estágios do pensamento, com efeito, a acomodação permanece tanto na superfície da experiência física quanto na da experiência social." (Piaget, 1937, p. 386).

Com efeito, durante essa mesma fase de acomodação superficial à experiência física e social, observamos uma assimilação contínua do universo não apenas à estrutura impessoal do espírito - que não está exatamente concluída, exceto no plano sensório-motor - mas também, e sobretudo do ponto de vista próprio, à experiência individual e até aos desejos e à afetividade do indivíduo. Considerada sob esse ângulo social, essa assimilação deformante consiste, como vimos (§ 2), em uma espécie de egocentrismo do pensamento tal que este, ainda insubmisso às normas da reciprocidade intelectual e da lógica, busca mais a satisfação do que a verdade e transforma o real em função da afetividade própria. [...] Da mesma forma, no plano social, a coerção da opinião do outro opõe-se ao egocentrismo e vice-versa, ainda que as duas atitudes da imitação dos outros e da assimilação ao eu coexistam sempre e dêem provas das mesmas dificuldades de adaptação à reciprocidade e à cooperação verdadeira. [...] A verdadeira experiência e a construção dedutiva se tornam, assim, ao mesmo tempo distintas e correlatas, ao passo que, no domínio social, o ajustamento cada vez mais íntimo do pensamento próprio ao dos outros e o relacionamento recíproco das perspectivas assegura a possibilidade de uma cooperação que constitui exatamente o meio propício para essa elaboração da razão. [...] Entretanto, procedendo do estado puramente individual que caracteriza a inteligência sensório-motora à cooperação que define o plano sobre o qual o pensamento, doravante, se move, a

criança, depois de ter vencido seu egocentrismo e os outros obstáculos que prejudicam essa cooperação, recebe desta os instrumentos necessários para prolongar a construção racional preparada durante os dois primeiros anos e desdobrá-la em um sistema de relações lógicas e de representações adequadas. (Ibid., p. 389).

Da mesma forma, no plano social, a coerção da opinião do outro opõe-se ao egocentrismo e vice-versa, ainda que as duas atitudes da imitação dos outros e da assimilação ao eu coexistam sempre e dêem provas das mesmas dificuldades de adaptação à reciprocidade e à cooperação verdadeira. [...] A verdadeira experiência e a construção dedutiva se tornam, assim, ao mesmo tempo distintas e correlatas, ao passo que, no domínio social, o ajustamento cada vez mais íntimo do pensamento próprio ao dos outros e o relacionamento recíproco das perspectivas assegura a possibilidade de uma cooperação que constitui exatamente o meio propício para essa elaboração da razão. [...] Entretanto, procedendo do estado puramente individual que caracteriza a inteligência sensório-motora à cooperação que define o plano sobre o qual o pensamento, doravante, se move, a criança, depois de ter vencido seu egocentrismo e os outros obstáculos que prejudicam essa cooperação, recebe desta os instrumentos necessários para prolongar a construção racional preparada durante os dois primeiros anos e desdobrá-la em um sistema de relações lógicas e de representações adequadas. (Ibid., p. 391-392).

Notamos, ainda, que as assimilações deformantes estão em uma relação vinculada a acomodações "superficiais", com características que Piaget esclarece:

A acomodação superficial do início do pensamento e a assimilação deformante do real ao eu são [...] a princípio, ao mesmo tempo indiferenciadas e operam em sentido contrário uma da outra. São indiferenciadas porque a 'experiência imediata' que caracteriza a primeira consiste sempre, em última análise, em considerar o ponto de vista próprio como a expressão do absoluto e em submeter, assim, a aparência das coisas a uma assimilação egocêntrica, da mesma forma que esta caminha, necessariamente, ao par com uma percepção direta que exclui a construção de um sistema racional de relações. (Ibid., p. 390).

A concepção de assimilação deformante é explicada, por exemplo, em "O Nascimento da Inteligência na Criança" (1936) como oposta à assimilação objetiva. Trata-se de um funcionamento desadaptativo por insuficiências do indivíduo na realização adequada de um processo vital. A deformação cognitiva é, portanto, um caso particular entre alguns tipos de assimilação deformante possíveis. Um exemplo imprescindível

para nós é o que Piaget expõe na citação seguinte, quando trata dos processos de "deformação" nas realidades afetivas:

[Apesar de uma acomodação gradativamente mais adequada à realidade, a criança menor] tende [...] sobretudo a utilizar as coisas em vista do exercício orgânico ou da satisfação psicobiológica [...], sempre que o pensamento não experimenta a necessidade efetiva de uma acomodação à realidade, sua tendência natural o impelirá a deformar as coisas em função do desejo e da fantasia, em suma a se satisfazer por meio das coisas. (Piaget, 1932. p. 143).

## **7.2 ASSIMILAÇÕES DEFORMANTES TRAUMÁTICAS**

Um bebê que agite as mãozinhas no vazio, sem segurar em um barbante, para tentar chacoalhar um brinquedo distante, está assimilando a realidade exterior de forma egocentrada, portanto cognitivamente deformante. Obviamente estes casos gerais não necessariamente trazem prejuízos psíquicos. É apenas parte do curso normal do desenvolvimento assimilar deformantemente algumas realidades, enquanto sua estruturação cognitiva não permite assimilações mais objetivas e adaptadas. Mas há casos em que assimilações deformantes podem ter conseqüências mais fortes para o psiquismo. É o que pretendemos sugerir como processos de assimilações traumáticas. Especialmente no caso das assimilações afetivas, interpessoais e morais temos um campo de atividades psicológicas onde as deformações podem produzir danos importantes.

As assimilações afetivo-cognitivas deformantes severas com registro forte podem ser compreendidas como assimilações traumáticas, ou seja, aquelas que produzem maus funcionamentos consideravelmente persistentes e graves de esquemas integrais. Isto ocorre por uma certa fixação de tendências, por repetição



e generalização sem ligações objetivas suficientes com a realidade. Podemos também buscar outras compreensões da noção de trauma: em nossa linguagem seria uma assimilação deformante, geradora de um nível importante de rigidez ou perda de mobilidade estrutural.

Incluiremos aqui, além da distinção das gradações na força dos registros, os *dégradés* nos diferentes níveis de gravidade das deformações: das severas às leves, com intermediários que não podemos precisar neste trabalho. Talvez alguns estudiosos possam sugerir que a terminologia severa e leve seja expressa melhor pela linguagem das grandezas, como as utilizadas em Psiquiatria (depressão maior, menor, etc). Se uma linguagem se mostrar mais adequada que outra, a supressão da "pior" não é uma questão secundária.

As assimilações deformantes podem deformar tanto a realidade imediata quanto as realidades representadas (registradas no passado). Se falamos de deformações na esquemática integral, notamos que estas desadaptações podem aflorar como sentimentos inadequados (raivas, vergonhas, culpas ou ciúmes impróprios). Freqüentemente um afeto desadaptativo pode ser acompanhado por pensamentos também deformantes (um sentimento de raiva em consonância com idéias do tipo "ele é o culpado", quando na realidade não é). Podemos conceber, além disto, deformações afetivo-cognitivas em estruturações formais: idéias violentas como reação à injustiça social, desmotivações

pelo entendimento das estruturas sociais, econômicas e políticas promotoras de misérias e desigualdades.

Podemos supor também a existência de deformação nas recuperações de esquemas que no passado não foram deformados. Em outras palavras, um indivíduo pode ter assimilado algo de forma adaptativa, tempos atrás, e no presente realiza assimilações recuperadoras deformantes. Isto faz supor uma conjuntura presente tendente à deformação.

Um exemplo de uma espécie de registro menos deformante que gera futuras evocações deformadas é a seguinte cena que Piaget narra sobre sua infância:

[...] uma de minhas mais antigas recordações dataria, se fosse verdadeira, de meu segundo ano de idade. Vejo ainda, com efeito, com grande precisão visual, a cena seguinte, na qual acreditei até por volta dos quinze anos. Achava-me sentado num carrinho de bebê, empurrado por uma babá, nos Campos Elísios (perto do Grand-Palais), quando um indivíduo quis me arrebatá-lo. A correia de couro fechada na altura de meus quadris me reteve, enquanto que a babá procurava corajosamente opor-se ao homem (chegando a sofrer algumas escoriações e vejo ainda vagamente sua testa arranhada). Seguiu-se um ajuntamento e um guarda-civil de capinha e bastão branco se aproximou, o que pôs em fuga o indivíduo. Vejo ainda toda a cena e chego a localizá-la perto da estação do metrô. Ora, quando tinha cerca de 16 anos, meus pais receberam de minha antiga babá uma carta anunciando-lhes sua conversão ao Exército da Salvação, seu desejo de confessar os erros antigos e, em particular, restituir o relógio por ela recebido como recompensa dessa história, inteiramente inventada por ela (com escoriações forjadas). Portanto, devo ter ouvido em criança a narrativa dos fatos em que meus pais acreditavam e a projetei no passado sob a forma de uma lembrança visual, que é, portanto uma lembrança de lembrança, mas falsa! (Piaget, 1945, p. 241).

Pensemos em um detalhe destas proposições: nem toda assimilação deformante é traumática, mas toda assimilação traumática é deformante. Nesta perspectiva, deformação é menos grave que trauma, obviamente.

As assimilações deformantes cognitivas simples, as cognitivas graves, as afetivas leves e as severas são tipos

particulares de assimilações desadaptativas. Se uma assimilação cognitiva deformante em grau leve não parece ter conseqüências mais incisivas sobre a gênese da personalidade, as de tipo afetivo, bem ao contrário, são acontecimentos psíquicos que afetam mecanismos gerais de motivação. É indiscutível que quando um bebê age por um esquema mágico-fenomenista, isto não trará prejuízos futuros inevitáveis. O próprio "desenrolar" das construções cognitivas trará as adaptações solucionadoras. Não se trata de um traço patológico em formação. Entretanto, a gênese de esquemas afetivos desadaptativos mostra-se carregada de conseqüências mais importantes.

Como adaptações e desadaptações não são categorias absolutas e mutuamente exclusivas, podemos criar algumas subcategorias relativas aos graus de harmonia e desarmonia dos esquemas: harmonias estáveis, medianamente estáveis, fortemente instáveis - desarmonias leves, medianas e severas. Esta é uma categorização que deve merecer bastante mais pesquisa e detalhamento.

### **7.3 CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS NAS DEFORMAÇÕES**

Para compreendermos mais facilmente as diferenciações que faremos em relação à idéia de assimilação deformante, pensemos no seguinte caso: engolir é assimilar. Se engolirmos um grande espinho de peixe que cause ferimento em nossa garganta, entendemos que isto será uma assimilação lesiva. Mais tarde, ainda com a garganta ferida, tentamos engolir um pedaço de pão

e suas partes crocantes fazem doer o local ferido. Esta última é uma assimilação lesionada. Estes dois momentos também fazem parte da categoria geral das assimilações deformantes das estruturas orgânicas; tanto os passados, causadores; quanto os futuros, conseqüentes.

Imaginemos agora que uma criança faça as seguintes reflexões inexatas: "aquela nuvem é o algodão que brinquei ontem e subiu ao céu". Imaginemos que este pensamento deformador se fixe nas estruturas mentais da criança a ponto de ela repetir, sempre que vê uma nuvem, a explicação: "aquelas nuvens são algodões de crianças que brincavam...". Notemos que estamos abordando dois momentos de deformações mais puramente cognitivas: um primeiro pensamento, que cria uma estrutura e outros, que a repetem. A assimilação criadora de uma deformação pode ser denominada assimilação deformadora. As assimilações posteriores conseqüentes podem ser chamadas assimilações deformadas. As assimilações deformantes podem dizer respeito aos dois casos, portanto "deformador" e "deformado" seriam subcategorias do "deformante".

Agora tratemos mais estritamente de assimilações deformantes por esquemas afetivos: podemos notar que a insuficiência de mecanismos de adaptação ao momento atual pode levar a certas patologias psíquicas. Tomemos como um novo exemplo o caso de um neurótico de guerra, que passa a ter reações emocionais da época de suas batalhas, (medos, tristezas, dores...), mas vivendo em sua cidade natal com a paz

declarada. Reparemos que as experiências traumáticas antigas foram incorporações de uma realidade violenta (houve percepções de morte, ações de matar, sofrimentos pela morte de um amigo, dores por ferimentos em si mesmo, etc). Os próprios traumas originadores envolveram mecanismos de assimilação.

Apresentamos a denominação das assimilações traumatizadoras, aquelas que provocam estruturações afetivas desadaptativas graves e dão origem às repetições futuras. Precisamos diferenciar esses dois tipos de assimilação patológica, a causadora e a conseqüente. As assimilações que são conseqüências de traumas podem ser denominadas, em nossa linguagem, assimilações traumatizadas.

Reparemos como estudos neuropsicológicos terão a contribuir nas pesquisas mais abrangentes da Psicopatologia:

[Em respostas emocionais prolongadas] O fator liberador de ACTH [hormônio adrenocorticotrófico] também promove a liberação de um dos principais ligantes opióides endógenos, a beta-endorfina. Isto pode explicar a analgesia induzida pelo estresse [...] ou pelo estímulo condicionado de medo. (Brandão, 1993, p. 129).

[O] distúrbio do estresse pós-traumático [...] desenvolve-se em geral, em adultos jovens que experimentaram um estresse emocional ou físico bastante intenso no passado, como por exemplo, experiência de combate, catástrofes naturais, agressões, estupro e desastres. Entre as principais características incluem-se reviver os traumas através de sonhos e pensamentos, apatia emocional a outras experiências de vida, depressão e distúrbios cognitivos, como dificuldade de concentração. A gravidade do distúrbio é diretamente proporcional à severidade do estresse vivenciado. (Ibid., p. 148-149).

Não precisaremos nos deter em comentar algumas explicações do psiquismo por "condicionamento", isto exigiria uma dedicação específica que não é nossa meta. Para os objetivos deste momento vamos ressaltar que há estímulos que geram medo e há respostas de medo a certas ambientações. Algumas destas

respostas devem ocorrer por registros inconscientes das realidades deformadoras severas. Em outros casos podemos supor que há níveis maiores de consciência das causações de trauma (ser alvo de agressões brutais, por exemplo), mas a consciência do mecanismo traumatizador endógeno parece inacessível ao indivíduo, quando se traumatiza.

#### **7.4 ASPECTOS HERDADOS, APRENDIDOS E CONSTRUÍDOS NA DESARMONIA**

Pensamos que a atribuição do status de inato ou herdado por genes a patologias psíquicas deve ser um caso particular entre vários casos possíveis. Diversas formas de inadequação ambiental são nocivas à gênese da personalidade, e seria um pouco extravagante negar estes casos. Portanto, a participação dos fatores inatos e ambientais deve ser ponderada na análise da psicopatologia genética.

Um indivíduo mais tendente aos medos (como alertas adaptativos) não sofrerá, necessariamente, patologias se puder viver em ambientes que não exagerem os perigos. Parece-nos uma idéia relevante e merecedora de mais estudo a de que estas variações de susceptibilidades afetivo-emocionais, (especialmente ligadas a ações de fugir X agredir X paralisar-se), devem ser traços de tendências assimiladoras individual e socialmente funcionais e que em condições extremas podem sofrer abalos desorganizadores da harmonia sistêmica mais ampla. Neste sentido, indivíduos de tendência inata mais agressiva (como nos

casos de altos níveis de testosterona) seriam prejudicados se expostos a estimulações ambientais promotoras de mais agressividade.

É interessante comentar que as diferentes realidades sociais como os diferentes países, cidades, bairros e famílias carregam traços que se superpõem complexamente aos fatores herdados pelo DNA. É difícil distinguir, numa certa família de tendências agressivas, quanto há de transmissão cultural ou herdada por genes. Não precisamos descobrir, neste trabalho, detalhes sobre a distinção das causas deste tipo. Basta-nos compreender que há fatores concomitantes e que estes se somam uns aos outros numa rede intrincada. A simples aceitação da existência concomitante dos dois fatores já é um grande avanço para alguns campos da Psicologia que ainda insistem em afirmar exclusivismos nas origens culturais ou naturais de certas realidades psíquicas.

Notemos que um mesmo aspecto inato permite gêneses diferentes, mais harmônicas ou desarmônicas. A deficiência visual precoce, por exemplo, tende a gerar menor atividade sensório-motora nos primeiros meses de vida e exige estimulações adequadas do ambiente. Este elemento inato pode ter conseqüências diversas: harmonizações e desarmonizações (motivacionais e cognitivas). Alguns indivíduos ficam psiquicamente prejudicados por ambientações desfavoráveis, enquanto outros têm um desenvolvimento mais harmonioso. As patologias orgânicas inatas não implicam necessariamente

patologias psíquicas. Estamos abordando, nestes casos, o tema das compensações ambientais, que podem ser mais simples ou mais complexas.

Algo que distingue um esquema adaptativo de um desadaptativo (seja um esquema cognitivo ou afetivo) é que na adaptação temos uma presença mais eficiente de regulações de sistemas assimiladores e acomodadores à realidade presente interna e externa, enfim, uma maior harmonia entre as várias funções biológicas gerais.

#### **7.5 DIFERENTES VIAS DE DESARMONIZAÇÃO**

Devemos compreender, então, que a gênese das deformações afetivas mais severas pode ocorrer por algumas origens diferentes:

1 Por inadequações ambientais relativamente leves, mas bastante freqüentes.

2 Por inadequação ambiental grave, mesmo com menores freqüências de incidência.

3 Por patologias orgânicas inatas em ambientações desarmonizadoras (apoiadoras de desadaptações ou privadoras de dinâmicas adaptativas).

4 Por patologias orgânicas inatas graves, mesmo em ambientações harmonizadoras (apoiadoras de adaptações).

5 Por características orgânicas inatas não patológicas (sensibilidades ou susceptibilidades de tendências - indivíduos



mais medrosos, mais agressivos) em ambientações desarmonizadoras.

6 Por desarmonizações construídas, sem a existência de patologias inatas, sem tendências de susceptibilidades inatas, sem desarmonias ambientais raras nem freqüentes. (notemos que este caso é um pouco difícil de entender e observar, mas logicamente possível e deve, portanto, constar aqui. Parece um caso de patologia por origem desconhecida e deve ser este desconhecimento que traz alguma estranheza). O elemento "indefinível" deste caso não é absoluto; parece relativo à nossa incapacidade científica de determinar certas causações.

Vejamos, por economia, apenas um breve exemplo de uma demonstração experimental e de entendimentos neurológicos de processos psicopatológicos advindos de condições ambientais desfavoráveis:

Úlceras gástricas [...] podem ser produzidas por influência de fatores psicológicos como conflitos, emoções e estresse. Experimentalmente, úlceras psicogênicas podem resultar da exposição de animais de laboratório a paradigmas de conflito. Se o estresse continua, o estágio de resistência é substituído pelo estágio final de "exaustão", quando as secreções corticais da supra-renal caem abaixo do normal, causando ou agravando doenças como o reumatismo e a artrite. Nesta fase ocorre um declínio dramático da resistência do organismo a todas as formas de estresse. (Ibid., p. 135).

Parece supérfluo, para os fins deste estudo, apresentar exemplos de todos os tipos de causas de patologias psíquicas. A existência das formas de causação que apresentamos não é novidade nem muito questionável. Estes casos patogênicos por repetição sistemática de inadequações ambientais, suas ocorrências de menor freqüência, isto não parece questionável nem por behavioristas radicais, pois podem interpretar tudo

como fruto de reforçamentos, etc. Apenas as realidades internas patogênicas seriam duvidosas, para eles, mas dificilmente negadas pela Psicanálise, pela Psicologia do Desenvolvimento e muitas escolas. Algo que resta explorar, e não pretendemos fazê-lo aqui, é avaliar as preponderâncias e interconexões destes processos.

### **7.6 MOBILIDADE E RIGIDEZ**

A repetição ou a conservação nos sistemas vivos é tão vital quanto sua mobilidade e transformabilidade. As assimilações reprodutora e generalizadora dos funcionamentos orgânicos são características normais e essenciais da vida mental. Em termos das assimilações reprodutoras, somente o aumento de sua rigidez é que parece trazer desadaptações. Sobre a passagem ou a "ultrapassagem" da circularidade nos esquematismos sensório-motores secundários, e sobre a rigidez versus a mobilidade esquemática, Piaget diz algo importante: "[...] a inteligência elementar [...] é essencialmente conservadora [...] [voltada para] fazer aquilo a que as reacções circulares a acostumaram." (Piaget, 1936, p. 246).

[...] as relações devidas à coordenação de esquemas «móveis» são realmente construídas pelo sujeito. [...] Não há, pois, [nas etapas de esquematismos circulares] coordenações entre esquemas e as coordenações interiores a cada um dos esquemas são invariáveis e portanto rígidas. O grande avanço que o quarto estágio traz é que os esquemas afirmam-se como «móveis»: coordenam-se entre si, e por isso dissociam-se para se reagruparem de uma nova forma, ficando as relações que implicam, cada uma em si mesma, susceptíveis de serem extraídas das suas totalidades respectivas, para dar lugar a combinações variadas. Ora, estas diversas novidades são solidárias umas com as outras. Tornando-se «móveis», isto é, aptas para coordenações e sínteses novas, os esquemas secundários destacam-se do seu conteúdo habitual para se aplicarem a um número crescente de

objectos: de esquemas particulares com um conteúdo específico ou singular, tornam-se esquemas genéricos com um conteúdo múltiplo.

É neste sentido que a coordenação dos esquemas secundários e, conseqüentemente, as suas dissociações e reagrupamentos dão origem, a um sistema de esquemas «móveis» cujo funcionamento é muito comparável ao dos conceitos ou dos juízos característicos da inteligência verbal ou reflectidora. (Ibid., p. 252-253).

Em relação às classes ou gêneros, é evidente que o «esquema móvel», apesar de todas as diferenças de estrutura que o separam destes seres lógicos, é-lhes funcionalmente análogo. Como eles, o esquema móvel denota sempre um ou mais objectos, por «pertença». Como eles, os esquemas móveis implicam-se uns aos outros graças a ligações variadas que vão da «identificação» pura ao encaixe, ou «inclusão», e aos entrecruzamentos ou «interferências». (Ibid., p. 254).

Se nos casos gerais de harmonia psíquica deve existir uma mobilidade funcional suficiente, podemos entender que algumas perdas nesta mobilidade podem promover funcionamentos mais rígidos, relativamente menos adaptativos. Podemos observar que as patologias psíquicas em geral, por sua tendência de repetição desadaptativa, devem carregar algum traço de rigidez.

O transtorno obsessivo compulsivo, por exemplo, mostra-se com aspectos importantes de rigidez e baixa mobilidade. São casos interessantes de assimilações deformantes rígidas, pouco móveis, revelando características predominantes de assimilação reprodutora de esquemas.

Nos TOC a rigidez de conduta parece ocorrer por uma estruturação ANÁLOGA (não idêntica) às condutas dirigidas pelos esquemas secundários no bebê, ou as condutas para fazer durar um espetáculo interessante. Existe no bebê uma capacidade precoce de repetir atos que deram algum prazer, um exercício de fortalecimento do esquema significativo adquirido. Mas enquanto no bebê as construções subseqüentes trarão uma versatilidade cognitiva e afetiva que permitirá a invenção de novidades

esquemáticas de conduta, pela previsão imediata de uma ação inédita que, ao mesmo tempo é capaz de prever o instante seguinte e experimentar uma solução entre várias possíveis, nos TOC os "esquemas rígidos" (em oposição aos "esquemas móveis") impedem ou dificultam a ultrapassagem da repetição. Outra diferença importante entre as repetições próprias das esquemáticas circulares adaptativas e os TOC é que no primeiro caso o dinamismo motivacional está íntegro, enquanto que, no segundo caso, complexidades motivacionais patológicas parecem presentes.

O exemplo mais conhecido de Piaget sobre a ultrapassagem da circularidade de esquemas secundários é o da remoção de uma almofada que encobre um objeto recém escondido. Superando as dinâmicas repetitivas mais puras dos estágios anteriores, o bebê constrói um esquema inventivo, preditivo e experimental, mesmo que em grau rudimentar se comparado aos estágios seguintes. Mas neste caso dos bebês, existe uma função motivadora e afetiva preservada e ativa assim como estruturas cognitivas que fazem evoluir o psiquismo geral. Os passos da repetição à inovação preditiva e experimental são constantes em todo o desenvolvimento subsequente. E o quadro geral das ações em TOC apresentam uma semelhança aparente significativamente importante em relação às condutas primitivas do desenvolvimento humano, porém carecendo da mobilidade própria da harmonia.

Por outro lado, se os sofrimentos do bebê ou da criança podem carregar elementos de intensidades variáveis, devem possuir, harmonizadamente continências médias suportáveis que dêem à conduta geral uma possibilidade de intercâmbios adaptativos móveis: é óbvio que se após uma fome ou dor intensas, segue-se uma boa mamada ou alívio da dor, a significação destes benefícios deve realizar-se como fator adaptativo de regulação intrapsíquica e interpessoal. A rigidez do bebê ou da criança em significar prioritariamente a realidade como negativa deve dizer respeito a um elemento de patologia ou protopatologia que merece ser cuidado.

Mas observemos como o próprio Piaget mostra relações importantes entre sua linguagem científica dos "esquemas" e a compreensão de certos mecanismos psicodinâmicos, como a "repressão":

A repressão, constituindo [...] um efeito da inter-regulação dos esquemas de assimilação afetiva, não levanta, do ponto de vista do simbolismo, um problema especial e reforça simplesmente essas raízes gerais de inconsciência nos casos particulares em que intervém. (Piaget, 1945, p. 264).

Nos casos mais freqüentes de autopunição, o esquema inibidor ou repressivo é o do "superego"; ora, suas raízes assimiladoras escapam à reflexão do sujeito tão naturalmente quanto as raízes, antigas ou esquecidas, das noções de causa, de lei física, etc [...]. (Ibid., p. 264).

[...] a repressão de um esquema afetivo por outro é, portanto, a própria condição da organização de conjunto dos esquemas." (Ibid., p. 269).

Nesta linguagem podemos tratar de esquemas repressores (um processo ativo de exclusão ou encapsulamento de um esquema) e esquemas reprimidos (registrados, mas encapsulados e com dificuldades de evocação). Um esquema recalçado, reprimido ou encapsulado pode promover repetições de traços de sua estrutura

sem consciência evocativa da realidade originária. Por outro lado, pode ocorrer com evocação consciente da cena repressora barreiras parciais em sua evocação, ou seja, por lembranças de menores aspectos da cena. O esquema reprimido guarda, em maior ou menor grau, aspectos estruturais de sua gênese inicial e suas gêneses repetitivas. Eles podem sofrer, além disto, construções posteriores de caráter deformante ou adaptativo, o que tende a promover rumos desarmonizadores ou harmonizadores.

Os termos rigidez e enrijecimento compõem um par de noções que merecem algum detalhamento. A imagem mais freqüente de "rigidez" é a das coisas mecânicas: materiais rígidos, mecanismos rígidos, uma junta rígida, etc. Mas a rigidez orgânica, portanto a psíquica, é uma rigidez sistêmica diferente da de tipo puramente mecânico. Talvez seja um pouco menos claro que esta rigidez orgânica refere-se a sistemas ativos e dinâmicos. Uma planta que, por patologia, não responda ao fototropismo, possui uma rigidez fisiológica que resulta em disfunções visualmente observáveis, como crescer apenas verticalmente em direção a barreiras desadaptativas, em vez de inclinar-se rumo à luz, etc. A rigidez psíquica não é necessariamente um quadro estático: oscila, sofre aumentos e diminuições, torna-se mais e menos móvel, conforme as condições internas e externas, etc. O termo enrijecimento traz ao pensamento algumas imagens menos estáticas, pois fala do ato ou efeito de enrijecer. Mas toda rigidez biológica é originada e

composta por atividades; o que é rígido organicamente envolve um enrijecimento; o enrijecimento produz rigidez.

É importante assinalar, mesmo que brevemente, que os enrijecimentos psíquicos podem comportar graus diversos de patologia, o que é um pouco óbvio, mas podem comportar aspectos adaptativos complementares, como casos de proteções sistêmicas úteis. Podemos sugerir pesquisas futuras que busquem investigar analogias entre a concepção de proteção biopsíquica menos ou mais adaptativa e, por exemplo, os mecanismos de defesa tratados pela Psicanálise.

#### **7.7 ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE PATOLOGIA E TRATAMENTO, DESARMONIA E HARMONIZAÇÃO**

A constatação de uma realidade psíquica que repete padrões antigos e originalmente aplicáveis a uma pessoa específica é correta. No caso da transferência psicanalítica temos um conceito que é consistentemente apoiado e confirmado pela observação e que se beneficia com alguns detalhamentos do seu modo de funcionar.

O primeiro destes detalhamentos refere-se ao fato de que na transferência há, organicamente e psiquicamente, um sistema dinâmico que se repete menos ou mais indiscriminadamente. Neste processo repetidor temos que uma significação específica, por exemplo, o pensar-se e sentir-se rejeitado pelo analista entra em funcionamento em uma situação desadaptativa. Ela é desadaptativa no sentido em que o analista não lhe rejeita. Por

outro lado é adaptativa, pois seus benefícios terapêuticos promovem uma adaptação na relação com o terapeuta, e se generaliza para outras relações. Alguém com estruturas afetivas predispostas ao medo sentirá medos em terapia; um ansioso, ansiedade; um paranóico, idéias e sentimentos de perseguição, etc. A pessoa transfere e repete, em primeiro lugar porque o sistema psíquico é eficazmente organizado para reproduzir esquemas os mais variados. Notamos, portanto, que a transferência possui mecanismos de assimilação reprodutora.

Em segundo lugar, o cérebro é organizado também, não apenas para repetir o esquema diante da mesma realidade, digamos, amedrontar-se diante de um pai violento, mas para generalizar as realidades psíquicas em outras situações diferentes. A própria vida biológica exige que as funções se expandam para outras realidades: na função agressiva é preciso identificar realidades ameaçadoras em geral; a função alimentar necessita, conforme a evolução das espécies avança, generalizar os processos de captura de presas, coleta de frutos variados, etc. As organizações motivacionais, entre elas, a transferência, possuem também a característica de uma assimilação generalizadora.

Em terceiro lugar, algumas generalizações destes esquemas possuem mecanismos de reconhecimento de elementos exteriores necessários a ações adaptadas: reconhecer aromas, sabores, expressões faciais agressivas, vocalizações de ameaça, armas de ataque, etc. Isto se refere ao aspecto adaptativo das



assimilações cognitivas. Observemos que a experiência de rejeição, em nosso exemplo de transferência, pode ou não possuir algum mecanismo de reconhecimento que desencadeie a repetição: um tom de voz do analista que seja semelhante ao do pai, o conteúdo de uma fala do terapeuta que remeta a cenas traumáticas, mas fica evidente que esta recongnição é apenas parcialmente adaptativa. Em termos da esquemática cognitiva, não há grandes desadaptações; em termos afetivos, ao contrário, não há adaptação inerente ao próprio mecanismo transferencial. A utilidade terapêutica em questão só existe através de processos que o paciente desconhece e só reconhece posteriormente. Ele pode dar-se conta: "você, meu terapeuta, está me ajudando; não me rejeita, como eu pensava". Esta pode ser uma construção nova, inexistente na esquemática anterior.

Se estamos tratando de aspectos mais ou menos patológicos, podemos acrescentar um quarto elemento conceitual construtivista: em termos biológicos, tratamos de assimilações insuficientemente adaptadas ao contexto presente. Em uma extensão conceitual da teoria piagetiana, uma assimilação deformante. Se os esquemas cognitivos podem permitir assimilações cognitivamente deformantes, os esquemas afetivos permitirão a ação de assimilações deformantes dos afetos.

Reunindo os quatro aspectos que apresentamos, podemos utilizar a seguinte linguagem: algumas desadaptações psíquicas funcionam por assimilação reprodutora, generalizadora,

parcialmente recongnitiva e deformante de um esquema afetivo-cognitivo.

Piaget disse:

Insistamos principalmente sobre o fato de que Freud apresentou essencialmente uma técnica nova e que mesmo se suas concepções teóricas exijam hoje uma atualização geral, aquela técnica continuará e constitui verdadeiramente o único método sistemático que até aqui possuímos para a exploração dos esquemas "inconscientes". (Ibid., p. 234).

O conhecimento dos processos harmonizadores endógenos, das relações harmonizadoras e das técnicas para enriquecer os repertórios saudáveis nos indivíduos e grupos é um passo importante na teoria e prática da Psicologia. Uma vez que um sistema afetivo se estruture de forma assimiladora deformante forte e rígida, é preciso um tipo de intervenção especial. Pensemos em um caso simples: se alguém está deprimido, está em relativa desarmonia psíquica. Se se recupera da depressão, se está em "ascensão motivacional", por exemplo, está no curso da harmonização psíquica. Alguns conseguem isto por si sós, outros se beneficiam por intervenções psicoterapêuticas e farmacológicas.

A reconstrução de creodos ou caminhos psicogenéticos no caso de patologias ou desarmonias severas é uma abordagem promissora e com uma base teórica sólida, como nas concepções de Zélia Ramozzi-Chiarottino, por exemplo nas seguintes considerações:

Assim como a forma da neurose segundo Freud dependerá da fase da evolução da libido, a psicose dependeria da seqüência em que as funções cognitivas foram construídas. A criança normal, segundo o modelo de Piaget, faz a construção do real (noções de espaço, tempo e causalidade) paralelamente à construção endógena do funcionamento cerebral (ou funcionamento das estruturas mentais) até dois anos, em média, quando então adquirirá a função semiótica ou capacidade de

distinguir o significado do significante através de imagens mentais. A organização dessas imagens se dará graças à construção do real e à capacidade de raciocinar de acordo com uma determinada lógica. A criança cujo comportamento evoluirá em direção ao comportamento "borderline", então, segundo nossa hipótese seria aquela que muito precocemente construiu as estruturas mentais (orgânicas) e adquiriu a capacidade de construir imagens (graças à função semiótica) também muito precocemente e antes da construção do real, quebrando assim a seqüência natural do creodó segundo o modelo de Piaget, sendo essa inversão do creodó uma das causas do distúrbio severo da conduta. (correspondência eletrônica enviada pela referida autora da idéia, 2009).

Quando compreendemos que esquemas podem ser mais rígidos ou mais móveis, concluimos que as realidades psíquicas internas e as ambientações externas podem ser promotoras de mais rigidez ou de mais mobilidade. A idéia de terapia psíquica adquire, assim, uma concepção particular sobre uma de suas funções centrais: mobilizar (no sentido de tornar móvel) esquemas que sejam patologicamente rígidos. Neste ponto não podemos escapar do retorno à afirmação de que os esquemas psíquicos integrais compõem-se de esquemas afetivos coordenados a esquemas cognitivos: um esquema rígido, em níveis patológicos, pode envolver traços de um tipo de rigidez cognitiva e outras estruturas de rigidez afetiva. No caso, por exemplo, de alguém que tenha uma patológica "idealização" de si-mesma, estará "organizada" por esquemas que envolvem um "pensar sobre si como 'perfeito', ao mesmo tempo que certos sentimentos auto-satisfatórios surgem repetitiva, intensa e rigidamente.

Nestes casos, quando pensamos em estratégias clínicas terapêuticas, podemos notar que certas metáforas ditas pelo terapeuta têm utilidades várias. O terapeuta Peres (2008, expressão oral) contou-nos que em um caso oposto, apresentou ao paciente a metáfora do "patinho feio". O paciente, segundo o

relato do terapeuta, aproveitou muito adaptativamente esta metáfora, observando na sua vida real, a esquemática essencial do "patinho feio": possuir baixa auto-estima, viver em um grupo agressor e humilhador, escapar deste ambiente e se descobrir "cisne", possuidor de virtudes, não apenas de "feiúras", viver com pessoas menos agressivas, etc. Este paciente declarou que a metáfora passara a ter grande valor terapêutico, por facilitar a identificação destas dinâmicas internas na vida real, após a sessão em que ela foi primeiro apresentada. Tratamos, novamente, de assimilações reprodutoras, generalizadoras e recognitivas. A apreensão da metáfora pelo paciente parece ter significado a construção de uma simbologia análoga à esquemática rígida interna. A fábula apresenta-se como uma esquemática terapêutica, mobilizadora, que, quando bem compreendida e com afetos importantes, pode também se repetir e generalizar em situações futuras, muitas vezes iniciando-se pelo reconhecimento dos traços comuns entre a fábula e o acontecimento presente.

Nesta abordagem consideramos, portanto, que deve haver nas técnicas terapêuticas clínicas, por exemplo, atividades que visem construir esquemas afetivo-cognitivos harmônicos, por estruturações de sistemas adaptativos e desestruturações de sistemas desadaptativos.

Paralelamente à "desconstrução" de esquemas traumáticos é indispensável que se criem estratégias terapêuticas de construção gradual de condutas adaptadas, pela consideração de

quais são os esquemas "saudáveis" já presentes nos indivíduos e nos grupos, mas ainda insuficientemente participativos da vida em geral, fortalecer estes aspectos de conduta assimiladora adaptativa e, a partir deles, oferecer formas de criação de repertórios de novos esquemas de caráter afetivo-emocional, que darão sustento à sua permanência mais prolongada. As desconstruções e construções afetivo-cognitivas devem atingir primeiramente os estados psíquicos imediatos (por exemplo, um insight ou einsicht em terapia transforma a experiência daquele momento). A frequência e a eficácia das harmonizações em terapia é que permitirão seu prolongamento, sua repetição e generalização em situações extra-consultório. Podemos considerar que estes processos atingem inicialmente os estados emocionais de curto prazo (emoções do tipo risos, choros, medos, culpas, sensações de liberdade, etc) e somente a posteriori é que as estruturas do sistema psíquico em sua totalidade se transformam mais estavelmente, harmonizando as tendências de personalidade. Esta observação da temporalidade dos processos psíquicos faz compreender que as técnicas terapêuticas de curto prazo (dessensibilizações progressivas, terapias breves, terapias focais, etc) podem complementar-se a necessidades de tratamentos mais prolongados.

Se nos seres humanos existem, conjuntamente, esquemas saudáveis ou adaptativos e esquemas patológicos ou desadaptativos, entendemos que as dinâmicas terapêuticas devem considerar estes dois aspectos. A conquista da saúde psíquica é

uma construção de novos esquemas, pelo aproveitamento de estruturas saudáveis já construídas, pela ocorrência de transformações, inserções de "novidades" esquemáticas, pela estabilização que esta esquemática adaptativa adquire por sua repetição no tempo e generalização nas diversas ocasiões a que nos expomos. A "conquista" da saúde se dá, em muitos casos, por construções adaptativas e desconstruções de esquemas patogênicos, paralela e solidariamente.

Um processo harmonizador pode comportar elaborações simbólicas das significações pessoais, dos perfis afetivos já constituídos e dos que estão em criação. As disposições de mais longo prazo da personalidade não são fixadas apenas por traços afetivo-emocionais, mas têm a participação importante dos pensamentos que o indivíduo tem a respeito de si-mesmo, das pessoas com quem se relaciona e do meio social geral. A cognição, além de consolidar certos aspectos gerais da personalidade, pode oferecer instrumentos de transformação destes quadros ou esquemas integrais relativamente estáveis.

## 8 CONSTRUTIVISMO E SOCIEDADE

### 8.1 ESQUEMÁTICAS INSTINTIVAS E AFETIVO-COGNITIVAS NAS TROCAS SOCIAIS

Nos capítulos anteriores estudamos alguns aspectos das relações sistêmicas intrapsíquicas, como as características harmônicas e desarmônicas em interações endógenas. Neste capítulo, abordaremos brevemente alguns aspectos das relações sociais do ser humano, o que nos levará a considerar harmonias e desarmonias inter-individuais, coletivas, suas esquemáticas, etc. Vejamos, como introdução deste capítulo, uma interessante idéia de Piaget:

[...] considerando apenas nossas sociedades de crianças, percebemos que a cooperação constitui, em definitivo, o fenômeno social mais profundo, o mais bem fundado psicologicamente: desde que o indivíduo escapa à coação da idade, tende para a cooperação, como a forma normal do equilíbrio social. (Piaget, 1932, p. 91).

Notemos que este "equilíbrio social" envolve processos endógenos (esquemáticas individuais) e relações interpessoais (dinâmicas entre esquemas de diferentes indivíduos). Uma primeira distinção que devemos fazer é entre esquemas de conteúdo social (penso isto ou aquilo das sociedades, etc) e esquemas propriamente sociais, na medida em que estão menos ou mais disseminados em uma certa coletividade. Entendemos que não há vida psíquica isolada de um ambiente exterior, social e material. As dinâmicas intrapsíquicas interferem no meio exterior e sofrem influência dele, formando, assim, uma outra

realidade integrada: a das relações interpessoais e grupais. Nestas relações entre indivíduos é claro que também temos aspectos afetivos e cognitivos, interações que, em momentos diversos, podem ser mais predominantemente afetivas, (como em relações amorosas) ou cognitivas (como em uma aula de Matemática). Mas como estas prevalências não significam exclusivismos, também podemos considerar as relações entre indivíduos como trocas integrais ou afetivo-cognitivas.

## **8.2 OS ESQUEMATISMOS E OS SENTIMENTOS INTERPESSOAIS E SOCIAIS**

As emoções e os afetos possuem elementos orgânicos de valor adaptativo a nível individual e grupal. Existe um conjunto de afetos que podemos considerar mais explicitamente auto-comunicativos, como já vimos no caso da fome, da dor, etc. Mas em espécies sociais complexas, especialmente no ser humano, podemos observar uma outra classe de sentimentos que denominamos afetos sociais. Não pretendemos definir quais sejam todos estes afetos, mas sugerimos alguns, bastante típicos e claros: o medo de agressores, a agressividade nas relações hierárquicas e na proteção de filhos, filhotes, parceiros sexuais, membros da comunidade e o apego envolvido no cuidado destes indivíduos. No ser humano podemos observar expressões de afetos sociais complexos, como algumas formas de empatia, compaixão, comoção, sentimentos morais, de generosidade, políticos, etc.



Nas relações inter-individuais também devemos considerar os fatores orgânicos gerais e variáveis da nossa espécie, como as dinâmicas de auto-inibição, auto-excitação, hetero-inibição (ser inibido por outro indivíduo, em alguma função, como a agressividade, o apetite sexual, etc) e hetero-excitação (ser excitado por outro indivíduo), tudo isto como regulações endógenas e exógenas presentes nas trocas interpessoais e grupais.

Vejamos idéias de Piaget utilizando a linguagem dos esquemas, referindo-se a sentimentos relativos a outras pessoas:

Imaginemos, por exemplo, uma tendência agressiva, tal como a que se manifesta contra o pai, [nas brincadeiras] e nos sonhos do §1: é evidente que, ao mesmo tempo em que pode reaparecer periodicamente, uma tal "pulsão" (que alterna na consciência com os sentimentos inversos de ternura e ligação) [...]. O que se conserva - pelo menos, pode-se disso fazer a hipótese tão legitimamente como a da conservação dos sentimentos como tais - são os modos de ação e reação, os esquemas de condutas, e, conseqüentemente, certas relações permanentes entre as relações do pai e as da criança: são essas relações que podem então engendrar de novo, periodicamente, a agressividade ou o amor. (Piaget, 1945 p. 239).

Quando Piaget fala de "esquemas pessoais", poderíamos diferenciar e denominar, por nossa parte, "esquemas de conteúdo interpessoal". É bastante interessante que Piaget tenha usado a expressão "esquema paterno", tratando de uma generalização de esquemas pessoais afetivos.

Os sentimentos interpessoais e sociais podem exercer sua influência isolada ou conjuntamente: o sofrimento empático e a comoção, por exemplo, podem afetar as pessoas de maneira mais pura ou em conjunção com a raiva, a indignação, o medo, a culpa, etc. Um pequeno e inicial conjunto de aspectos afetivo-

cognitivos pode ser apresentado aqui apenas como exemplos gerais entre aqueles que participam em graus diversos das realidades sociais humanas, tanto nos níveis harmônicos quanto desarmônicos:

Empatia, compaixão, humildade, amor, consolação, altruísmo, companheirismo, gratidão, afetos cooperativos, motivações transformadoras das realidades sociais e políticas, etc.

Saudades, culpa, vergonha, mágoa, etc.

Agressão, ciúmes, inveja, ódio, ingratidão, vingança, manipulação, coerção, humilhação, desejo persistente de aprovação social, ganância, etc.

### **8.3 AÇÕES, ESQUEMAS E SENTIMENTOS SOCIAIS COOPERATIVOS E MORAIS**

A função geral de proteção ou as ações que visam fortalecer as condições de sobrevivência de muitas espécies crescem consideravelmente quando uma "equipe" ou um sistema social cooperativo atua em lugar de ações puramente individualistas. Um animal ferido, por exemplo, quando dispõe destes mecanismos sociais de proteção, terá mais chance de se recuperar se seus pares afastarem possíveis predadores.

A moralidade humana pode ser pensada como uma categoria bastante sofisticada de processos cooperativos e os nossos aspectos "imorais" como atividades mais ou menos desarmônicas. Nestes termos morais, quando um indivíduo "age bem" ou "age

mal", também temos que considerar, que em sua vida psíquica ocorrem os processos coordenados e integrados das organizações afetivas e cognitivas. Em termos mais simples ou mais cotidianos poderíamos dizer que todos nós, quando fazemos algo bom ou mau, pensamos coisas e sentimos coisas.

É preciso notar [...] que os esquemas afetivos não atingem precisamente o grau de generalização e de abstração dos esquemas lógicos, salvo no caso exclusivo em que se encontram regulados por operações reversíveis de reciprocidade, etc., isto é, em que eles se tornam, por isso mesmo, esquemas morais. E, ainda aí, não se trata então daquela simples submissão inconsciente ao "superego", mas antes de um sistema normativo autônomo, paralelo aos sistemas racionais. No nível dos sentimentos espontâneos e não-regulados, pelo contrário, os esquemas afetivos só poderiam corresponder aos esquemas intelectuais de ordem intuitiva, ou seja, eles não atingem, portanto, a generalização e a abstração lógicas (ou morais). (Ibid., p. 272-273).

(\*) Algumas pesquisas teóricas mais detalhadas sobre a Etologia da moralidade foram feitas pelo autor desta tese e estamos trabalhando para que sejam publicadas em breve. Sugerimos Bohem (1999), Eibl-Eibesfeldt (1970), Hoffmann, (1981), Killen, De Waal (2000) e Ridley (1996).

O estudo da moralidade envolve, portanto, a consideração de que o psiquismo se organiza por relações de subsistemas mais ou menos interdependentes, pela influência de classes de sentimentos e relações cognitivas, intrapsiquicamente e intersubjetivamente. Estamos tentando abranger, assim, um construtivismo afetivo-cognitivo, individual e social em vários níveis do psiquismo: quem sofre influência psíquica e moral não o faz passivamente. O sujeito moral humano é um sujeito ativo, participativo, menos ou mais criador de moralidade, menos ou mais autônomo, menos ou mais egocêntrico em suas concepções, enfim, construtivo. O próprio grupo humano, em sua totalidade,

deve ser visto como um conjunto ativo de criação moral e ética, com toda a diversidade e variabilidade que compõem as diferentes culturas humanas e pessoais.

Podemos sugerir alguns sentimentos envolvidos nas realidades morais, desde os mais primários, como a tristeza, a raiva, o desejo egocêntrico, até os mais complexos, como o sentimento de justiça, de injustiça, da indignação política, do desejo utópico e a experiência ética integral. Resumidamente, uma experiência ética parece implicar a presença de uma esquemática integral particular: certos esquemas cognitivos especiais coordenados a certos outros esquemas afetivos específicos.

Algumas espécies sociais complexas possuem elementos culturalmente transmitidos que se apóiam em sistemas orgânicos que os permitem aflorar e repetir-se nas próximas gerações. A realidade moral possui elementos construídos individualmente e elementos universais da espécie humana, como os sistemas cerebrais que favorecem ou desfavorecem as relações harmônicas. O bem-querer, a comoção, a alegria, a tristeza, as paixões em geral (como brilhantemente mostrou Aristóteles em sua "Ética a Nicômaco") participam dos processos morais. Há em nós, traços morais culturais transmitidos de geração a geração, tendências afetivas variáveis e formas de cognição mais ou menos disseminadas ou peculiares.

#### 8.4 EMPATIA, COMOÇÃO, COMPAIXÃO E GENEROSIDADE

Pensemos em alguns sentimentos específicos, de uma categoria de afetos que parecem intimamente ligados uns aos outros e que podem sofrer algum tipo de desenvolvimento construtivo sofisticado na espécie humana. Atentemos a uma série de observações e análises de Piaget sobre os sentimentos presentes no processo de construção da moralidade: "[...] a resposta dada [...] [por uma criança] era ditada pelos sentimentos mais ou menos profundos que o jogo nelas provoca." (Piaget, 1932, p. 64).

Os desajeitamentos da criança desempenham, de fato, um papel importante, se bem que perfeitamente desproporcionado de direito, nos conflitos com o ambiente adulto. A cada instante, a criança provoca a cólera dos seus parentes por ter quebrado, manchado ou danificado algum objeto; cólera injustificada, na maioria das vezes, mas à qual a criança é levada naturalmente a atribuir uma significação. Outras vezes, o desajeitamento é, mais ou menos, a consequência de negligências ou de desobediência, e aí, então, a criança mistura aos sentimentos experimentados alguma idéia mística de justiça imanente. (Ibid., p. 106-107).

[Pode haver facilitação da transmissão da noção de intenção se os pais põem] acima de tudo a simpatia mútua." (Ibid., p. 120).

[...] já aos oito anos, uma boa metade das meninas interrogadas mudaram de opinião e declararam que a regra nova vale como a regra antiga, com a condição de ser prática e, principalmente, reunir as adesões. É nesse ponto que as meninas nos pareceram ligeiramente diferentes dos meninos, por serem mais tolerantes e mais facilmente satisfeitas com as inovações. (Ibid., p. 71).

[...] após uma fase mais ou menos curta de submissão no decorrer da qual [a criança] aceita todos os veredictos, mesmo injustos, sentirá a injustiça. Tais situações podem levar à revolta. Se a criança, ao contrário, encontra com os irmãos ou irmãs ou com seus amigos de brinquedo uma sociedade que desenvolve sua necessidade de cooperação e de simpatia mútua, criará em si uma moral de um novo tipo, moral da reciprocidade e não da obediência. (Ibid., p. 121).

A noção do bem, que aparece em geral, e em particular na criança, ulterior à noção do puro dever, constitui talvez a última tomada de consciência do que é a condição primeira da vida moral: a necessidade de afeição recíproca. (Ibid., p. 154).

Eibesfeldt, por sua vez, fala bastante aberta, e livremente de tendências inatas para a cooperação:

[...] as tendências para a cooperação e para a assistência mútua são inatas, assim como muitos dos tipos específicos de comportamento que conduzem ao estabelecimento de contactos de carácter pacífico. (Eibl-Eibesfeldt, 1970. p. 27?).

Mas também Piaget revelou compreender que alguns aspectos da construção moral têm a participação do que ele denomina "algumas raízes instintivas": [...] acreditamos que, embora mergulhando algumas de suas raízes [as da moral heterônoma] nas reações instintivas da criança, seja, antes de tudo, moldado pela coação moral do adulto".(Piaget, 1932, p. 198).

As funções instintivas afetivas do cuidado são bastante presentes em diversas espécies, assim como as funções de alimentação, reprodução, etc. O carinho, a comoção, a empatia e as ações decorrentes destes afetos são notáveis já em crianças bastante pequenas. Isto pode ser compreendido como possuindo uma origem parcial em sistemas afetivos inatamente estruturados e passíveis de transformações e variações psicogenéticas cognitivamente construídas. Os sistemas afetivos envolvidos no cuidar dos amiguinhos, dos bonecos, etc, devem originar-se parcialmente em sistemas inatos, como a capacidade de comover e ser comovido, alegrar e ser alegrado, etc. E vejamos como Piaget apresenta uma concepção afim: "[...] é verossímil que há algo muito primitivo na relação de reciprocidade, e encontramos germes de igualitarismo desde as primeiras relações das crianças entre si." (Ibid., p. 245).

[...] parece-nos evidente que tais sentimentos [de dever e de culpa] se constituem na criança antes da consciência clara da intenção moral [...]. (Ibid., p. 156).

Há uma afeição mútua espontânea que impele a criança, desde o princípio, a atos de generosidade e mesmo de sacrifício, as demonstrações comoventes que não estão absolutamente prescritas. Aí está, sem dúvida nenhuma, o ponto de partida daquela moral do bem que veremos desenvolver-se à margem daquela do dever e que triunfará completamente em alguns indivíduos. O bem é um produto da cooperação. (Ibid., p. 171).

[Em algumas circunstâncias específicas de relações entre crianças] estabelece-se no interior do grupo uma solidariedade bem superior àquela que havia antes, porque, à solidariedade natural e simplesmente dada, se acrescenta uma solidariedade querida e aceita por todos. (Ibid., p. 205-206).

Vera Bussab (2004) tem estudos importantes sobre estes temas: sua pesquisa revela que bebês são capazes de ações de consideração afetiva pelo outro, muito mais precocemente do que a literatura científica observava. Além disto, vejamos como ela elucida o a compreensão da empatia:

A empatia é geralmente concebida como um fenômeno que propicia ao sujeito 'colocar-se no lugar do outro' ou 'sentir o que o outro sente, na perspectiva do outro', ou então, é apresentada como 'uma resposta de uma pessoa ao estado afetivo de outra' (cf. por exemplo, Bastos & Carvalho, 1992, p. 114). A empatia não é um comportamento observável 'per se', e sim um estado inferido a partir de evidências indiretas, tais como a orientação de um comportamento para um objetivo, suas conseqüências, a consistência de certas relações estabelecidas em um certo intervalo de tempo e a natureza das reações dos parceiros ao comportamento do outro (Pedrosa, 1996).

É quando se desloca o foco do aspecto cognitivo para o aspecto afetivo-emocional que o fenômeno da empatia passa a fazer sentido e tornar-se reconhecível na criança pequena. Plutchik (1990) supõe que as emoções são mecanismos comunicativos que todos os organismos usam no esforço de sobrevivência; a empatia seria, segundo ele, 'um tipo de processo de indução pelo qual emoções, positivas e negativas, são compartilhadas e através do qual aumenta a chance de ocorrerem comportamentos similares nos participantes. Assim dois indivíduos podem compartilhar sentimentos de medo, de afeição ou de hostilidade' (p. 43). Pode-se conceber a empatia como um componente de sinalização ou comunicação afetiva, acionado por uma diversidade de displays observados em várias espécies animais. 'A essência da resposta empática é a comunicação de um estado emocional de um organismo para o outro' (Plutchik, 1990, p. 40).

Animais de várias espécies, assim como seres humanos, exibem muitos tipos de displays relacionados a tipos específicos de interações. Para Plutchik (op. cit.), displays são comportamentos conspícuos (sinais amplificados, especialmente nítidos), relacionados a eventos emocionais importantes: (congratulação, cortejamento, dominância/submissão, alarme, desafio, desconforto, etc., tendo em comum a alta probabilidade de induzir sentimentos similares e comportamentos nos indivíduos que expressam e percebem o display. p. 21).

Os sentimentos, pensamentos e as ações de cuidar parecem apoiar-se em três origens: nos sistemas inatos, nos adquiridos (como imitações e aprendizagens) e nas construções individuais. Possuir um aparelho cerebral capaz das empatias, de se comover diante de situações de sofrimento e reagir por afetos e ações protetoras, ser capaz de expressões de alerta para desencadear cuidados por parceiros (como expressões faciais de dor, frustração, tristeza e choro), tudo isto é tão importante para a sobrevivência quanto herdar a própria cultura de cuidar. Não existe a necessidade de que as abordagens teóricas que estudam estes temas polarizem-se em primazias do inato e do adquirido. Uma cultura de cuidado seria inviável sem um organismo capaz de assimilar, registrar, reproduzir e expressar esquemas de cuidado. De forma complementar, um sistema cerebral preparado inatamente para realizar algumas funções de cuidar não tornaria estas funções tão eficazes se não se criasse uma cultura apoiadora.

Também os processos morais humanos parecem ter algumas de suas bases biológicas apoiadas parcialmente em sistemas afetivo-emocionais orgânicos criados na evolução filogenética dos mamíferos e dos primatas ancestrais do *Homo sapiens*, o que podemos denominar por organizações proto-morais. A capacidade moral humana não se restringe a estas bases orgânicas, pois dependem de construções ontogenéticas individuais e contextualizadas, relacionadas às organizações ambientais



particulares como o meio-social, a cultura e todos os aspectos exógenos das relações de trocas.

### **8.5 A CULTURA AFETANDO INSTINTOS: SUB, SUPER**

#### **INSTINTUALIZAÇÃO E HARMONIZAÇÃO SOCIAL DOS INSTINTOS**

Que as organizações sociais sejam capazes de diferentes formas de lidar com as necessidades instintivas, isto não é grande novidade. Mas podemos compreender que existem três formas básicas de influência cultural sobre a instintividade:

- As culturas subinstintualizantes (as que tendem a promover superinibições das necessidades instintivas),
- as Superinstintualizantes (as que tendem a promover superexcitações das necessidades instintivas)
- e as eqüi-instintualizantes (aquelas que lidam harmonicamente com necessidades instintivas).

É claro que cada cultura específica lida de formas diferentes com cada elemento instintivo: um povo pode subinstintualizar a sexualidade e superinstintualizar a fome, outra cultura pode superinstintualizar as relações hierárquicas de poder, subinstintualizar as dinâmicas de empatias, compaixão, etc.

Tratamos, assim, de diferentes níveis de motivação e desmotivação. Em nossa terminologia, falamos de assimilações cognitivas, afetivas e instintivas; refreadoras e impulsionadoras; adaptativas ou deformantes. Compreendemos que as diversas organizações sociais humanas realizam diferentes

formas e intensidades de harmonizações e desarmonizações instintuais. Ressaltemos, também, que, assim como a cultura e o pensamento interferem na instintividade, o instinto também imprime suas marcas nas sociedades e nos indivíduos.

## **8.6 HARMONIA E DESARMONIA SOCIAL NAS ESQUEMÁTICAS**

### **CULTURAIS: OS AMBIENTES SOCIAIS ETICIZANTES E**

#### **ANTIETICIZANTES**

Pela "enésima" vez, tentemos nos embasar em Piaget:

[uma ciência social] [...] introduz, cedo ou tarde, nas formas de pensamento comum ou diferenciadas que procura explicar, uma distinção análoga à que podemos fazer, no domínio individual, entre o pensamento egocêntrico ou subjetivo e o pensamento descentralizado ou objetivo: ela reconhecerá em certas formas de pensamento o reflexo das preocupações do grupo restrito ao qual pertence o indivíduo, trate-se deste sociomorfismo descrito nas representações coletivas das sociedades primitivas ou deste sociocentrismo nacional ou de classe, cada vez mais refinado e disfarçado, que se encontra nas ideologias e nas metafísicas; ela discernirá, em contraposição, em outras formas de pensamento, a possibilidade de universalização verdadeira das operações em jogo, como é o caso do pensamento científico. (Piaget, 1965, p. 29-30).

Podemos considerar que nos ambientes que não favoreçam as construções afetivas, cognitivas e morais superiores (harmonia afetiva, inteligência formal e ética), as motivações egocêntricas devem ser mais comuns porque são mais primitivas no desenvolvimento psicogenético. As possibilidades de evolução destes aspectos dependem grandemente das diferenças ambientais que sejam oferecidas aos indivíduos. Parece-nos ser por isto que há países, cidades e bairros com graus distintos de organização moral individual. Miséria material, cultural e de valores, carência de espaços de realização de potencialidades prazerosas, criativas e benéficas para as crianças e os jovens,

uma cultura de poucas perspectivas para o futuro, de distanciamento entre pais e filhos, de exposição à violência, ao desrespeito, tudo isto são condições ambientais que desfavorecem (mas não impedem completamente) o bom curso da evolução afetiva e moral de quem viva nestas condições.

Um desdobramento que surge a partir destas reflexões sócio-psicodinâmicas é a das noções de ambientações motivadoras e desmotivadoras. Uma ambientação motivadora é aquela que favorece as assimilações de um determinado esquema afetivo-cognitivo interacional ou transmissível de pessoa para pessoa, para grupos ou para uma coletividade. Os conteúdos e meios de transmissão destes esquemas podem ser de vários tipos: uma conversa, brincadeiras e jogos, uma aula, uma técnica vivencial, um livro, filmes e qualquer tipo de mídia.

Na compreensão das realidades sociais, podemos tratar de processos de assimilação grupal e assimilação coletiva: isto envolveria algum esquema, transmitido por qualquer meio, a diversos indivíduos, que assimilam menos ou mais integralmente o esquema transmitido. Uma assimilação grupal com alto índice de competência significa que a maioria assimilou adequadamente, com baixa distorção ou deformação.

Um caso interessante de esquematizações interpessoais são o contágio psíquico: ele deve envolver assimilações interindividuais com maior ou menor nível de consciência dos esquemas assimilados, com maior ou menor preponderância de processos acomodativos ou imitativos. Alguns exemplos podem ser

o contágio de risadas, tosses, bocejos, etc (assimilações por esquemas mais instintivos). Nisto há uma influência externa esquematizadora: Elemento A (pessoa ou coisa - mídia) promove esquematizações análogas em B ou B1...Bn.

Neste ponto, tratamos de esquemas de comunicações ou transmissões exógenas (interpessoais, grupais, etc). Alguns esquemas de transmissão podem ser as expressões faciais, os gestos sinalizadores, a verbalização, a escrita, os conteúdos matemáticos em aulas ou textos, etc. A cada esquema transmissível pode corresponder esquemas de recepção e assimilações receptoras: o chorar por contágio, a ação de ajudar a quem chora, reações empáticas a expressões faciais (entristecer-se diante de um rosto triste, sorrir em face a alguém que ri), contágios pré-imitativos (tossir, bocejar), responder verbalmente, cooperar em brincadeiras, desde as mais simples até as mais complexas, como na construção de miniaturas de pontes por crianças (Piaget, 1974).

As interações comunicativas interindividuais podem ser harmônicas (promovendo adaptação mútua dos indivíduos) ou desarmônicas (promovendo sua desadaptação). Um ato de tortura física, uma agressão verbal, o ensino de cálculos errados de matemática, etc são do segundo tipo. Opostamente, o afago e o beijo em contexto apropriado, a escrita de uma carta ou poema amoroso a um parceiro ou parceira que aprecie as Letras, uma conversa de incentivo profissional e uma relação psicoterapêutica são exemplos do primeiro tipo. Obviamente que

as realidades humanas possuem oscilações de preponderâncias destes aspectos: harmonias com certo traço de desarmonia, vice-versa, relações neutras ou de valor adaptativo dificilmente definível.

Devemos explicar aos leitores que estas denominações de esquemas transmissivos podem ter na literatura científica, denominações consagradas que por ora desconhecemos: algo como esquemas comunicadores, expressivos, expressores ou mesmo esquemas semiológicos, etc. Infelizmente, não tivemos tempo para realizar buscas sobre a melhor adequação desta semântica.

Estes conteúdos transmissíveis também podem ser categorizados pelo seu valor social, ético, antiético, neutro ou intermediário em graus diversos. Pode-se compreender nos ambientes suas facetas combináveis: por motivação eticizante (gerador de condutas e juízos éticos), desmotivação eticizante, motivação antieticizante e seu contrário. Estas distinções parecem úteis para se conceber as instituições sociais, econômicas e políticas em relação à assimilabilidade do objeto que se pretende instituir ou transmitir. Um conteúdo político, por exemplo, deve respeitar a esquemática geral do público que se pretende atingir. Este exemplo fala diretamente da necessidade de pesquisa sobre os níveis cognitivos e tipos afetivos nas diversas esferas onde haja interesse em promover algum Bem. Um grupo motivado pode desmotivar-se por inadequação cognitiva do objeto transmitido. Analogamente, um grupo cognitivamente capaz pode sofrer uma intervenção afetivamente

inadequada ou desmotivante. Assim, quando refletimos sobre projetos de vida pessoal ou coletivos, também podemos nos beneficiar desta compreensão pela esquemática integral, tão central em nosso trabalho.

Pensemos nos níveis de assimilabilidade individual e grupal de esquemas. Quando um indivíduo depara-se com uma realidade ambiental externa ou um processo interno que contém uma dada complexidade, este indivíduo pode possuir melhores ou piores estruturas para assimilar bem ou mal aquilo que se lhe apresenta. Uma explicação matemática ou um raciocínio político podem conter estruturas de complexidade superior inassimiláveis ao sujeito. É, portanto, impossível exercer impositivamente alguma evolução científica ou política que não contenha nos indivíduos os esquemas necessários a tais assimilações. Nestes casos estamos abordando competências transindividuais (interpessoais, grupais, coletivas, etc).

## 9 CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como início das considerações finais, fazemos uma recapitulação de alguns de nossos temas. Em primeiro lugar, vejamos mais resumidamente as questões iniciais que nos levaram a criar este trabalho: a Psicologia tem problemas conceituais e de linguagem e necessita de formulações conceituais melhor embasadas? Ter "problemas de linguagem" não é exclusividade da Psicologia: toda Ciência exige evoluções e todo avanço científico envolve aprimoramentos de sua linguagem conceitual, ou seja, da compreensão dos fenômenos e da forma de expressar esta compreensão. Tendo isto em vista, fazemos alguns comentários sobre nossa segunda questão: se conquistamos avanços nos conceitos tendo por base modelos científicos consistentes e se estes modelos puderem abranger aspectos mais gerais dos temas psicológicos, então teremos criado contribuições úteis para diversos ramos. No nosso caso, podemos supor que certos temas podem auxiliar, por conceituações de dinâmicas bastante gerais, a construção de outros elementos teóricos de diversas disciplinas da Psicologia: a Social, a do Desenvolvimento, a Clínica, a educacional, etc. Isto não é uma estima exagerada pelo nosso trabalho, pois sabemos que nossas contribuições, apesar de gerais, são poucas, parciais e carentes de muito aprimoramento, diante de todo o enorme trabalho que falta realizar e toda a produção científica

análoga a nossa que, por seu "gigantismo" jamais teríamos condição de conhecer.

Quando nos perguntamos sobre quais podem ser estas linguagens mais precisas e universais para a Psicologia, focalizamos no Construtivismo de Jean Piaget e fizemos algumas "conexões" com outros pensamentos de fundamento psicobiológico: a Etologia, a Neurologia e, brevemente, tópicos psicanalíticos em Freud e Winnicott. Estes ramos mostram seu valor nestas buscas teóricas integrativas, que podem fazer "interfaces" diversas: a Neurologia pode apoiar a Etologia e a Clínica, o Construtivismo pode dar bases conceituais úteis para outros setores da Psicobiologia, da Psicologia Social, vice-versa e assim por diante.

Certamente as respostas para estes problemas tão vastos e difíceis exigem continuidade nas pesquisas integrativas. Podemos sugerir a continuidade de um integrativismo teórico, já característico de alguns autores, e especialmente realizado e defendido por Jean Piaget, tanto em termos da compreensão sistêmica das totalidades psíquicas, quanto na concepção epistemológica construtivista (que já é essencialmente coordenativa e integradora, por exemplo, nas relações entre a Biologia e o Conhecimento, a Psicologia e a Pedagogia, a Filosofia e a Epistemologia Genética, etc).

A Psicologia possui, como qualquer Ciência, uma importante necessidade de evolução em sua linguagem conceitual. Avançar conceitualmente é uma Construção gradual que exige boas bases



teóricas advindas de autores cujas criações sejam epistemologicamente bem constituídas. Nosso estudo de aspectos da teorização de Jean Piaget mostrou a "fertilidade" de sua fundamentação biológica na construção de conceitos em Psicologia, o que nos permite retomar temas não aprofundados por ele, derivações de seus conceitos mais fundamentais, novas concepções que podemos extrair de toda esta "riqueza" científica. Pudemos compreender a possibilidade de construirmos, como uma comunidade científica cooperativa, uma Ciência Psicológica mais abrangente e apreensível por ramos diversos, que podem embasar-se em conceitos comuns e comunicáveis.

Mesmo que tenhamos realizado aprofundamentos menores na Etologia do que os que fizemos na teoria piagetiana, ela também revelou sua força teórica a partir de concepções biológicas. Assim como Piaget, a Etologia apóia-se em uma atitude objetiva de observar a vida de animais, inclusive o Homem. Tanto na perspectiva piagetiana quanto na etológica, os estudos da Teoria da Evolução e da ontogênese do comportamento, das condutas e do psiquismo podem formar uma rede integrada importante para o avanço científico.

Esperamos que estes nossos estudos e criações teóricas tenham mostrado o quanto é importante abranger cognição e afetividade na compreensão mais global ou integral do psiquismo, em sua faceta endógena e nas relações humanas.

O estudo do Construtivismo de Jean Piaget revelou a importância de seus conceitos para a evolução das teorias psicológicas. Estas bases conceituais são úteis, além das compreensões que já proporcionaram, para novas formulações, para a criação de novos conceitos sobre os fenômenos humanos.

Tentemos sintetizar algumas das nossas idéias:

Estivemos tentando corroborar, esclarecer ou aprofundar os sentidos de "esquemas afetivos", "esquemas instintivos", mas trazemos mais perguntas e dúvidas a solucionar.

Como vimos, várias expressões que Piaget utiliza nas obras que estudamos têm um mesmo caráter de totalidade estrutural. Pareceu-nos importante buscar uma denominação específica para o que Piaget chamou "esquemas de conjunto", "esquemas totais", "esquemas mais completos", "esquemas globais", "enredados", "misturados", etc. O conjunto destas explicações de Piaget sobre estes temas pareceu-nos favorecer a busca de uma denominação mais sintética e que englobe, em uma categoria mais geral, estas características totalizantes. Os "esquemas integrais" seriam, portanto, esta designação compreensiva dos elementos esquemáticos mais "completos", "globais", etc.

A estruturação do psiquismo ocorre pela influência e confluência de fatores afetivos e cognitivos, (lógicos e não lógicos), em uma organização sincro-diacrônica de redes sistêmicas flutuantes, podendo atingir maiores e menores níveis adaptativos para o próprio indivíduo e para a coletividade, dos sentimentos primitivos com pouca estruturação cognitiva

complementar até as organizações operatórias formais ligadas à Ética (envolvendo afetos especiais). Como pretendemos ter esclarecido, a Psicologia poderá beneficiar-se com as concepções de sistemas auto-regulados de esquemas integrais (afetivo-cognitivos multifatoriais). Acreditamos que este conjunto de idéias foi gradual e razoavelmente bem explicado no decorrer do trabalho. Piaget dirá, a seguir, algo que nos ajuda muito neste ponto de buscas mais sintéticas:

A vida afetiva, como a vida intelectual, é uma adaptação contínua e as duas adaptações são, não somente paralelas, mas interdependentes, pois os sentimentos exprimem os interesses e os valores das ações, das quais a inteligência constitui a estrutura. Sendo adaptação, a vida afetiva supõe igualmente uma assimilação contínua das situações presentes às situações anteriores - assimilação que engendra a existência de esquemas afetivos ou maneiras relativamente estáveis de sentir e reagir - e uma acomodação contínua desses esquemas ao presente. Na medida em que este equilíbrio entre a assimilação e a acomodação afetiva é atingido, a regulação consciente dos sentimentos é possível, do mesmo modo que aqueles sistemas normativos que têm como alvo os valores que são os sentimentos morais, dos quais a operação ativa é a vontade. (Piaget, 1945, p. 265).

Entendemos que a gênese afetiva e moral ocorrem com a participação integrada da inteligência, seja no nível das ações, seja no pensamento intuitivo e transdutivo, seja nas estruturações operatórias ou nos raciocínios formais. O que nos interessa, neste momento, é ressaltar a forma integrada na qual motivação e inteligência funcionam nos processos individuais, nas relações interpessoais e nos fenômenos morais. A criança pequena dotada da capacidade de simbolizar e da linguagem sofrerá algumas instabilidades e desafios em suas vivências afetivas e pré-morais. A inteligência operatória fornece a possibilidade de uma maior estabilidade nos juízos a respeito de si e dos outros: a idéia afetivamente vivenciada de que "não

quero fazer o mal a alguém ao mesmo tempo que não quero que me façam mal" é o prenúncio da possibilidade de estabilização da reciprocidade afetiva e moral. Um indivíduo carente de estruturas mentais operatórias terá, em certa medida, um repertório limitado aos sentimentos proto-morais, por exemplo, os empáticos; ora de compaixão (por observação direta ou lembrança); ora de desejos relativamente mais egocêntricos e menos passíveis de regulação por reciprocidade.

Sugerimos, então, que os fatores cognitivos podem estabilizar e fortalecer certas tendências afetivas e morais: uma criança que recebe afetos adequadamente, que pode dar curso aos desejos, à auto-estima, com regulações heterônomas e autônomas das impulsividades; uma criança para quem o desejar e o frustrar-se ocorrem harmonizadamente, poderá ter em sua evolução cognitiva um instrumento aliado à sua base afetiva. Opostamente, uma criança cujas bases afetivas se desenvolvam muito desarmonizadamente (com pouco lugar para a satisfação e a frustração), poderá ter nas esquemáticas cognitivas um instrumento aliado às motivações egocêntricas, impulsivas, etc.

Parece-nos importante enfatizar que os aspectos cognitivos na estruturação das ações e juízos éticos não bastam. Indivíduos apenas inteligentes e em grande desarmonia com a coletividade não podem criar uma Ética verdadeira. Já Aristóteles mostrou o quanto a ética é permeada por traços afetivos como a ira, as paixões, a calma, a modéstia, havendo sempre pontos de equilíbrio entre extremos nocivos. Tratam-se

de níveis de evolução afetiva e cognitiva que se constroem sobre certas bases e acrescentam complexidade à estruturação anterior e a torna mais consolidada.

A concepção integrativa dos elementos afetivos e cognitivos, individuais e sociais parece-nos valiosa, pois estamos buscando compreender acontecimentos humanos mais amplos ou sistemas vistos por ângulos mais completos. Se há sistemas psíquicos diversos no cérebro humano e nossa conduta é permeada pelo conjunto de seus subsistemas interagindo, uma Psicologia integradora destas realidades deve se fortalecer.

Jean Piaget trata explicitamente da necessidade de que se crie uma Psicologia que abranja cognição e afetividade, portanto uma Psicologia integrativa, como assim acreditamos ser um título razoável para essas buscas teóricas. Ele diz:

[...] havendo Freud e os psicanalistas sido muito tempo desprezados e sua doutrina deformada pelos psicólogos de laboratório, constituíram eles uma organização sua própria, da qual os serviços práticos são evidentes num domínio em que a aplicação supõe a regulamentação, mas que apresenta o perigo de cristalizar e manter intangível uma verdade de escola. Chegou, porém, o momento de esquecer ao mesmo tempo as prevenções oficiais e o espírito de capela para integrar a parte, viva do freudismo na psicologia. Ora, essa realidade integrável é constituída pelo método e pelos fatos. (Ibid., p. 237).

[...] la conclusión de todo esto es que todavía quedan múltiples problemas que resolver y conviene pensar, desde hoy, en la fundación de una psicología general que trate simultáneamente de los mecanismos descubiertos por el psicoanálisis y de los procesos cognoscitivos, pues el tipo de comparaciones a las que nos hemos referido aquí no hace más que empezar y parece muy prometedor. (Piaget, 1972. p. 306).

[...] estoy persuadido de que llegará un día en que la psicología de las funciones cognoscitivas y el psicoanálisis se verán obligados a fusionarse en una teoría general que los mejorará a los dos, corrigiendo tanto a una como a otro, y lo que conviene es preparar este futuro mostrando desde ahora las relaciones que pueden emistir entre ambos. (Ibid., p. 291-292).

Além disto, parece-nos que uma concepção sistêmica e biológica das harmonias e desarmonias psíquicas e sociais pode

dar alguma contribuição para que nossa Ciência crie formas de propiciar à coletividade uma condição mais ética de viver. Afetos harmônicos em consonância com capacidades cognitivas especiais parecem ser um elemento importante para a construção de um futuro humano cada vez mais justo.

Supomos que poderá ser importante para a Psicologia considerar que a cultura e a moralidade nos indivíduos e sociedades se constroem com base nas organizações motivacionais afetivo-cognitivas, discretamente expostas aqui. Também a pesquisa sobre nossa natureza biológica, nossos traços instintivos e herdados têm grande valor. Vejamos a seguinte compreensão de Eibl-Eibesfeldt:

O Bem ou o Mal? A inclinação para a intolerância e para a agressividade é, por certo, inata, mas não trazemos na testa um sinal que nos identifique com Caim. A tese de que o homem é um ser assassino não é defensável. Pelo contrário; as investigações já realizadas revelam que somos por natureza seres pacíficos.

Com esta exposição, fundamentalmente otimista, não pretendo de modo algum subvalorizar a nossa agressividade. Refiro-me às potencialidades boas que nem sempre se encontram despertadas. A educação sem amor e a hostilização tornam os homens duros e sepultam a sua tendência inata de amar o próximo. Quando terminarmos de erguer barreiras à comunicação e de representarmos os nossos semelhantes como seres odiosos - ainda que possuam outros sistemas de valores - e quando começarmos a dar relevo aos aspectos vinculadores, então poderemos estar seguros que garantimos um futuro feliz aos nossos netos. As potencialidades do Bem são biologicamente tão nossas como as do auto-aniquilamento. Neste planeta árido, a vida foi sempre ascendendo sob novas formas, das algas mais simples até ao homem, que medita sobre esta criação, trata por sua vez de lhe dar forma e, ao fazê-lo, talvez acabe com ela. Seria, certamente, um modo muito grotesco de resolver a questão relativa ao sentido da vida. (Eibl-Eibesfeldt, 1970. p. 268-269?).

Piaget também diz algo relevante sobre isto: "[Aquilo que é imposto precocemente pelo adulto não] é sentido do interior como são sentidos um movimento de simpatia ou um movimento de piedade." (Piaget, 1932, p. 167).

"A criança não nasce nem boa nem má, tanto do ponto de vista intelectual, como do ponto de vista moral, mas dona de seu destino." (Ibid., p. 86).

### **9.1 INTELIGÊNCIA POLÍTICA E SENTIMENTO POLÍTICO**

Como pudemos notar, ainda que brevemente, no período operatório-formal, tornam-se possíveis os sentimentos humanitários ligados a temas abstratos como "as dinâmicas sociais diversas em todo o planeta", "o planejamento do futuro da Humanidade", "os sistemas sócio-econômicos e políticos", "as relações ecológicas na Biosfera", etc. Quando estes ideais possuem conteúdos e estruturações de características justas, igualitárias, distributivas, etc, os sentimentos e pensamentos deste gênero devem organizar-se por esquemas afetivo-cognitivos harmônicos e formais. Piaget já deu um importante passo no estudo destes processos em "O Juízo Moral na Criança" (1932), obra que merece retornar ao centro das pesquisas destes ramos essenciais para nosso destino coletivo.

Estamos considerando o caso em que a inteligência humana serve aos fins éticos da Humanidade. É claro que a objeção de que a inteligência pode servir, igualmente, ao egoísmo não é uma objeção que invalide nossas análises. De fato a inteligência não é essencialmente moral, não traz conteúdos necessários do bem e do mal, não tende necessariamente à Ética. Mas a relação entre sistemas afetivos harmoniosos auto-regulados e estas conquistas cognitivas desenvolvidas parecem

ser uma compreensão teórica importante para os temas que estudamos.

Sugerimos que a construção de uma sociedade planetariamente mais justa exige a consideração científica pormenorizada e profunda dos dois aspectos indissociáveis no psiquismo humano: emoção e razão, cognição e afeto, sentimento e pensamento, etc. Este se revela um universo científico dos mais prioritariamente merecedores de pesquisas e mais pesquisas, pois o papel da Ciência não pode estar desligado da sua função para o Bem coletivo, portanto de todo o globo, sua riqueza biológica, inclusive as humanas na Arte, na Política, na Ética e em tudo que seja valioso para nós.

Mas não devemos supor, o que seria um pouco ingênuo, que a cognição e os afetos sirvam apenas a fins sublimes, artísticos e éticos da Humanidade. É razoável supor que algum grau de funcionalidade social tenha raízes em tendências filogeneticamente constituídas (como vimos no capítulo anterior, a partir de estudos etológicos). Mas a razão e os sentimentos servem, também, à causa da agressão, da dominação, da guerra, da busca desenfreada de poder e, por isto, não poderíamos cair numa "romantização" ingênua da vida cognitiva e nem da afetiva. Somos um organismo multifacetado e carregamos tendências egoístas e altruístas.

A seguir, Piaget apresenta uma concepção da Pedagogia que não se restringe, pela coerência de sua obra, ao ambiente



escolar. Ao contrário, ele fala de valores e processos bastante universais:

A cooperação das crianças entre si apresenta [...] uma importância tão grande quanto a ação dos adultos. Do ponto de vista intelectual, é ela que está mais apta a favorecer o intercâmbio real do pensamento e da discussão, isto é, todas as condutas suscetíveis de educarem o espírito crítico, a objetividade e a reflexão discursiva. Do ponto de vista moral, ela chega a um exercício real dos princípios da conduta, e não só a uma submissão exterior. Dizendo de outra maneira, a vida social, penetrando na classe pela colaboração efetiva dos alunos e a disciplina autônoma do grupo, implica o ideal mesmo de atividade que precedentemente descrevemos como característico da escola moderna: ela é a moral em ação, como o trabalho "ativo" é a inteligência em ato. Muito mais, a cooperação conduz a um conjunto de valores especiais tais como o da justiça baseada na igualdade e o da solidariedade "orgânica". (Piaget, 1969, p. 184).

Resta discutir uma questão essencial. Como é que a prática da democracia está tão avançada no jogo de bolinhas dos meninos de onze a treze anos, enquanto é ainda tão pouco familiar ao adulto, em muitos campos? É evidente que o entendimento em certos terrenos é mais fácil que em outros, como é claro que as regras do 'quadrado' não poderiam provocar opiniões apaixonadas, como se verifica numa discussão sobre o direito de propriedade ou a legitimidade da guerra. Mas, independentemente dessas razões (e, no final de contas, será tão evidente que as questões sociais sejam mais importantes, para nós do que o são as regras do jogo para a criança de doze anos?) (Piaget, 1932, p. 65).

Alguns pensamentos de Piaget sintetizam de forma brilhante as razões e motivações deste estudo, assim como seus frutos e conseqüências. Tratam-se de reflexões tão belas e inteligentes que as tomamos como encerramento do trabalho:

Como não ficar impressionado por uma série de contra-sensos psicológicos: o esforço dos pais para apanhar a criança em falta, em lugar de prevenir as catástrofes e impedi-la, com derivativos quaisquer, de empenhar-se a entrar num caminho onde seu amor-próprio a fará perseverar; a multiplicidade das ordens (os "pais médios" são como os governantes sem inteligência que se limitam a acumular as leis, com desprezo mesmo das contradições e da confusão de espírito crescente que resulta desta acumulação); o prazer de aplicar sanções; o prazer de usar sua autoridade e esta espécie de sadismo que observamos tão freqüentemente mesmo entre muita gente educada, cuja máxima é que é necessário "quebrar a vontade da criança" ou "fazer sentir à criança que há uma vontade superior à dela".

Uma tal pedagogia chega àquele perpétuo estado de tensão, que é o apanágio de tantas famílias e que os pais responsáveis lançam, evidentemente, à conta da maldade inata da criança e do pecado original. Mas, por mais correntes e legítimas que sejam, em muitos casos, a defesa e a revolta da criança contra tais processos, é, entretanto, na maioria dos casos, vencida interiormente. Não podendo fazer exatamente a separação entre o que é certo e o que é criticável na atitude dos pais, não podendo julgar objetivamente os pais, dada a

"ambivalência" de seus sentimentos a respeito deles, a criança, em seus momentos de afeto, acaba interiormente por dar razão à sua autoridade. Tornando-se adulta, só muito excepcionalmente conseguirá desfazer-se dos esquemas afetivos assim adquiridos e será tão estúpida com seus próprios filhos quanto o foram com ela. (Ibid., p. 168-169).

[...] por mais parciais que sejam nossos resultados, temos confiança em seu futuro, não obstante a imensidade do domínio que resta a explorar. (Piaget, 1950, p. 190).

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ADORNO, Theodor. W.; HORKHEIMER, M. Dialética do Esclarecimento Fragmentos Filosóficos. Trad: Guido Antonio de Almeida Rio de Janeiro: Zahar, 1986. 254 p.
- ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco.(335 a.C.-323.a.C). Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2001.
- BERTALANFFY, Karl Ludwig Von. Teoria Geral dos Sistemas. Trad. Francisco M. Guimarães. Ed. Vozes, 1977. 351 p.
- BOHEM, C. (1999). Hierarchy in the Forest: The Evolution of Egalitarian Behavior. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- BOWLBY, John. Apego. Vol. 1. 1969. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Ed. Livraria Martins Fontes, 1984.
- BRANDÃO, M. L. Comportamento Emocional. São Paulo: Ed. Lemos. 1993. 184 p.
- BRINGUIER, Jean - Claude. Conversando com Jean Piaget. 1977. Trad. Maria José Guedes. Rio de Janeiro: Ed. DIFEL, 1978.
- BUSSAB, Vera Silvia R.; PEDROSA, Maria Isabel; CARVALHO, Ana Maria Almeida. 2004. Encontros com o outro: empatia e intersubjetividade no primeiro ano de vida (referência de página utilizada da versão no prelo, fornecida pela autora). Posteriormente publicado em: Psicologia USP São Paulo, v. 18, n. 2, p. 99-133, 2007.
- COSMIDES, Leda; TOOBY, John. Evolutionary Psychology - and the Emotions. In: Handbook of Emotions. Guilford Press, 2004. 720pp.

DAMÁSIO, Antônio, R. O Erro de Descartes. 1994. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1996. 330 p.

DARWIN, Charles. A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais. 1872. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2004. 376 p.

DEL NERO, Henrique S. O Sítio da Mente. São Paulo: Ed. Collegium Cognitio (versão eletrônica), 2002. 163 p.

EIBL - EIBESFELDT, Irenaus. Amor e Ódio, História Natural dos Padrões Elementares de Comportamento. Livraria Bertrand, 1970.

FREUD, Sigmund. A Dissecção da Personalidade Psíquica - Conferência XXXI. 1933. In: Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e Outros Trabalhos, Vol. XXII. Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Versão 2.0. Rio de Janeiro: Ed. Imago.

O Esclarecimento Sexual das Crianças: (Carta Aberta ao Dr. M. Furst). 1924. In: Gradiva de Jensen e outros trabalhos, Vol. IX. Edição Eletrônica das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Versão 2.0. Rio de Janeiro: Ed. Imago.

FULGÊNCIO, Leopoldo. Notas sobre o abandono do conceito de pulsão na obra de Winnicott. Winnicott e-Prints electronic version - ISN 1679-432X Vol. 5, n. 1, 2006.

GOODAL, Jane. Uma Janela para a Vida. 30 anos com chimpanzés da Tanzânia. 1990. Trad. Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1991.

GRANGER, Gilles G. A Ciência e as Ciências. 1993. Trad: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Ed. UNESP, 1994. 122p.

Langages et épistémologie. Paris: Edicion Klincksieck, 1979.

O Irracional. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Ed. UNESP, 2002. 290 p.

GREEN, André. A Pulsão de Morte. São Paulo: Ed. Escuta, 1988. 109 p.

HEGENBERG, Leônidas. A lógica e a teoria de Jean Piaget: a implicação significativa. 1991. São Paulo: Revista Psicologia USP, 2 (112):25-32.

HOFFMAN, M. L. (1981). Is altruism part of human nature? *Journal of Personality and Social Psychology*, 1981, 40, 121-137.

JR, MARINO. Fisiologia das Emoções - Introdução a Neurologia do Comportamento, Anatomia e Funções do Sistema Límbico. São Paulo: Ed. Sarvier, 1975. 101 p.

KILLEN, Melanie; DE WAAL e col. The evolution and development of morality. 2000. *Natural conflict resolution*. (pp. 352-372). Berkeley: University of California Press.

LORENZ, Konrad. Os Fundamentos da Etologia. 1981. Trad. Pedro Mello Cruz e Carlos C. Alberts. São Paulo: Ed. UNESP, 1995. 466 p.

MOSCOVICI, Serge. A Representação Social da Psicanálise. 1961. Trad: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

OUTEIRAL, José. Prefácio. In: O Ambiente e os Processos de Maturação Estudos sobre a Teoria do Desenvolvimento Emocional.

Trad. Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1982. 268 p.

PESSOA, Fernando. Obra Poética. 1960. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar. 1997.

PIAGET, Jean. 6 estudos. 1964. Trad: Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. Rio de Janeiro: Ed. Forense. 1967. 152p.

Biologia e Conhecimento. 1967. Trad. Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Ed. Vozes. 1973. 424p.

Biologie et Connaissance: essai sur les relations organiques et les processus cognitifs. 1967. Ed. Gallimard, 1970.

A construção do real na criança. 1937. Trad: Ramon Américo Vasques. São Paulo: Ed. Ática, 1996. 392 p.

A Epistemologia Genética. 1950. In: Os Pensadores. Trad: Nathanael C. Caixeiro. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1975.

A Equilibração das Estruturas Cognitivas: Problema central do desenvolvimento. 1975. Trad: Marion Merlone dos Santos Penna. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1976, 175 p.

A Formação do Símbolo na Criança. 1945. Trad: Álvaro Cabral e Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 1990.

La Formation du Symbole chez l' Enfant. 1945. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé. 1968.

PIAGET, Jean; INHELDER, B. Da lógica da criança à lógica do adolescente: ensaio sobre a construção das estruturas

operatórias formais. 1955. Trad: Dante Moreira Leite. São Paulo: Ed. Pioneira, 1976. 259 p.

El Pensamiento Simbólico y El Pensamiento del Niño. 1923. Trad: Silvia Pasternac. Paris: Bulletin de la Societé de Alfred Binet.

El Psicoanálisis y el Desarrollo Intelectual. 1933. Trad: Silvía Pasternac. Revue Française de Psychanalyse.

Estudos Sociológicos. 1965. Trad. Reginaldo di Piero. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 1973. 231 p.

Fazer e Compreender: Jean Piaget, M. Amann. 1974. Trad: Christina Larroudé de Paula Leite. São Paulo. Melhoramentos: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

Inconsciente Afectivo e Inconsciente Cognoscitivo. 1972. In: Problemas de Psicologia Genética. Trad: Miguel A. Quintanilla e Ana Maria Tízon, Barcelona, 1975.

O Julgamento Moral na Criança. 1932. Trad: Elzon Lenardon. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1977. 358 p.

Las Relaciones entre la Inteligencia y la Afectividad en el Desarrollo del Niño. 1954. Trad: Silvia Pasternac. Paris: Bulletin de Psychologie Vol 7.

O Estruturalismo. 1968. Trad: Moacir Renato de Amorim. São Paulo: DIFEL, 1979. 119p.

O Nascimento da Inteligência na Criança. 1936. Trad: Maria Luísa Lima. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.

La Naissance de Intelligence chez l' Enfant. 1936. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé, 1936. 425 p.

O Possível e o Necessário: evolução dos possíveis na criança, por Jean Piaget e outros. 1976. Trad. Bernardina Machado de Albuquerque. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas. 1985. 137p.

Psicologia e Pedagogia. 1969. Trad: D. A. Lindoso e Silva, R. M. R. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1985. 183 p.

Réussir et Comprendre. 1974. Paris: PUF.

Sabedoria e Ilusões da Filosofia. 1965b. In: Os Pensadores. Trad: Zilda Abujamra Daeir. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

La Psychologie de L'Enfant. 2 éme éd. Revue. Paris: PUP, 1967. 227 p.

Psicologia da criança. 1967b. Trad: Octávio Mendes Cajado. São Paulo: DIFEL, 1982. 137 p.

RAMOZZI - CHIAROTTINO, Zélia. Piaget: Modelo e Estrutura. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio. Ed., 1972. 94p

Psicologia e Epistemologia Genética de Jean Piaget. São Paulo: EPU, 1988. 87 p.

Sistemas lógicos e sistemas de significação na obra de Jean Piaget. São Paulo: Psicologia USP, 1991.

RIDLEY, Matt. As Origens da Virtude: um estudo biológico da solidariedade. 1996. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre a origem da desigualdade. 1754. Tradução: Maria Lacerda de Moura. Edição Ridendo Castigat Mores, Versão para eBook eBooksBrasil.

www.jahr.org. Copyright: Domínio Público



SANTAELLA, Lúcia. O que é Semiótica. 1983. São Paulo: Ed. Brasiliense.

WINNICOTT, Donald W. O Ambiente e os Processos de Maturação. 1965. Trad. de Irineu Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.

O Brincar e a realidade Trad. de José Octavio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975. 203 p.